

# VIAGEM DE VOLTA AO MUNDO

Relatos de dois buscadores  
Agosto de 2006 a março de 2007



Marília, Fernando e um sonho que saiu do papel

## Sumário de nossa aventura

- Início (Holanda - Bélgica - Reino Unido) pag. 3
- Turquia pag. 4
- Tunísia pag. 17
- Itália pag. 31
- Eslovênia pag. 52
- Áustria pag. 56
- Irlanda pag. 61
- Escócia pag. 63
- Israel pag. 64/72
- Jordânia pag. 70
- Índia pag. 76
- Nepal pag. 99
- Tailândia pag.104/113
- Camboja pag. 109
- Laos pag. 111
- China pag.115/119
- Coréia do Sul pag. 117
- Canadá pag. 127
- São Paulo pag. 130

## Partida

### Brasil - Holanda - Bélgica - Reino Unido - Turquia

Fernando Naigeborin

Saímos de São Paulo no dia 13 de agosto de 2006, domingo, oficialmente Dia dos Pais.

O primeiro destino: Amsterdã, Holanda. A intenção era aproveitar os próximos dias para descansar, passear, namorar e, mais importante de tudo: começar a aclimatação com a nova realidade, sem chave de casa, sem cotidiano, sem trabalho, sem hora marcada.

E assim transcorreram 4 dias preciosos que encheram nossos olhos com o charme da cidade e suas pontes, do povo local e de suas bicicletas ecológicas e democráticas. Sem contar com a arte de Van Gogh, talvez o maior pintor de todos os tempos.

A seguir outros 2 dias em Bruges, na Bélgica, cidade medieval tão linda quanto cenográfica, propícia para abrigar uma série de contos de fadas (ou uma novela das oito); e mais 2 dias em Bruxelas, uma capital um tanto insossa e muito chuvosa, e que por conta de ambos predicados foi eleita o primeiro "spa" da viagem (depois de pousadas franciscanas, mas paradoxalmente barulhentas, com quartos ínfimos, banheiros coletivos e nem sempre assépticos, resolvemos nos dar de presente um bom hotel).

De lá seguimos por terra e mar para uma semana em uma Londres dinâmica, acelerada, que a cada dia nos chamava para diferentes atrações, museus, atividades ao ar livre, passeios alternativos, arte, moda e cultura (até o maior carnaval de rua da Europa pegamos, em Notting Hill). Tudo ao mesmo tempo agora. Difícil escolher o que fazer.

Nesse período de aclimatação começamos a programar, ou melhor reprogramar, nossos corpos e mentes para uma nova realidade a cada dia, que nos oferece intermitentemente um novo jeito de ver a vida.

E neste período começamos a nos acostumar a uma nova rotina sem rotina, feita e refeita a cada dia e a nos habituar com quartos de pensões, pousadas e hotéis e a chamá-los de CASA.

Também começamos a perceber novos e agora repetitivos ritos de passagem como o abrir e fechar das mochilas - nosso casco e concha -, o desvendar de mapas em lugares desconhecidos, as trocas de dinheiro e câmbio, o planejamento dos passeios, das cidades, das finanças e outras muitas grandes e pequenas providências.

E o tempo passou devagar, o sol se pondo tarde e o relógio biológico começando a se acostumar com novos horários para acordar, dormir, comer, viver. E fomos descobrindo e desvelando museus maravilhosos, vistas inesquecíveis, pensamentos e reflexões.

Até que aterrissamos na manhã do dia 29 de agosto em Istambul, Turquia. A viagem foi antecedida por um pouco de estresse, pois no dia anterior ao embarque, ficamos sabendo de um alguns atentados a bomba em regiões turísticas do país. Mas, mesmo assim, depois de muito discutir e conversar, decidimos manter os planos e embarcar. E este dia foi estabelecido por nós como o marco zero da viagem.

## Istambul - 01/09

### Turquia

Fernando Naigeborin



Um pé na Europa, outro na Ásia. Assim é a localização física de Istambul. Assim também é a culinária, a arquitetura, a cultura e tudo mais. Um caldeirão de antigas civilizações, um lugar exótico (a palavra é rasa mas ainda é a melhor que há para se descrever isso aqui) que oferece infinitas possibilidades ao juntar em um só lugar beleza natural, excelentes museus, palácios deslumbrantes, mesquitas milenares e uma miríade de pequenas descobertas em seus mercados.

Fica fácil perceber um clima diferente no ar. O calor até agora inédito, o arabesco das músicas, o perfume das especiarias e dos onipresentes kebabs que se misturam pelas ruelas apertadas nos dão pistas de que a fronteira entre Ocidente e Oriente é aqui.

Mas são as pessoas que enchem as calçadas, os mercados, as balsas e os ônibus que fazem tudo em volta ter outro sentido. Os turcos são simpáticos, falantes (e ruidosos). Mas antes de tudo são muito hospitaleiros. Dá para entender a expressão que estampa dez em dez guias de viagem: a hospitalidade turca.

Ficamos hospedados em Sultan Ahmet (o nome é uma homenagem ao sultão que conquistou a cidade por volta de 1400 dos cristãos de Constantinopla), bairro antigo na parte europeia da cidade. Neste naco de terra estão a maioria dos pontos turísticos de Istambul, como a mesquita azul, o Palácio Topkapi, famoso pelo seu impressionante harém e Aya Sofia, basílica bizantina do século VI transformada em uma monumental mesquita. Aqui também o Bósforo se revela em curvas suaves, nos intervalos entre as muralhas da cidade antiga e das construções desgastadas pelo tempo-espaço.

As inúmeras mesquitas, aliás, merecem um destaque especial. Pontuando toda a cidade, são, sem dúvida, um espetáculo a parte. Seus minaretes afiados rasgam o céu azul escarpado com a mesma intensidade que os sons que saem religiosamente cinco vezes ao dia dos muezzins (os cantores litúrgicos religiosos islâmicos). A sensação é de estar fora de qualquer coisa já conhecida. É estar sonhando. A decoração interna é formidável, com mosaicos, arabescos e o melhor da arte caligráfica (tudo isso consequência direta da lei islâmica que não permite a reprodução de faces humanas em ambientes religiosos).

Para visitá-las, é preciso tirar os sapatos e deixá-los em alguma das estantes de madeira que ficam ao lado das grandes portas das mesquitas. As mulheres tem que obrigatoriamente cobrir a cabeça com um véu (no caso dos turistas lenços são gentilmente emprestados pelos

zeladores). Pequenos detalhes para nós, mas que significam muito e fazem toda a diferença ao constituir um exercício simbólico de respeito a tradição alheia.

Um certo caos controlado governa a cidade e é a tampa da panela do jeito turco de viver. Até onde a vista alcança, é possível encontrar toda sorte de produtos a venda, sempre expostos de forma a marcar o território das lojas. O comércio é algo muito marcante no dia-a-dia das pessoas e entra na vida das crianças pequenas, que acompanham seus pais no mercado, na feira, sempre aprendendo a arte da venda.

O Gran Bazaar, mais um destino turístico certo, talvez seja o melhor exemplo de como a pechincha, a compra e venda fazem parte do cotidiano da cidade. Fica numa construção muito antiga (uma espécie de shopping center medieval) e conta com mais de 4 mil lojas. Encontra-se de tudo, desde utensílios domésticos, luminárias, até muito ouro e prata, carpetes, roupas, tecidos e porcelanas. E mais, muito mais... Como os preços não são demarcados, entra-se aí uma arte muito antiga por aqui: a negociação. Perto fica o mercado egípcio com temperos, especiarias, doces, pistaches, damascos. Flanando por esses mercados nos transportamos para um outro tempo, para os livros de história, para a rota da seda, para a rota das especiarias. Ao fundo multidões de pessoas, indo, vindo, comprando, vendendo sob as tendas coloridas, como a milhares de anos atrás.

No Gran Bazaar tivemos também uma grande experiência gastronômica, talvez a primeira de várias na Turquia. Em um restaurantinho dentro do sinuoso mercado, comemos do bom e do melhor. Mas fato é que é um privilégio sentar em qualquer cantinho e comer regamente. Afora os tradicionais kebabs (sim, eles estão em todas as partes e há centenas de variedades sobre o tema) há muitas outras comidas típicas sensacionais...

Se na Europa estávamos mimetizados com o povo local, aqui todo mundo percebe que somos ``gringos``. Sempre nos perguntam se somos alemães. Quando falamos que somos do Brasil, vem a surpresa.

## **Eskisehir - 03/09**

### **Turquia**

Marília Barrichello Naigeborin

A próxima parada, depois de Istambul foi Eskisehir, cidade universitária, moderna e em grande desenvolvimento.

Embora não muito turística, uma razão bastante especial nos trouxe até lá: rever uma amiga de infância, que conheci em Piracicaba há quase 20 anos, durante as aulas de piano. A Lilian, pessoa muito querida de quem estou falando, estudou piano com a mesma professora que eu. Dividimos muitas audições, concursos e ensaios até que o tempo passou, novos caminhos surgiram e cada uma seguiu seu destino. Ela continuou seriamente com o piano, fez faculdade de música e eu fui estudar publicidade e abandonei, com grandes promessas para voltar, as memoráveis aulas de piano.

Voltei a encontrar a Lilian em 2002 numa daquelas situações que mais parecem peças pregadas pelo destino. Eu estava morando e trabalhando em uma ONG em Moscou quando minha mãe descobriu que a Lilian também estava por lá, já há algum tempo, fazendo o seu mestrado. Resolvi procurá-la e aparecer em sua casa, mas como não havia telefone, apareci sem avisar. O resultado foi um grande susto, mas que acredito ter valido a pena!

Foi ótimo reencontrá-la depois de tanto tempo, vivendo numa cidade tão diferente como Moscou e já habituada, falando o russo. Ainda hoje me lembro da Lilian como um anjo da guarda, que me ajudou em situações difíceis e me mostrou o lado mais musical da cidade. Depois dessa coincidência nem imaginei que viria outra, quando terminados os estudos a Lilian veio para a Turquia para junto com seu marido, Burak, maestro turco que conheceu ainda na Rússia. E eis que nos encontramos novamente, longe de terras brasileiras! Isso que é mundo globalizado!

Ficamos 3 dias em Eskisehir, sentindo o conforto de sermos cuidados sob uma atmosfera de um lar de verdade. Junto com a Lilian (o Burak infelizmente estava viajando devido a compromissos do trabalho) conhecemos um pouco mais da cultura turca, dos hábitos locais, das comidas, das tradições.

Pudemos entrar um pouco mais dentro de um dia-a-dia típico da cidade visitando lugares triviais, que trazem menos do turismo e mais da vida local como ir ao supermercado, feira, conhecer novas pessoas, caminhar na praça e até mesmo ver televisão e se surpreender com a transmissão de jogos brasileiros ou um concurso de dança do ventre.

Depois que decidimos visitar a Lilian e o Burak descobrimos que próximo de Eskisehir haviam ruínas muito antigas do chamado Vale Frígio. Outra boa surpresa...

## Midas Sehri - 04/09

### Turquia

Fernando Naigeborin



Depois de dois de dias abrigados do acolhimento impessoal de hotéis e pousadas, vivendo o cotidiano de um lar - com direito a longas conversas na cozinha entre goles de café brasileiro, comida caseira e uma recepção para lá de calorosa por parte da Lilian (isso que dá juntar a hospitalidade turca à nossa brasilidade além-mar), achamos que estava na hora de voltar ao já conhecido dia-a-dia da viagem. A verdade é que o sentimento de estar em casa era tão intenso que pela primeira vez senti saudades lá do apê, em São Paulo. enfim, o plano era pegar um ônibus até a cidadezinha de Sehri e de lá qualquer condução disponível para desbravar antigas ruínas em um sítio arqueológico relativamente próximo.

O nosso destino era o Vale Frígio, onde outrora floresceu a civilização frígia (bonito isso...), entre 800 e 500 a.C. Aliás, por falar assim tão didaticamente, você já ouviu falar algo sobre os frígios? Pois é, eu também não. Mas certamente todo mundo conhece o maior expoente dessa cultura: o rei Midas. Sim, o homem, a lenda, que tudo aquilo que tocava transformava em ouro. Mas, pelo que pude entender da história, esse poder não era exatamente um benefício, mas sim uma maldição atribuída a ele por alguma divindade.

Explicações dadas, voltemos a Sehri. Descemos do ônibus na principal e única rua da cidade. Até aqui tudo tranquilo. A tarefa agora era encontrar o rumo para as ruínas. Com um turco abaixo do mínimo necessário, mas com tranquilidade e um pouco de sorte achamos um senhor falante que conseguiu entender que nossa intenção era fazer o périplo entre as principais atrações do sítio arqueológico próximos de lá, nas redondezas da vila de Yazilkaya. Ele entrou em um boteco, sumiu por alguns instantes e voltou com o bigode aberto, mostrando os dentes ao bradar a palavra táxi.

Não demorou cinco minutos para o carro amarelo, um misto de Lada com Fiat 147 aparecer do nada. No volante um senhor com pinta de Brutus (aquele do Popeye), de uns quarenta e poucos, bigode na estica, olho azul, turquesa, transparente. Ao lado, o co-piloto, um molequinho de uns 6, 7 anos, mirrado, encolhido, descalço. Acho que eram pai e filho, pelo silêncio feliz que reinava entre os dois.

Quando entramos no carro, a primeira coisa que percebemos foi o cachorrinho de pelúcia que jazia adormecido atrás do banco traseiro, algo tão contrastante que nem ridículo ficava. Na hora, lembrei do livro do Jonathan Safran Foer, uma vida iluminada. O homem, o menino, o cachorro. Nada a ver, tudo a ver. depois de combinarmos um preço pelo passeio, o carro saiu sem pressa da cidadezinha, deixando um rastro de poeira daqueles que só é bom de ver no cinema. E fecha a janela, por favor.

Meia hora depois já estávamos ali, incrustados no coração de um vale esquecido pelo turismo e pelo mundo moderno, onde o mausoléu do rei adormece tranqüilo. O taxista parou no meio do nada, abriu a porta e apontou a direção. andamos uns 5 minutos e lá estávamos nos dois, apenas nos, no meio de uma mata agreste pontuada por enormes pedras. Uma delas, de uns 20 metros de altura havia sido delicadamente esculpida há mais de 2500 anos para abrigar a tumba do rei.

Midas Sehri, o nome do local em turco, é, certamente um destino tão insólito quanto maravilhoso. Em todas as viagens que já fiz, nunca tive tamanha impressão de descortinar o passado, de revelar algo perdido, no melhor estilo caçadores da arca perdida...

## Sehitgazi - 04/09

### Turquia

Marília Barrichello Naigeborin



No caminho de volta do Vale Frígio para Eskisehir decidimos parar na mesquita da cidade de Sehitgazi e lá vivenciamos um momento emocionante.

A mesquita por si só é bem grande e com uma arquitetura muito bonita. O complexo abriga, além da área de orações, uma sala de dança para os dervixes e outras para ensino de religião, encontros e discussões.

O local estava desabrigado de turistas e com varias pessoas da comunidade reunidas em uma espécie de refeitório. Ao nos verem, nos chamaram. Nós, um pouco tímidos e com bastante dificuldade de comunicação, agradecemos e continuamos a visita. Já havia passado da hora do almoço e estávamos famintos, loucos para atacar os pedaços de bolo e as maçãs oferecidos pela Lilian.

Estávamos observando uma exposição de fotos em uma das salas da grande mesquita, quando uma senhora bem humilde veio até a gente trazendo uma bandejinha de isopor com comida. Depois vieram duas meninas que traziam uma garrafa de coca com água dentro e que depois voltaram com uma bebida rosa, que parecia compota de cereja.

Ver aquele pratinho de comida, tão simples, mas dado de coração para a gente, estrangeiros corados e bem nutridos, naquele lugar insólito mexeu comigo. Ao me dar conta do sorriso sincero oferecido por pessoas que sequer nos conheciam e com as quais não nos encontraríamos novamente; e ao ver aquela bandejinha como uma ponte entre nos e eles - forma mais primária de contato bondoso e generoso - chorei. E logo me concentrei para sorrir, pois essa seria minha principal forma de retribuição.



Saímos felizes depois de comermos todo o cordeiro e o arroz papado com grão de bico, deixando apenas a bandejinha vazia como um vestígio, que minutos depois seria apagado na lata de lixo.

Conversando com os amigos turcos da Lilian descobrimos que mais que uma ação de caridade, tínhamos tido a sorte de visitarmos a mesquita em um dia religioso comemorado com uma confraternização e comida para todos.

## Capadócia - 09/09

### Turquia

Fernando Naigeborin



São 9h30 e acabamos de embarcar no ônibus que nos levará de Goreme até Sanliurfa. Contando a troca de ônibus em Kayseri, serão 8h de viagem, tempo suficiente para escrever, ouvir musica, dormir, acordar e repetir esse mantra algumas vezes. Quem está sempre na estrada sabe bem como é.

Optamos por uma viagem diurna, por dois bons motivos: aproveitar as vistas que se descortinam entre o sul da Anatólia e o sudeste árido do país e, principalmente, evitar o desgaste de um ônibus noturno, como o que pegamos de Eskisehir para Goreme.

Antes agrária e sonolenta, a vila de Goreme é hoje a principal porta de entrada para a Capadócia. Ainda que o turismo tenha batido as portas da cidadezinha, o lugar ainda é pacato o suficiente para se esquecer o frenesi de Istambul. De alguma maneira, é possível traçar um paralelo com a cidadezinha de Lençóis, na Chapada Diamantina. Há diversas opções de hospedagem, alimentação e, principalmente atrações para todos os gostos (e bolsos).

Como aportamos na pequena otogar da cidade (a rodoviária) antes das 6h30 da manhã, aproveitamos para procurar uma boa pousada para ficar. Guia nas mãos, mochilas nas costas, o torpor de uma noite mal dormida e a vila ainda silenciosa fizeram o trajeto para a primeira pousada quase penoso. Sobe aqui, desce ali, procura a placa da rua, não tem nome, vê a outra, não tá no mapa do guia... Afinal chegamos: na recepção a notícia: lotado. Depois de quase um mês sem nos preocuparmos com reservas, recebemos o primeiro não da viagem. Não demorou dez minutos para ouvir o segundo não. Mais uma pousada lotada. Deu para sentir que estávamos em um dos principais destinos turísticos da Turquia.

Mas a sorte virou a nosso favor quando encontramos no caminho a Local Cave Pension. O lugar era na encosta de um dos morros que margeiam Goreme, com uma vista de tirar o fôlego. O rapaz na recepção repetiu o de sempre: full (com o L bem demorado). Mas antes do meia-volta já habitual ele se lembrou que um dos 8 quartos iria vagar às 10h da manhã. Resolvemos esperar em um dos sofás do terraço até a hora certa de entrar no quarto, nosso

futuro lar pelos próximos 4 dias. O quarto, ainda que mais ou menos novo, era encravado na rocha, da mesma forma como se faziam há séculos as casas na região (calma, eu já explico). Uma caverna particular.

Caímos na cama e só despertamos depois das 15h. Depois de um banho reparador, saímos para nos aventurar pela região. Depois de 10 minutos de caminhada já estávamos fora dos limites da cidadezinha, rodeados por vales recobertos por pedras grandes, pequenos morros e plantações de abóbora e uva, aparentemente sem dono. Mas o mais impressionante eram os buracos nas rochas. Eram furos feitos pelas mãos de seres humanos desde o século IV.

A história conta que a Capadócia foi o refúgio preferido das primeiras comunidades cristãs que fugiam da perseguição romana. Como a geologia da região é favorável (quase tudo tem origem basáltica, o que torna as pedras fáceis de serem cavoucadas, mesmo sem instrumentos modernos) e nas redondezas encontram-se fontes de água limpa e árvores frutíferas o local era perfeito para enraizar uma sociedade que vivia na clandestinidade.

Caminhando pelos vales decorados com formações geológicas impensáveis, sem pretensões maiores, encontramos dezenas de vestígios arqueológicos (casas, tumbas, igrejas). em algumas ainda era possível avistar a fina camada que sobrou dos afrescos originais. Em outras, o relevo da cruz na porta de entrada.

Subimos e descemos de um buraco a outro por quilômetros, até o fim do dia. Um pôr-do-sol inspirado encerrou o dia alaranjando tudo à nossa volta. No caminho de volta para Goreme, ainda topamos com dois cidadãos locais que nos ofereceram chá e um dedo de prosa. Em um idioma de retalhos de inglês, italiano e turco pudemos provar da famosa hospitalidade turca. Depois do chá de maçã, um clássico, Osman, o mais novo dos dois, nos convidou a conhecer sua casa, logo ao lado (e no meio do nada). Coisa de cinema, o cara morava em uma antiga casa encravada na rocha. Mas o mais interessante foi entender como tais casas deviam ser decoradas. O lugar era forrado por tapetes, peles de ovelha e almofadas que esquentavam e davam um conforto extra ao lúgubre local. Tudo estava como deveria ser, tirando o radinho de pilha ligado no quarto e um fio que vinha da rua e trazia luz para as duas lâmpadas da casa.

No dia seguinte visitamos o Goreme Open Air Museum, como o próprio nome já diz, uma porção de terra fechada por muros para abrigar um museu com as mais importantes e bem preservadas casas, mosteiros, igrejas e tumbas de toda a região. é um sítio arqueológico fantástico e o acesso as atrações é facilitado por escadas e vias asfaltadas que dão acesso as inúmeras belezas escondidas dentro das pedras. As incontáveis igrejas revelam a beleza de seus afrescos, todos com motivos religiosos e as casas vazias evocam a presença humana por todos os lados.

Na saída, de tão deslumbrado, peguei um caminho errado e acabei descendo ribanceira abaixo por quase dois metros. O susto passou rápido mas a queda trouxe o primeiro souvenir da viagem: um arranha feio, perto do cotovelo.

No terceiro e último dia nos juntamos a um grupo para um day tour. Valeu muito pelas explicações do guia e porque muitos dos locais de interesse eram realmente fora de mão. O grande destaque do passeio, foi, sem duvida, a visita a cidade subterrânea de Derinkuyu, com seis andares esculpidos abaixo da terra, com centenas de metros de altura e quilômetros de extensão. Tudo ali era pensado para a sobrevivência em tempos de perseguição (o túnel de ventilação é uma obra de engenharia e tanto, que funciona perfeitamente bem até hoje). O único senão, para os claustrofóbicos, são os túneis apertados, úmidos, íngremes e escuros (ufa!) e com apenas um metro de altura que ligam quartos, cômodos, salas e andares. Mas vale muito a pena...

Voltamos a noite podres, mas felizes para a última noite na nossa caverninha particular: acordamos hoje, empacotamos tudo e agora estamos quase em Kayseri.

## Turquia

Marília Barrichello Naigeborin



O primeiro dia em Urfa foi, provavelmente, o mais estranho da viagem. Misto de emoções diversas e por vezes contraditórias, talvez potencializadas por um calor imenso de quase 39 graus e pela sensação clara de não pertencer àquele lugar.

Passamos o dia todo como sendo os únicos turistas avistáveis nessa cidade conservadora e tradicional, próxima da fronteira com a Síria. Isso significa ser alvo de olhares ora curiosos, ora de censura; e motivo para comentários, brincadeiras e risadas o tempo todo.

*Hello? German? Where are you from?* Perguntas típicas que as crianças, (muito mais os meninos, já que as meninas aqui são bem mais recatadas), nos faziam a cada esquina.

No começo foi muito engraçado, pois me senti a própria Miss Brasil dando oi, cumprimentos e sorrisos para todos. Mas, depois de algum tempo comecei a ficar incomodada com a constante sensação de estar sendo medida e observada. Sensações ainda potencializadas pelo fato de ser mulher em uma sociedade ainda moldada por um regime bastante conservador e sexista. Acho que pela primeira vez na viagem minhas impressões iriam para um lado e as do Fernando para outro...

Em Urfa, o véu faz parte de quase 100% do vestuário das mulheres. Muitas delas, inclusive, usam a vestimenta toda preta; onde só os olhos aparecem e até as mãos ficam escondidas em luvas. A divisão entre homens e mulheres é bastante clara e de fácil constatação, pois praticamente não se vêem mulheres em locais públicos. Nas praças, nos bares e até na Internet, a presença é 99% masculina. Nada de rodinhas mistas de homens e mulheres: aqui é homem com homem e mulher com mulher. Trabalhar? Nem pensar. Até as camareiras são camareiros!!

Para me precaver, estou usando as roupas menos chamativas e mais discretas que tenho - nada de blusa de alcinha e bermuda mesmo naquele calor, e também me portando o mais *low profile* possível; até porque toda a conversa (exceção feita às crianças) era dirigida ao Fernando.

Mas mesmo assim, é difícil não se contrastar nesse ambiente, seja pelo cenário masculino ou pelo fato de as mulheres estarem completamente escondidas; tanto no aspecto físico como emocional.

Apesar desse certo mal estar, aos olhos, a cidade guarda lugares impressionantes, históricos e bíblicos como a caverna onde nasceu Abraão, local em que tanto eu como o Fernando nos sentimos extremamente tocados.

Estar em Urfa promete ser uma experiência diferente: intensa e certamente povoada por muita reflexão.

**Van - 14/09**

## Turquia

Marília Barrichello Naigeborin



Desde que começamos a planejar a viagem pela Turquia uma das questões era saber até onde iríamos. Até quão longe e profundo iria nosso mergulho.

E nesse ponto Van representava uma coisa meio mítica, até pelo pouco que sabíamos: uma cidade rodeada por um grande lago, próxima da fronteira com o Irã, com alguns conflitos internos - por isso talvez perigosa - e muito, muito longe.

Depois de checar toda a rota e o nosso tempo na Turquia, decidimos encarar uma viagem longa para desvendar um pouco mais dessa cidade longínqua. Quando lá chegamos, depois de mais de 10 horas de viagem de ônibus, por volta das 8 da manhã depois de uma noite insone, e avistamos o lago Van, imenso em sua cor azul cintilante, foi como um bálsamo.

O início da viagem foi estranho, pois o ônibus estava lotado e eu e o Fê sentamos longe um do outro. Eu me acomodei ao lado de uma menina e ele foi mais para o fundo; onde havia mais homens. Como não tinham outros turistas, fomos alvo de muitos olhares e o Fê acho que resolveu quebrar o gelo. O assunto? Brasil, futebol, Turquia e a partir daí uma conversa se desenrolou com base em uma dúzia de palavras, mas que durou um bom tempinho. Achei engraçado e fiquei orgulhosa do empenho dele em se mostrar um cara legal e ser simpático. Tanto valeu a pena que uma mulher se ofereceu para trocar de lugar comigo e aí eu pude ficar ao lado dele, como em todas as outras viagens de ônibus.

Mas voltando a Van...Falar de Van é falar de uma viagem longa e cansativa e da satisfação de chegar em um dos lugares mais esperados da Turquia.

A região é sim um pouco tensa, já que existe um conflito separatista antigo, pois os curdos que vivem na região querem se separar da Turquia. Pela primeira vez vimos o ônibus ser parado por militares para conferência de passaportes, tanques nas ruas, policiamento constante e inclusive com toque de recolher. Para brasileiros pacíficos como nós, aquilo assustou um pouco; mas nada que nos impedisse de, tomadas algumas precauções, viver a cidade.

Além de uma beleza natural indescritível, Van também foi presenteada com diversos patrimônios históricos e culturais, como a linda igreja armênia do ano 921 que fica dentro da ilha de Akdamar e o forte de Van que remonta a um período de guerras e conquistas. O Fê ficou deslumbrado ao visitar o sítio arqueológico de Cavustepe, onde existem registros em escrita cuneiforme e vestígios do primeiro banheiro do mundo criado pelos urartianos, civilização muito antiga do reino de Urartu, a bíblica Ararat.

Mas para mim, pessoa com um forte laço com a terra e a natureza, Van será mais lembrada na forma de memórias líquidas, no exato momento em que perdi o medo e mergulhei em suas águas transparentes e alcalinas. Demorou um certo tempo até que eu me acostumassem com a água gelada e com o chão lotado de pedras escorregadias. Mas aí resolvi assumir as sandálias no pé e me concentrar na água límpida, com uma incrível profundidade de visão, e desfrutar ao máximo daquele momento. Mergulhei, nadei, boiei; tudo aquilo que as crianças fazem. Era com esse espírito que estava me sentindo!

A água é macia, parece ter outra densidade e deixa na pele uma sensação de hidratante depois do banho. Me senti renovada, feliz e pouco me importei com os olhares dos meninos turcos (as únicas duas pessoas na água fora eu, pois o Fernando estava com o braço

machucado e não poderia entrar na água) para o meu comportado biquíni brasileiro. Até a dolorida picada de uma abelha gigante que eu levei horas depois relevei!!

Outro achado de Van, para eu, formiga-de-plantão, foi o sorvete: uma massa consistente, puxa-puxa e cremosa, servida em um pratinho com colher e faca. Eram 3 sabores: creme, chocolate e pistache; que aqui na Turquia é uma iguaria maravilhosa e muito mais saborosa do que o sorvete verde.

No dia 16 de setembro saímos de Van, agora pelo pequeno e estranho aeroporto da cidade, com destino às praias da Antalya. Depois de Urfa e Van, destinos incomuns, voltaríamos ao circuito turístico.

## Antalya / Olympos / Olu Deniz - 18/09

### Turquia

Marília Barrichello Naigeborin



Chegamos na Antalya ansiosos por curtir uma praia, depois do calorão crescente que pegamos até chegarmos em Urfa e nos seus 39 graus. O calçadão da cidade nos lembrou do Guarujá e o centro histórico de chão de pedra e lindas casinhas antigas nos trouxe recordações de Parati.

Nessa cidade beira-mar sentimos uma Turquia bem mais leve e despojada, bons ventos que uma cidade de praia traz. Antalya é uma cidade alegre e agitada, com barzinhos e restaurantes legais e uma vista linda do mar e da marina de cima da grande fortaleza que outrora protegeu a cidade.

Depois de todo esse tempo experimentando todo o tipo de comida turca, fomos em um restaurante bem “ocidental” e matamos as saudades de uma boa comida italiana, mas muito bem acompanhada de um vinho turco. O que mais poderíamos querer? Talvez ter naquela mesma mesa nossos familiares e amigos que tanta falta sentimos.

Antalya é uma boa base para se deslocar para as praias vizinhas e foi de lá que seguimos para Olympos, debutar em águas turcas, ou melhor, mediterrâneas.

A praia de Olympos é bastante preservada, intocada e oferece um visual inusitado: mar azul cercado por rochas e ruínas do século 1 A.C. Como o acesso para a praia não é muito fácil, isso acaba filtrando as pessoas, então, pudemos curtir um pouco de tranquilidade e paz. Nada de barracas, guarda-sóis e cadeiras. Uma canga estendida na areia e só.

Fiquei deslumbrada com a transparência da água, mantida mesmo com a profundidade. Lindo! Agora o que nós, acostumados com praias de areia, estranhamos foi o chão de pedra. As pedras começam grandes e esbranquiçadas e conforme se aproxima do mar, elas vão diminuindo de tamanho e ficando mais coloridas. Na beira é bem engraçado, pois ao invés das conchinhas, o que se vê são pedrinhas bem redondas e de todo tipo de cor. Ficamos um tempão olhando, separando e catando pedras, como se fossem conchas.

Também conhecemos a paradisíaca Olu Deniz, de um lado praia e de outro lagoa. A lagoa foi surpreendentemente o highlight: água calma, morna e tão límpida que a todo tempo víamos peixinhos e até peixões circulando entre a gente.

Ficamos ali 2 dias nos revezando entre praia e lagoa, “marmotando” como diria o meu pai e curtindo dias diferentes sem aquela porção de coisas para ver e fazer, e aquele monte de

novas informações e estímulos. Foi como um tempo precioso que nos demos para assimilar tudo o que vimos passando e recuperar as energias.

Embora seja um local bem turístico e as vezes incômodo por tanta gente circulando, a beleza de Olu Deniz é tamanha que faz valer a pena.

## Selcuk - 24/09

### Turquia

Fernando Naigeborin



A prova da avançada engenharia romana em um singelo banheiro.



No detalhe do afresco de uma parede, o filósofo Socrates.

Agora são 11h04 e escrevo diretamente da sala de tv da família que nos hospeda na gloriosa (e simplória) Pansion Barim. O lugar é mais do que típico: uma sala grande, janelas em todas as paredes, uma mesa de ferro quase no chão, almofadas que cumprem a função de sofás em três das quatro paredes e o mais importante, uma televisão 14" com novela turca. De manhã? É, isso mesmo. Quer saber como é? Imagine uma novela mexicana. Ponha todos os personagens com perucas pretas e adicione uma língua gutural primitiva, com o botão do volume quebrado lá em cima, onde o sinal de + pende adormecido. Sucesso na certa. Mas só aqui....

Ah, apenas como registro, estamos agora em Selcuk, cidadezinha pacata pertinho do mar Egeu. Chegamos aqui há três dias e hoje é provável que embarquemos em um ônibus noturno para Eskisehir (cidade que mora a amiga piracicabana da Marília que mora na Turquia). Estamos quase acabando nosso percurso *deluxe* por este país com povo tão acolhedor. Ao mesmo tempo que dá aquela impressão de dever cumprido (quase que eu escorrego e escrevo comprido... isso que dá não ler nada em português por 40 dias), fica um gostinho de quero-mais. Viajar pela Turquia é muito confortável, barato e razoavelmente simples.

Mas voltando ao assunto e parando com as digressões, estamos numa cidadezinha rural, que há 15 anos vem se consolidando como um destino turístico para mochileiros e viajantes independentes por oferecer pousadas, pensões e restaurantinhos decentes, baratos e limpos numa região privilegiada: apenas a 3 km das ruínas da antiga cidade de Efeso e a 7 km das boas praias do Egeu. Tudo isso num ambiente genuinamente turco... ainda próximos daqui, estão outros sítios arqueológicos romanos monumentais, como Hierapolis, Afrodísias, Didima, Priene e Mileto (do Thales).

Anteontem, nosso primeiro dia inteiro aqui, fomos conhecer as ruínas de Efeso, as mais bem preservadas de toda a Turquia. Depois de 3 km de caminhada na sombra, cercados e defendidos do sol por pereiras, macieiras, figueiras e outras árvores aterrissamos nas portas do sítio arqueológico. É um local sensacional, onde pode-se entender perfeitamente como era a vida dos romanos nesta cidade, que foi a capital romana da Ásia menor. Aquedutos, oráculos, muralhas, casas de banho, banheiros públicos, templos e até uma biblioteca estão ali, testemunhando o poder deste povo, que a meu ver, criou o conceito de civilidade. Perto da rua do comércio é possível ver em uma calçada um anúncio de um sapateiro. É incrível...

Mas para mim o melhor da festa é uma parte coberta, onde ficam os terraços, que ainda estão no meio das escavações. O que já foi descoberto sobre o local prova que ali ficavam as residências das famílias ricas de Efeso. É possível ver afrescos como papéis de parede feitos à mão, banheiros de mármore, piscinas, quartos e mais quartos com pisos de mosaico, identificar toda a rede hidráulica que trazia água e higiene para a cidade (fiz uma foto de uma parede que no canto, descascada, revela um cano de barro excepcionalmente bem resolvido, na mesma posição que estaria lá em casa).

A cidade é a prova cabal da engenhosidade, da sofisticação e do poder do homem. É incrível. Lembrei muito do filme original do planeta dos macacos, aquele, dos anos 70 (não é brincadeira, não), quando os astronautas entram na caverna da zona proibida e acham uma boneca semi destruída no piso, quase soterrada por terra). Parece que continuamos a usar (e melhorar) o que foi inventado há dois mil anos atrás. Acho que um romano de hoje entenderia muito das nossas agruras do mundo moderno. De verdade.

A reconstrução do sítio (que estava embaixo da terra) já tem mais de 50 anos e é um quebra cabeça complicadíssimo. até porque um terremoto aconteceu na região por volta do século três. Por tudo isso e pelo tanto de montes próximos ainda não escavados dá para imaginar que mais 50 ou 100 anos de trabalho ainda virão pela frente. Quando formos velhos, talvez voltemos para cá para ver tantas outras novidades que ainda serão postas à luz).

No fim do dia, ainda deu tempo de vermos o pequeno (mas consistente) museu com esculturas, cerâmicas, vidros, objetos pessoais (tinha até brinquedo de criança, uma espécie de patinho com rodas que se empurra com um pau - quem não se lembra disso? - à medida que se caminha, as asas abrem e fecham). Uma riqueza de detalhes de encher os olhos...

A noite ainda decidimos coroar o dia jantando bem num restaurantinho do hotel mais ajambrado daqui. E fim de papo, chegamos na pensão às 22h30, podres, de barriga cheia e felizes.

Ontem pegamos um day-tour para as ruínas de Hierapolis e as piscinas naturais de mármore travertino de pammukkale. Como ambos os locais ficam a três horas daqui, julgamos que seria uma boa pegar o tour, que no fim, tinha preço similar ao ônibus de linha (coisas da Turquia).

Hierapolis foi construída pelos romanos exatamente ao lado das águas termais que descem pelas bacias de mármore de pammukkale. Naquela época, existia a noção (em parte correta) que essas águas sulfurosas e cheias de outras propriedades faziam bem ao corpo e à pele e tinham poderes curativos. Deveria ser uma espécie de águas de São Pedro aumentada, onde doentes de todo o império romano vinham para se curar (ou ao menos tentar).

Talvez por esse motivo, Hierapolis se destaque como sendo o sítio arqueológico com o maior número de tumbas, sarcófagos e túmulos de toda a história romana. É possível caminhar por bons 20 minutos entre tumbas em grego e latim, comuns, adornadas, unitárias ou familiares. impressionante. Até gladiadores foram enterrados aqui (vimos no pequeno museu anexo às ruínas uma tumba com relevos de gladiadores lutando). No sítio, também é possível ver a ainda em funcionamento piscina de Cleopatra (ainda não entendi se tem a ver com ela ou é só nome). Como a cidade foi vítima de um terremoto é possível ver colunas adornadas e com textos em grego submersas há mais de 5 metros de profundidade...

De lá, fomos conhecer o real motivo da construção de Hierapolis: as famosas (e bem turísticas) piscinas naturais de pammukkale. O nome, em turco, quer dizer castelo de algodão, já que o mármore que se depositou no percurso das águas é branco e com o tempo deixou um relevo que lembra algodão.

Aliás, nesta região é produzido o melhor algodão do país (desde os tempos dos romanos). O lugar é bonito, mas coalhado de turistas (um problema comum a efeso... por estarmos entre Istambul e as praias turísticas do Egeu e do Mediterrâneo essa região é um destino certo para os bons e velhos (e predatórios pacotes de viagem). Assim, muito da água que escorria pelos mármore foi desviada para hotéis que vendem serviços de spa com as águas curativas da região. No fim, um lindo destino, agora com bem pouca água e, a meu ver, condenado à desertificação.

Agora vou desligar a fita que o guia gravou para mim.

## Ramadan em Eskisehir - 27/09

### Turquia

Fernando Naigeborin



Na casa da Lilian e do Burak

Estamos prestes a embarcar para Tunis, capital da Tunísia, depois de praticamente um mês rodando a Turquia. Como se diz por aqui é chegada a hora de dizer "*gule-gule*", ou adeus, a este povo que tão bem nos recebeu.

São 7 da manhã e o dia já parece estar chegando ao fim. Estamos on-line desde ontem no fim da noite, quando saímos de Eskisehir (depois de assistirmos a ótima orquestra sinfônica da universidade tocar trechos de Ppeer Gynt e Carmen), tendo passado a madrugada inteira no ônibus, cruzado mais uma vez o mar que separa a Ásia da Europa e, precisamente às 6 da manhã, desembarcado na colossal Otogar (rodoviária) de Istambul. De lá, pegamos o metrô, que em menos de 20 minutos nos deixou dentro do aeroporto.

Os últimos dias aqui na Turquia foram inesquecíveis. Após a vivência na pequena cidade de Selcuk, onde tivemos tempo inclusive para passeios diletantes como a feira semanal, retornamos a cidade da Lilian, a amiga da Marília (e agora, minha também), para nos despedir, descansar um pouco e, não menos importante, buscar uma das mochilas que havíamos deixado por lá.

Foram dias bastante intensos e especiais: além de nos encontrarmos com o Burak (o simpático marido da Lilian e maestro da orquestra), acabamos topando com uma das mais importantes



datas do calendário islâmico: o Ramadan. Em um período aproximado de 30 dias, em tese, todo muçulmano deve jejuar entre o nascer do sol e a última centelha de luz do poente. Segundo a religião, foi nesta época do ano que o Alcorão foi revelado ao profeta Maomé.

O jejum é ainda hoje bastante comum a maioria da população, embora haja uma minoria, formada prioritariamente por jovens e intelectuais, que não se filia à tradição. Em um campus universitário onde fica a casa da Lilian, isso fica bastante explícito.

Mas nas ruas o que mais se percebe são os restaurantes as moscas, as feiras e mercados lotados de senhoras (que certamente estão em busca dos melhores ingredientes para o jantar de noite) e os minaretes das mesquitas, iluminados apenas nesta época do ano com luzes de néon, como um farol, a mostrar a todos que estamos no ramandan.

Toda esta longa explicação é mesmo para falar da sensação que foi, para mim e para a Marília, acompanhar o Burak na quebra do jejum, a noite. Como a hora exata para começar a comer depende da previsão meteorológica, o evento vira um acontecimento. As pessoas saem mais cedo de seus trabalhos, as crianças das escolas e, lá pelas 19h a rua está vazia. Estão todos em casa ou nos restaurantes da cidade de olhos grudados na televisão, que, de minuto em minuto, atualiza a contagem regressiva em uma cobertura pluridisciplinar, com repórteres em mesquitas de todo o país, mocas do tempo pilotando gráficos com as horas exatas da quebra do jejum nas principais cidades e âncoras tarimbados, no estúdio em Istambul, unindo todo o país. Não deu para evitar a lembrança do Galvão Bueno, nos intervalo dos jogos do Brasil, "passeando" pelo país, com aqueles clássicos "e o Olodum no Pelorinho?" E vem a resposta pronta e imediata do batuque certo.

Enfim, no restaurantes em que estávamos, as mesas já estavam previamente abastecidas de pães e entradas frias, com garçons ansiosos, recolhendo pedidos. Pontualmente na hora que o início da noite foi promulgado, a refeição chegou fumegante às mesas, para delírio dos turcos alegres e famintos. A sensação de estar ali, partilhando a chegada da comida e a autorização para comer colocou a todos, inclusive nós, num mesmo barco -- tornando o ambiente ainda mais acolhedor.

Para premiar esta festa, receitas especiais (e exóticas) do período de Ramadan. Nada mais verdadeiro e original. Desta forma, o fim da jornada na Turquia trouxe um ingrediente extra para a receita bolo: a vivência junto com o povo de um período tão interessante quanto peculiar como o ramandan.

## Avião para Tunis - 28/09

### Turquia

Marília Barrichello Naigeborin

Já estamos viajando há mais ou menos um mês e meio e ainda é apenas o começo de uma longa jornada. Mas, é fato que algumas mudanças já estão em curso em nós. E tais mudanças vão desde coisas físicas e visíveis (o adeus ao branco escritório, ao sedentarismo e aos quilos a mais) como também (e mais impactantes) em termos de percepção e olhar para o mundo ao nosso redor.

E isso é o que considero um dos grandes aprendizados desse ponto da viagem: estamos mais sensíveis e observadores para tudo o que acontece ao nosso redor. Provavelmente o fato de desvendar mapas, de conviver com diferentes povos e culturas, aprender certos códigos locais, acabam por aguçar nossa forma de perceber e interagir com as coisas. Estamos mais alertas.

Nessas de observar pessoas e situações, alguns lugares são bastantes emblemáticos como aeroportos e rodoviárias, que certamente nos trazem ricas pistas sobre o que estará por vir.

Ontem vivemos uma situação dessas ao embarcarmos de Istambul para Eskisehir. O dia estava dentro das conformidades: havíamos chegado cedo ao aeroporto, fizemos o *check-in* com tranquilidade e ainda sobrou tempo para o café antes do voo. Ao entrarmos na sala de embarque eu e o Fe ligamos nossos radares para captar as primeiras impressões. Essa é uma boa hora para tentar decifrar quem são os companheiros de voo (turistas? locais? família ou pessoas sozinhas?), motivo da viagem (trabalho ou passeio?) e também um quê de comportamento.

O que percebemos de cara foi a presença quase maciça de tunisianos no voo e pouquíssimos estrangeiros: eu, o Fe e mais um senhor oriental. Ficamos na sala de embarque uns 10 minutos e deu para "sacar o clima": conversa alta, informalidade (pés nas cadeiras, gente deitada em 2 ou 3 cadeiras mesmo com falta de lugares), riso solto, música alta de celular. Mas o que mais marcou foi a forma incisiva de olhar, ou melhor, encarar as pessoas, principalmente as poucas mulheres que haviam e também uma certa tensão, pois as conversas pareciam beirar feias discussões.

Já estávamos bem acomodados em nossas poltronas, começando a relaxar e pensando em tirar um pouco o atraso de sono, quando presenciamos a cena mais bizarra de toda a viagem. O avião estava de portas fechadas e prestes a decolar quando começou uma conversa alta (daquelas que a gente não entende muito bem se é briga ou conversa). Mas como já havíamos percebido que o som do árabe é forte e bem impostado, não ficamos preocupados. Até que dois homens se levantaram e a "luta livre" começou. Socos de um lado, tapas de outro, chutes e gritos se misturavam. Havia também uma terceira pessoa, que parecia apoiar um dos dois e entrou na briga. Os tunisianos pareciam gostar da cena e de certa forma animavam os dois pugilistas. A equipe de bordo ficou estática e sem saber o que fazer. A situação parecia tão absurda que ninguém sabia como proceder.

Depois de uns 10 minutos de briga chegaram três policiais armados, que rapidamente retiraram os dois homens que estavam brigando. Achamos que o avião, finalmente iria decolar, mas não. Esperamos mais uns 20 minutos e os policiais voltaram trazendo um dos dois. Tensão novamente. O pior foi quando esse homem que voltou, deu um soco naquele terceiro elemento (que estava sentado) na frente dos policiais. Aí ele saiu de novo para não voltar mais... E o avião finalmente partiu com mais de 30 minutos de atraso.

O motivo da briga? Indefinido. Provavelmente nada mais que uma disputa por poltronas. Ficamos chocados, misto de medo, de incompreensão (o que justificaria essa cena?) e impressionados com a facilidade de um desentendimento virar uma agressão violenta, no meio de um avião...

*We apologize for any inconvenience.* Foi o máximo (e o mínimo) que o piloto ousou dizer.

## Sidi Bou Said - 29/09

### Tunísia



O primeiro passeio que fizemos perto de Tunis foi a vila de Sidi Bou Said. Estávamos bem ansiosos para conhecer esta pequena vila, famosa por sua arquitetura azul e branca, com influência andaluza, pois foi essa cidade que "chamou" o Fe (e depois a mim) para conhecer a Tunísia, quando ele viu algumas fotos de uma amiga fotógrafa que havia ido para lá.

Posso afirmar com a maior segurança que Sid Bou Said se mostrou ainda mais especial do que a gente imaginava. A cada esquina era um "Olha, nossa, que lindo!" Entendemos perfeitamente porque o local foi (e ainda é) polo de atração de diferentes pintores e escritores como Paul Klee e Michael Foucault.

A arquitetura é belíssima e marcada pelas casinhas todas brancas de formas arredondadas e com detalhes em azul, primaveras coloridas nas portas e uma atmosfera de serenidade e calma. Passeamos por ruas tranquilas e sinuosas até que repentinamente vimos o mar, azul clarinho e em perfeita combinação e harmonia com a estética da pequena vila.

E as portas de Sidi Bou Said? Lindas e ícones de toda a Tunísia. Portas imensas, de madeira, com entalhes coloridos, desenhos, todas diferentes e únicas. O Fe desde que chegou em Tunis ficou impressionado com a beleza dessas portas e estamos colecionando fotos para quem sabe montarmos um quadro para nossa casa.

Mas, para mim, o mais tocante foi ver nessas portas a melhor metáfora para nossa viagem. Portas que abrem conhecimento e fecham recordações. Portas que nos deixam entrar e sair em constante alternância de apego e desapego. Portas fáceis de abrir. Portas difíceis de entrar e que vão se abrindo aos poucos. Mas independentemente de tudo isso, entramos sempre com o coração aberto e saímos de um jeito totalmente diferente.

## Tunis - 01/10

### Tunísia

Fernando Naigeborin



Hoje a Marília acordou com fortes dores no estômago, ânsia e queimação. Ontem, quando fui comprar água, o troco voltou faltando (bastante). Anteontem, pegamos um táxi que pediu um valor para nos levar ao museu e depois cobrou outro, assim que chegamos. Detalhe: ele se enfiou num trânsito atroz, rodou conosco por quase uma hora e nos deixou no museu em tempo -- de darmos meia-volta. No guichê, um funcionário lacônico desdenhou um curto *fermee*, quase ininteligível, com o ponteiro do relógio logo acima de sua cabeça anotando 15h20 (40 minutos antes do fechamento oficial para o período de Ramadan e mais de 2h de antecedência para o fechamento em um dia normal, como constava no guia). A saída era voltar ao centro, mas o único táxi disponível naquela região distante e mal servida por transporte público era o nosso dileto taxista, porta aberta, sorriso débil emoldurado pelo bigodinho bem aparado e a certeza de ser nossa tábua de salvação ali, àquela hora. O jeito foi engolir a raiva, baixar a cabeça e voltar (dessa vez sem trânsito). No dia anterior a este, o mesmo da nossa chegada, passamos boa parte da tarde procurando onde comer. Tudo fechado, em todo lugar. No rol de pequenas desgraças, ainda coube um nada sutil assédio em cima da Marília, mesmo estando sempre ao meu lado, colada em mim, o tempo todo. *Benvenue a Tunisie*, dizia a placa logo no saguão de desembarque do aeroporto Habib Borguiba.

Os fatos acima mencionados, diferente de novelas e seriados, são todos verdadeiros, e não mera coincidência. A cidade de Tunis, nosso primeiro pouso na Tunísia, é linda, uma combinação de culturas ímpar. Mas viajar por aqui, em pleno ramadan, não está sendo tarefa das mais fáceis. Mas chega de contar (des)vantagem. Então, vá lá, Tunis. A cidade tem aquele quê nostálgico das cidades praianas urbanizadas, um *decadence avec elegance* sincero, herança da ocupação francesa.

Ocupação, aliás, é uma boa palavra para definir este pequeno país, seu povo e sua herança cultural e arquitetônica. Encravado no norte da África e ocupado originalmente pelos berberes, a Tunísia já foi conquistada, colonizada, invadida, convertida e saqueada por fenícios, gregos, romanos, bizantinos, vândalos, árabes, otomanos e franceses nos últimos 3000 anos. Isto talvez explique a agressividade nos olhos das pessoas, as freqüentes e acaloradas discussões de rua, o sentimento ambíguo frente ao turista (que deixa divisas, mas não parece ser exatamente bem-vindo). Por outro lado, toda esta congregação de culturas (ainda que impostas umas sobre as outras), deixou marcas indelévels na cidade. Obras-primas como a antiga medina árabe de Tunis (o antigo centro religioso e comercial, murado por fora e labiríntico por dentro) e o amplo bairro projetado pelos franceses, o *ville-nouvelle*, estão lado a lado, exacerbando suas diferenças. Mais adiante, nas franjas do mediterrâneo, as ruínas de

Cartago, a colônia fenícia que tanto prosperou que ate independente ficou.

De novo, *Benvenue a Tunisie*.

ps: Relendo, vi que utilizei algumas vezes termos em francês. Desculpe, mas é que o francês árabe daqui é tão peculiar que fica zunindo o tempo todo na minha cabeça.

## Kairouan - 02/10

### Tunísia

Fernando Naigeborin



A Marília passou ontem o dia todo no quarto do hotel. Eu, a exceção dos 20 minutos de banho de sol quando desci para tomar café e comprar "suprimentos" (a saber: água e bolacha água e sal), também. Mas hoje ela amanheceu um pouquinho melhor, ainda frágil e verde, mas o suficiente para sair do quarto. Ainda bem, hoje começou um novo capítulo na nossa viagem pela Tunísia. Primeiro, porque vamos sair da capital e vamos dar um giro pelo país; segundo, porque depois de tudo o que passou, resolvemos nos render à conveniências -- e inconveniências -- de um *tour*, com direito a guia, motorista, e fundamental em tempo de Ramadan, alimentação garantida.

O passeio de cinco dias tem a dura missão de nos mostrar uma pincelada dos principais destinos turísticos da Tunísia. Nossa sorte é que, ao contrário do que imaginávamos, o custo do pacote comprado aqui é bem inferior ao praticado pelas agências de turismo fora do país. E, ufa!, no pequeno ônibus, uma espécie de van aumentada, apenas dez pessoas estão conosco na jornada.

Neste primeiro dia, o grande destaque foi, a meu ver, a cidade de Kairouan, uma das poucas grandes cidades tunisianas não alocada nas bordas do mediterrâneo. Antes um entreposto romano, uma paragem de 2000 anos atrás da Roma Africana, a cidade se tornou consagrada com a chegada das primeiras tribos árabes, logo após a Hégira. Na bagagem, estes colonizadores trouxeram o recém-nascido islamismo e o *modus vivendi* que ainda hoje regulamenta a vida nesta região.

O centro da cidade ainda é pontuado pela grande mesquita de Okba (foto), construída em 670 d.C. A construção imponente e em perfeito estado (de conservação e uso) se destaca pelo tamanho colossal e pelo uso engenhoso de centenas de colunas romanas encontradas àquela época nas ruínas próximas. Segundo a tradição islâmica, esta é a terceira mesquita mais importante do mundo, logo atrás das famosas Meca e Medina. Daqui a religião muçulmana se

espalhou por todo o continente africano.

Mas o grande destaque para nós, ocidentais, não é o caráter religioso de peregrinação, mas, certamente, sua sólida construção. O complexo que inclui uma escola corânica, albergue para peregrinos, salas de banho, cozinhas para os pobres e bibliotecas é um bem-acabado exemplo da fusão de culturas neste pequeno país. É um cenário sem precedentes, inimaginável, daqueles de tirar o fôlego de quem se aventura por esta região. Começamos bem.

## Saara - 04/10

### Tunísia

Marília Barrichello Naigeborin



Mais um dia de sol no Saara...



Fantasia ou realidade: a água é rosa e salgada

"Alalaô ôôôôôôô, atravessamos o deserto do Saara, o sol estava quente e queimou a nossa cara..."

Se alguém, algum dia, me dissesse que eu iria conhecer o lugar que inspirou essa marchinha de carnaval, que tantas vezes dancei nas matinês do clube de campo de Piracicaba, certamente eu não iria acreditar.

Por tudo isso, e muito mais, chegar no deserto do Saara foi uma experiência fantástica, para não dizer onírica, como aqueles sonhos sem pé nem cabeça e que parecem não fazer sentido.

Passarinhos cantando alegremente às 10 da noite? Deserto salgado com água cor-de-rosa? Miragem que nos faz crer que no horizonte seco e árido está o mar? Oásis verdes com sapos, borboletas e palmeiras no meio do nada? Sim, tudo isso é possível na região do Saara.

Mas o melhor de tudo é que me trouxe a forte sensação de fantasia foi andar de camelo no meio das dunas do deserto. O mais surreal é que esse cenário estava latente em minha mente desde que assisti ao filme "O Paciente Inglês" e fiquei fascinada com o visual das dunas desenhadas do deserto. Nunca imaginei que anos depois teria o privilégio de estar naquele mesmo lugar.

E lá estava eu e o Fernando em cima do camelo e extasiados com a beleza da ausência. O que é o deserto se não isso?

O sol realmente é bem forte, mas os meses de sol constante na Capadócia e em outras regiões da Turquia foi nos preparando para essa aventura. A sorte foi que também melhorei rapidamente do "desarranjo" que tive em Tunis. Agradeço a grande ajuda da famosa sopa de arroz (como se fosse o arroz bem mole com um pouco de água), muito conhecida entre os tunisianos por suas "propriedades curativas" e que foi minha primeira refeição depois de 1 dia e meio de jejum.

No espaço vazio e perdido no tempo do deserto é só areia e céu azul. Bonito de ver, mas não é qualquer areia, não. As dunas são desenhadas e parecem ter o movimento das ondas do mar. Já o céu é um de um azul integral, sem uma nuvem sequer, sem degradês ou brumas. Nada incoberto.

E foi dessa forma que o deserto se mostrou a mim: nu. Lugar sem tempo, sem espaço, sem ornamentos, sem excessos. Tudo ali é quase nada. E o nada é belo, acolhe e instiga ao mesmo tempo. Difícil de acreditar que a vida parou por ali.

Vazio cheio ou cheio de vazio? Hora de acordar.

## Medenine, Metameur, Matmata - 05/10

### Tunísia

Fernando Naigeborin



Esqueça o ator: concentre-se no cenário de cinema de Metameur



Uma cozinha berbere, bem ao estilo *vida simples*.

Gigi, nosso motorista, e Driss, o excelente guia da nossa pequena excursão estão se esmerando. Vida boa esta de turista. É sentar, ouvir as explicações, deixar o vento entrar suave pelo ar condicionado logo em cima da cabeça. E nada mais... depois de dois dias intensos nas bordas do Saara, flinando entre as invisíveis fronteiras com a Líbia e a Argélia e sempre em baixo de um sol inclemente, aterrissamos hoje na região dos Ksour. A palavra estranha é o plural do termo ksar, no idioma berbere, fortificação.

Aqui onde estamos, no sudeste tunisiano, região inóspita e esquecida pela civilização, ainda prevalecem nos horizontes o legado das tribos aborígenes que fugiram de tantas invasões. Os berberes, arredios desde os tempos romanos, ainda sobrevivem por aqui. Mas falando das edificações: são pujantes, rígidas e cada uma delas chegou a abrigar centenas de pessoas de um mesmo clã, por gerações, até bem pouco tempo atrás. Hoje são ruínas vazias, mas ainda frescas em memórias. A arquitetura vernacular, como diria minha amiga Camila, é fantástica. São casas e mais casas com um, dois ou três andares, com quartos sempre iguais, com as mesmas dimensões e divisões internas. Tudo da mesma cor, de terra. Uma receita uniforme que pareceu funcionar bem por centenas de anos. e que empresta um forte apelo cinematográfico para os cenários que aqui estão.

De cinema também são as casas berberes atuais, mimetizadas nas rochas, construídas logo abaixo do solo, proporcionando umidade, temperatura conveniente e uma proteção extra contra eventuais ataques de invasores. Tanto isso é verdade que muitos dos cenários de Star Wars estão aqui e ali, pontuando toda a região. Para os amantes da série isso aqui deve ser uma loucura. Visitamos um hotel de quinta categoria em Matmata, mas que vive lotado. Isso porque ele foi usado em pelo menos três dos filmes da série.



## Ilha de Djerba - 06/10

### Tunísia

Fernando Naigeborin



Só uma bicicleta no semidesértico corredor da Sinagoga de Djerba



O interior oriental da sinagoga de El-ghriba

Sáimos cedo rumo a Djerba, a mesma ilha no caminho de Ulisses, em sua odisséia. Segundo Homero, esta é a terra dos homens que se alimentavam de folhas de lótus (uma planta com um poder singular: fazer com que tais pessoas esquecessem o caminho de casa). (In)Felizmente não encontramos tal iguaria, sei lá, talvez por conta do Ramadan.

O fato é que Djerba é ainda hoje um local ilhado do resto da Tunísia. Com sua arquitetura particular, com um tempo que escorre moroso e suave, não tem a pulsação peculiar das cidades anteriores que já passamos. Deve ser o mar, que banha os quatro cantos dessa terra e deixa tudo mais relaxado. Não à toa muitos turistas escolhem esse pedacinho de chão, onde a Tunísia é menos Tunísia para tirar férias do mundo. As praias são lindas, as águas calmas e o céu é aquele que nos protege.

Mas para mim, em particular, uma faceta específica do local me chamou muita atenção: a pequena comunidade judaica, uma das mais antigas do mundo e uma das últimas em atividade no norte da África. Historicamente os judeus chegaram por aqui em 586 a.C., quando Jerusalém foi tomada por Nabucodonosor, o rei da Babilônia. Em quase 2.500 anos, seus descendentes conseguiram preservar suas tradições e ao mesmo tempo, coexistir em harmonia e paz com a maioria islâmica. Mesmo depois de um atentado à bomba na Sinagoga em 2002 (atribuído a um militante da Al-Qaeda vindo do Paquistão) todos aqui afirmam que ambos os povos se respeitam e que fazem parte da história da ilha.

A Sinagoga que quase foi destruída é a de El-ghriba, construída e reconstruída diversas vezes no mesmo lugar e ainda ativa em datas comemorativas (embora não houvesse praticamente ninguém quando passamos por lá). Sua construção reflete a influência da arquitetura local com toques da mais elaborada decoração andaluza, em moda por aqui nos últimos três séculos. É mais um exemplo de fusão de culturas, sem dúvida nenhuma.

Andando pelo souk (mercado) adjacente, logo após sairmos da Sinagoga, a Marília se encantou com um pingente em forma de mão espalmada (é o *hamsa*, um amuleto típico da região). Entramos na loja. Lá vamos nós exercitar o esporte preferido do país, a barganha. No meio da lamúria coletiva "isto é prata pura, *monsieur*", "não somos europeus", "*handicraft*, feito um a um", "*jesuibresilien*", "uma peça exemplar, *unique*", "nossa moeda é fraca, não é que nem o euro, entende?", "esse já é um preço especial para você, *monsieur*", "isso o que você disse é em dinarês tunisianos?", "e a sua mulher ainda leva a corrente de graça, *my gift*, prata pura" consegui avistar alguns vestígios que indicassem que o dono da loja era judeu. Reativei como que por milagre meu parco conhecimento de hebraico e, em poucos segundos o assunto já era outro: o dia-a-dia da comunidade local e perguntas sobre a vida e o trabalho no Brasil. De repente, dois cidadãos, um brasileiro, outro tunisiano conversavam em uma língua tão antiga quanto rudimentar sobre a vida, em uma ilha perdida no sul do mediterrâneo. Ao fim, consegui entender um pouco mais do cotidiano daqui e ainda consegui um preço especial, com direito a desconto sobre desconto.

No fim, a Marília ficou com o colar que tem a missão de nos prover sorte e proteção para a ainda longa jornada. Veremos... o que é certo, desde já, é que o tal pingente, tem sim um poder garantido: fazer com que lembremos para sempre o caminho de volta para a ilha de Djerba.

## Sfax e El-jem - 07/10

### Tunísia

Fernando Naigeborin



Sfax: ruas e mais ruas de souks



O gigantesco coliseu em El-jem

Hoje foi um dia puxado, o último do nosso périplo pelo interior do país com nosso tour. É incrível como em apenas cinco dias é possível que pessoas que nunca antes haviam se encontrado já sejam assim tão íntimas umas das outras. Nosso pequeno grupo é uma pequena ONU, formado por meia dúzia de sorridentes sicilianas, um casal de canadenses que já viajou meio mundo e mãe e filha australianas. Gente muito boa e que está por aí, em todo lugar. Fica a sensação clara, que, não fosse um ônibus em comum pelos rincões da Tunísia todos nós passaríamos nossas vidas inteiras sem nos conhecer. É estranho pensar que todo dia isso acontece com todos nós e não há nada que se possa fazer, a não ser viver de forma plena e aberta.

Enquanto começávamos a nos despedir de todos, chegamos na cidade de Sfax. É aqui que reside a Medina mais conservada de todo o país. Justamente por se encontrar no centro de uma cidade pouco turística, o antigo centro, cercado por muralhas e construído em meados do século VIII permanece vivo e em plena atividade. Caminhar pelas vielas apertadas e labirínticas é mais do que um simples passeio: é uma máquina do tempo. É possível viver e entender como era (e de certa forma, como ainda é) a vida há tanto tempo por aqui. Tudo permanece inalterado.

O centro espiritual e físico da Medina é a mesquita principal. As ruas ao redor da construção, normalmente escondida, são destinadas às escolas corânicas, bibliotecas e salas de banho e purificação. Em volta, as lojas de artigos religiosos, como incensos e livros. A seguir, ruas e

mais ruas de souks. Os mercados são historicamente setorizados. Há ruas apenas com lojas de perfumes, outras com artigos para casa, roupas, frutas e verduras, instrumentos musicais e assim por diante. Me fez lembrar da rua das noivas no centro de São Paulo e da Teodoro Sampaio, com a pilha de lojas voltadas ao mercado de instrumentos musicais, bem pertinho de casa. No meio de tudo isso, aqui e ali aparecem casas residenciais, umas sobre as outras, estacionadas convenientemente no meio da Medina protegida pelo movimento e pelas muralhas. Nas bordas deste miolo aparecem os mercados ditos menos nobres, como açougues e peixarias e a rua dos ferreiros (uma herança do período em que as caravanas traziam e levavam produtos de uma cidade à outra).

Depois do almoço, aportamos no último destino incluído no nosso pacote, El-jem, uma cidadezinha no meio do nada, mas que, exatamente em seu meio, conta com uma das maiores e bem preservadas heranças da Roma Africana. O gigantesco coliseu desabrocha no meio da cidade depauperada e faz sombra aos casebres em seu redor. Fica explícito o quanto a vida já deve ter sido melhor e mais sofisticada nessa mesma região há 2000 anos atrás.

Os requintes arquitetônicos, a maravilhosa estética da fachada, o desenho bem projetado do acesso aos 25.000 assentos de mármore do estádio, a arena, o subsolo com as celas dos gladiadores são a prova cabal do desenvolvimento e da tecnologia empregada pelos romanos. Tudo está no seu devido lugar, em um silêncio sepulcral, para os poucos turistas que por aqui passam. Sabedoria inútil: é o terceiro maior coliseu do império romano em dimensão. Perde apenas para o original de Roma e mais um outro, segundo Driss, nosso guia, recém-descoberto na Romênia. E à sombra deste imenso túmulo, nos despedimos de todos rumo à praia.

## Hammamet - 09/10

### Tunísia

Marília Barrichello Naigeborin



No último dia do tour, nos despedimos do grupo, que a essas alturas do campeonato estava bem unido, e seguimos em direção a Hammamet (enquanto eles voltariam para Tunis pegar o avião para seus respectivos países).

Hammamet, cidade cujo nome significa lugar de banhos em árabe, se consolidou como o principal balneário da Tunísia e não é difícil entender o porquê. As praias têm uma areia branca fininha e um mar lindo, limpíssimo e sem ondas. A água, então, vira um verdadeiro espelho e não é raro ver um cardume de peixes coloridos pequenos e até médios circulando entre a gente. Tendo em vista o fato de estarmos bem (ou mal?) acostumados com o alto padrão das praias brasileiras, não imaginei que encontraria um lugar tão lindo em plena África.

Estamos aqui há três dias, ficaremos mais 4 e já sentimos na pele a dificuldade que vai ser dizer adeus para a praia linda que temos em nossa frente e para as mordomias do hotel, tipo resort, nossa atual casinha (ou seria palacete?). Comparando com nossas primeiras acomodações na Europa, agora estamos no paraíso e o mais incrível é que estamos gastando menos. Além disso, com café-da-manhã e jantar inclusos!! Estamos curtindo aquele super café-da-manhã bem ocidental com direito a ovos mexidos, *waffle* e crepes e um jantar também com um paladar mais conhecido (muito embora a tentativa de uma comida mais internacional acabe deixando-a com menos identidade e sabor. Segundo o Fe, meio hospitalar).

Parece que estamos de férias das férias e também com a cuca mais fresca e mais desligada das discussões filosóficas que vêm permeando esse nosso período sabático. Até livro em inglês conseguimos comprar em Tunis para fazer combinação perfeita com sol e mar. Está sendo uma delícia acordar sem pressa, caminhar na praia, mergulhar na água gelada, tomar sol, dormir à tarde, jantar... e repetir tudo isso de novo o dia seguinte.

## Monastir e Sousse - 12/10

### Tunísia

Marília Barrichello Naigeborin



Em nosso penúltimo dia em Hammamet resolvemos aproveitar para conhecer duas importantes cidades próximas: Sousse e Monastir.

Depois dos dias de relax na praia, já estamos sentindo falta da interação com a cidade, sua cultura, história e pessoas. Então, achamos que esse "day trip", além de muito interessante, também nos ajudaria a fazer a transição entre a tranquilidade da praia e toda a agitação que esperávamos encontrar em Nápoles, nosso próximo destino.

Sousse é uma cidade grande e moderna, mas que conserva uma das Medinas mais autênticas de toda Tunísia. Monastir foi a grande surpresa. Essa cidade foi fundada pelos fenícios para ser uma base de comércio entre a região, há milênios. Sua principal atração é o famoso complexo do Ribat, uma grande fortaleza e um dos grandes exemplos da arquitetura militar islâmica.

A construção, que teve seu início no século VIII, está bastante preservada e ainda conserva muito de sua estrutura original. Para aqueles que quiserem ver um pouco mais dessa atmosfera, vale a pena conferir o filme *Monty Python's Life of Brian*, pois muitas cenas foram filmadas no Ribat.

Voltamos para Hammamet em tempo de um último mergulho de despedida no mar de nossa "praia particular", hoje revolto e mexido. Será que é porque estamos indo embora?

## Nápoles - 13/10

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Depois do susto que passamos no vôo de Istambul para Tunísia, tivemos nossa redenção indo para a Itália. Ainda não sabemos o porquê, mas fomos promovidos a passageiros de primeira classe. Que delícia! Poltronas mais espaçosas e o sabor italiano dos pãezinhos quentes acompanhados por pedaços deliciosos de queijo grana padano e provolone, saladinha caprese (tomatinhos cereja e mussarela de búfala), regados a um ótimo azeite. Sem falar do biscoitinho de amaretto, crocante por fora e macio por dentro.

Já dentro do avião, tudo bem que era primeira classe, deu para sentir que a Itália seria um paraíso gastronômico. E a realização de um sonho antigo. Quando eu e o Fe nos casamos pensamos em ir para a Itália na lua-de-mel, mas acabaria sendo uma viagem que não caberia no bolso de quem estava começando uma vida a dois. Decidimos ir para o México e adoramos.

Agora, dois anos e meio depois, eu visitaria pela primeira vez e por quase um mês o país dos meus antepassados e todos os lugares mágicos que desde criança ouvira falar. Sem contar a experiência que seria encontrar pessoas parecidas comigo (além da Beatriz, minha irmã gêmea), pois desde que o Fe me conheceu, insiste que minha aparência é bastante típica do norte da Itália. Vamos ver!!

Saímos de Tunis cedo e chegamos em Nápoles só no final da tarde, pois tivemos uma escala em Roma e uma espera de mais ou menos três horas. Do aeroporto pegamos um ônibus para a parca Garibaldi que fica ao lado da estação central e de lá resolvemos nos dar um luxo: pegar um táxi para chegar na pousada. Isso por 2 motivos: eu estava com as costas quebradas de tanto carregar a mochila e o crucial: encontramos com duas africanas de Cabo Verde, residentes na cidade há mais de 5 anos e que nos alertaram (confirmando as orientações de nosso guia) em bom português que a cidade a noite é perigosa e que assaltos são frequentes na região da estação. Bom, resolvemos ouvi-las e pagamos com dor no coração 5 euros para andar 5 minutos.

Ficamos hospedados na rua Duomo a poucos metros das atrações mais importantes da cidade e distantes o suficiente da estação central que é uma área mais barulhenta. Vendo de fora, o nosso prédio é mais um edifício antigo do centro de Nápoles, mas ao abrir o gigante portão que dá direto para a rua, surge um mundo: grande edifício em forma de U com muitos apartamentos residenciais, pontos comerciais e nossa pousada que fica no segundo piso do prédio sem elevador em metade do andar.

Aí já começamos a reparar no primeiro contraste de muitos que Nápoles, tida como a capital do

sul da Itália, nos reservaria. Por fora, o prédio todo caído, sujo, sem pintura e por dentro um quartinho limpinho, reformado e aconchegante.

Escolhemos, estrategicamente, começar pelo sul da Itália e ir subindo até Trieste, onde encontraria uma amiga, a Zahira, que conheci em Moscou. O sul, como nossas amigas sicilianas que conhecemos na Tunísia e o casal italiano que conhecemos em Istambul (ele siciliano e ela milanesa) nos explicaram, é a Itália não-européia, e sim africana. Na hora não entendemos muito bem a razão, mas depois de alguns dias em Nápoles, as coisas começaram a clarear.

Trens que atrasam ou mudam suas rotas a ponto de estressar os próprios italianos, preços que se alteram para turistas, trânsito caótico (carros grandes, pequenos, velhos, a febre do Smart - carrinho para 2 pessoas e as inúmeras motinhos) e que faz com que atravessar a rua traga sensação de um atropelamento iminente. Lógico que aí surge uma ordem excusa, mas implícita e nenhuma tragédia acontece.

Os prédios de fachadas antigas, os becos escuros e estreitíssimos são enfeitados por varais pregados por fora do prédio e o cheiro da cidade se mistura com o de sabão em pó. Aí o lixo, que é uma das grandes reclamações dos cidadãos napolitanos se mistura com a limpeza das roupas que ficam ali fora, coloridas em meio a cor pastel das desgastadas paredes, secando às vistas de todos os passantes.

O mais curioso, contudo, nesse mundo de contrastes é ver as meninas e meninos desfilando os últimos modelitos de roupas e cortes de cabelo em meio a todo esse aspecto de filme *trash cult*. Só eu e o Fe de visual básico: jeans e camiseta branca. E eu de rosto lavado, coisa que por aqui não existe. As meninas a partir de uns 12, 13 anos já estão usando e muita maquiagem. É só sentar em um banco de praça e ver a moda passar. Impressionante a quantidade de roupas e sapatos lindos. Acho que minha veia consumista foi reativada!

A alimentação, como prevíamos, tem sido um grande prazer e ainda longe dos preços abusivos que saberíamos encontrar nas cidades mais turísticas como Veneza. Desde a pizza que é reconhecida como a melhor da Itália - servida redonda, individual e de tamanho família ate os fresquíssimos frutos do mar que são bastante típicos desta região, banhada pelo mar. Tudo é de dar água na boca!

Os restaurantes em geral têm um aspecto bem simples, muitas vezes é a gente mesmo que monta a mesa (pratos e talheres amontoados), toalha de plástico com cara de casa da vó, copinhos de plástico e aquela insolência dos garçons, que falam com você mastigando um pedaço de pão ou de pizza. Tudo bem caricatural e divertido. Pedir a comida ou a conta é algo que vem com esforço. Mas a taxa do tal do "*coperto*" (valor que você paga pela cadeira, mesa, pelos talheres) é algo que vem facinho, facinho.

O clima nas ruas é muito alegre, com muito riso de gente que fala alto, gesticula bastante e canta sozinho diriginho a motinho. Não estou exagerando, não: Nápoles parece retratar o lado do excesso italiano em todas as suas esquinas e becos.

Outra coisa interessante que notamos é o uso dos lugares públicos e abertos, das praças, das escadarias de igrejas que viram pontos de encontro, de conversas, paqueras e principalmente, de jogo de futebol. Vivemos duas cenas de cinema com relação ao futebol. A primeira foi numa pracinha na frente de uma igreja: uns 8 meninos de uns 10 anos jogando futebol bastante animados até que um deles caiu e machucou bem o joelho. Sem saber se chorava ou continuava a jogar, ele primeiro parou, segurou a bola (que era sua) e ficou estático. Depois ameaçou "subir" para o prédio e levar a bola. Aí, todos resolveram ajudar e começaram a recolher papezinhos de loteria que estavam no chão para limpar o machucado. Coisas de menino e que devem se repetir em todos os lugares...

Outra situação legal foi ver uma das galerias mais chiques da cidade virar campo de futebol a noite, depois das lojas fecharem. Sem portas externas para impedir a entrada das pessoas, o chão lindo de mármore virou o campo perfeito e a bola quicando a cada hora ameaçava destruir uma das lindas vitrines, que a essas horas era só um espaço escuro e vazio.

Para encerrar esse relato, que já se estendeu demais (acho que "peguei o vírus" e estou sendo prolixa como Nápoles), entrar em um país entendendo o idioma e podendo, de certa forma, se comunicar, está fazendo toda a diferença para a gente. Os sorrisos que se abrem quando



começamos a gastar nosso italiano (e o Fe está bem bom nisso) recompensam qualquer *sbaglio*, ou melhor, erro.

## Capri - 15/10

### Itália

Fernando Naigeborin



Nem era bem nove da manhã e já estávamos com o vento nos cabelos -- como o protagonista de um filme antigo e melodramático desses de sessão da tarde se referia ao ato de viajar e que tem a Cher como mãe motoqueira e carinhosa. Depois de quarenta minutos em um *traghetto* (uma barca rápida) envolto em uma bruma espessa e circundado por um mar revolto, chegamos à falada e filmada ilha de Capri. Há milênios habitada, é um lugar escolhido a dedo pela elite romana e depois italiana para a prática do sofisticado *dolce far niente*.

Conta a história (e o fabuloso sítio arqueológico de Villa Tiberius) que o imperador Tibério, no comecinho do primeiro século, achou por bem se mudar para cá, um local inóspito, para governar todo o vasto império romano daqui, apenas rodeado por precipícios e abismos.

A ilha de Capri, juntamente com as ilhas de Ischia e Procida formam um pequeno arquipélago no oceano azul esmeralda do mar Tirreno. Até aí, nada de tão especial. O que realmente transforma e transtorna o olhar em Capri são os penhascos enormes que separam mar e terra. Mas antes que alguém duvide de mim e pergunte como chegamos aqui... sim, existem alguns poucos trechos onde se pode aportar e logo encarar a subida. E se faltam praias, sobram caminhadas, rochedos e vistas vertiginosas do oceano lá embaixo.

O centrinho da ilha faz jus ao "sofisticado", usado no primeiro parágrafo. Lojas caríssimas disputam o ponto por aqui, em busca dos cada vez menos endinheirados turistas. Mas nada que um passeio de cinco minutos em linha reta não resolva. Saem as marcas, rareiam os turistas e entram em cena as antigas casas dos habitantes locais, acolhedoras e emolduradas por visuais arrebatadores. Quem conhece Santa Teresa, no Rio, pode ter uma vaga noção de como é por aqui.

E o dia passou assim, entre altos e mais altos, suave e com volta programada no fim de tarde a Nápoles, nossa base de apoio quase paulistana em solo italiano.

## Pompeia - 16/10

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Já nos considerávamos escolados em ruínas de cidades romanas após Efesos, Sbeitla, Hierapolis, Afrodísias; mas nos aventurar pelo imenso sítio arqueológico de Pompeia foi uma experiência deveras interessante e trouxe ineditismo ao que normalmente era praxe dessas fenomenais cidades antigas.

Por quase 5 horas percorremos as ruas dessa grande cidade fundada no final do século 2 e que só foi descoberta em 1600. O trabalho de escavações, contudo, começou mais tarde ainda, depois de 1700 e segue ininterruptamente até os dias de hoje. Muitas áreas que vimos no sítio, sequer estavam mencionadas no nosso guia ou no próprio mapa oferecido pelo local, fato que reforça ainda mais a magnitude dessa cidade.

Por abrigar em sua maioria cidadãos de posses, a arquitetura das casas e sua decoração interna ornamentada por mosaicos, afrescos, fontes e jardins internos, reflete todo um status social e de poder.

Pompeia segue de certa forma alguns elementos mínimos que identificamos como sendo comuns ao longo de nossas visitas anteriores: basílica, teatros e anfiteatros, templos para divindades como Jupiter e Apolo, ruas de comércio, cemitério, locais para banhos (termas), locais para discussões de questões públicas e administrativas (fóruns).

Porém, no caso de Pompeia um elemento único entra nessa história toda de forma crucial e torna a epopéia dessa cidade um pouco terrível e assustadora. Estou falando do Monte Vesúvio, um vulcão imenso que faz parte do cenário da baía de Nápoles e que erupcionou no ano de 79 DC atingindo toda a cidade e sua história. Ou melhor, atingindo os mais fracos, ou pobres, que não conseguiram fugir, já que a elite ao perceber a nuvem de fumaça que começou a se formar meses antes, abandonou a cidade.

Imagina-se que 2.000 pessoas morreram queimadas e asfixiadas pela fumaça tóxica expelida pelo vulcão. Ao longo do percurso da cidade e suas casas, nos deparamos com uma série de corpos carbonizados pela lava, como estátuas em poses de agonia e de dor. Pessoas agachados cobrindo o rosto, dormindo, com o corpo em movimento como que tentando correr. Todas ali congeladas no tempo por uma natureza em fúria.

Outro ponto instigante de Pompeia é a presença do lupanarium, que nada mais é do que um bordel da idade antiga e que reforça ainda mais a longevidade da prostituição. Pequenos espaços para os quartos eram ornamentados com, pelo menos para nós, um novo tipo de arte que aqui se mostra claramente e cujos exemplares mais importantes estão expostos no museu de Nápoles: a arte erótica.

Depois de nos certificarmos pelo mapa que havíamos passado nessas 5 horas ao menos nos locais mais importantes, seguimos para a Villa dei Misteri (Vila dos Mistérios), que seria nossa última parada antes do trem de volta para Nápoles. Essa parte da visita foi muito especial pois

ali se encontram os afrescos em melhor estado de conservação, bem como pisos de mosaico belíssimos e até uma engenhoca para moer uva e fazer vinho. Porém, o melhor estava em uma das salas finais em um grande painel cujo tema são os ritos de iniciação e que fazem todo sentido e conexão com o nome Vila dos Mistérios. Arqueólogos em estudos recentes descobriram que em determinado momento da história de Roma os ritos foram considerados pagãos e inaceitáveis dentro dos limites da cidade. Então, determinado cidadão mandou construir esse espaço (fora da cidade e pra lá do cemitério) para que seus ritos e rituais continuassem a fazer parte da vida da cidade e não fossem sufocados pela ortodoxia da lei formal.

Depois de um dia interessantíssimo, ainda tivemos o prazer de conhecer no trem de volta para Nápoles duas garotas super bacanas de Santos: a Carla e a Andrea e que foram nossa companhia em nosso último dia em Nápoles e que acabou em pizza.

## Costa Amalfitana - 18/10

### Itália

Fernando Naigeborin



Marília, em Amalfi,  
na porta da casa de alguém feliz



Positano. É ou não é especial?

Ontem acordamos cedo, empacotamos tudo, deixamos as duas mochilas no *locker* da estação e nos despedimos de Nápoles. No meio de tudo isso, tempo suficiente para um furtivo *capuccino*, que por aqui não tem chocolate e um macio corneto com mermelada (é um *croissant* com geléia, tão típico quanto o *capuccino*). A seguir, pegamos o trem rumo a

Sorrento, porta de entrada de mais um destino idílico da Campania italiana: a romântica Costa Amalfitana.

Na verdade, há muitos destinos considerados românticos por aí, quando se viaja. Veneza, Paris, Praga são talvez os mais famosos... Enfim, sempre quando me arvore em algum deles esse clima romântico-turístico-obrigatório me deixa assim meio incomodado, como se só nestes locais se devesse namorar, ficar abraçado, cuidar e ser cuidado.

Enfim, uma cisma muito minha e que finalmente... foi vencida. É, eu me rendo aos panfletos turísticos. A Costa Amalfitana é mesmo um lugar romântico, suave, onde o amor é mais amor. Não que a gente precise de algo (que não o outro) para se sentir leve, apaixonado... Escrevendo isso me lembrei muito de uma música da Joni Mitchell que tem bem a ver com isso (acho que chama Help Me). Mas o clima é perfeito para estar assim como estou com a Marília, a dois.

Mas deixa eu contar um pouco mais da viagem em si...

Chegando em Sorrento, pegamos um ônibus para a cidadezinha de Amalfi. Os 25 km foram difíceis de ser vencidos. Demorou quase duas horas de curvas acentuadas e um pouco de enjôo para chegarmos ao nosso destino, encravado no meio da rocha, há poucos metros de uma pequena prainha, de mar azul.

Fomos deixar a mochilinha com a muda de roupas para o dia seguinte na pousada que achamos em promoção na Internet. Que surpresa... mais do que uma pensão familiar, o albergue lidomare ([www.lidomare.it/](http://www.lidomare.it/)) está dignamente de pé desde o séc. XII. Além da vista para o mar, toda a decoração dos poucos e espaçosos quartos é de época. Um lugar assim perfeito, para não se esquecer tão cedo.

Depois de uma meia hora de felicidade pura, pulando pelo colchão de tão felizes, saímos de chinelo para uma pequena *passeggiata* pela vilinha. Andamos para um lado, para o outro, subimos e descemos. e acabamos na igreja antiga, no fundo, diametralmente oposta a catedral turística que está de frente ao mar. Um dia com nada de especial, mas especial por isso mesmo.

Hoje acordamos cedo novamente, e depois do bom café da manhã, partimos com o mesmo ônibus que nos trouxe para a cidadezinha de Positano, bem no meio do caminho entre Amalfi e Sorrento. Passamos a manhã circulando e até nas lojinhas turísticas entramos. Uma delícia. A vista daqui é ainda mais sensacional, com a praia lá embaixo, longe, longe. Tanto que o som do mar chega atrasado e abafado...

Na hora do almoço pegamos de novo o já consagrado buzão que nos deixou sãos e salvos na ferroviária de Sorrento. E toca rápido pegar o trem a Nápoles, sem esquecer as mochilas no *locker* e chegar na hora certa no binário três da estação (tem que ir por baixo) para, enfim, entrar no comboio para Roma.

## Roma - 22/10

### Itália

Fernando Naigeborin



Chegamos em uma Roma agitada, pouco antes dos últimos tons alaranjados do céu deixarem o infinito azul marinho da noite avançar. Ainda na estação, fizemos o ritual de praxe: consultamos o guia e ligamos para a pousada mais bem aconselhada. A resposta é que não foi exatamente a de sempre, pelo menos para nós: *è pieno, signore*.

Ligamos para mais uma, duas, dez, todas as recomendadas (e as nem tanto) do livro. Tudo cheio, lotado, com pessoas do outro lado da linha quase sempre exacerbadas, parecendo cansadas de tanta procura. Antes do princípio de pânico, entramos numa espécie de *tourist information* da estação ferroviária. A busca por albergues, pousadas, *bed&breakfasts* ou mesmo hotéis estava complicadíssima. Estávamos na semana do Festival de Cinema, pelo visto importante no calendário da cidade. Fora isso, quase em novembro, quase inverno rígido, estávamos ainda na boa e velha alta estação de turismo.

O jeito foi se arranjar em um daqueles hotezinhos meio alquebrados, quase limpos, vizinhos da estação, com uma frequência, por assim dizer, aberta. E completar a jornada com um clássico aqui na Europa: o restaurante chinês. Assim como no Brasil, a maioria das cidades européias tem seu representante na gastronomia cantonesa pontuado em lugar bastante movimentado, com comida quente e, importante, a preços bastante atraentes. Uma angústia silenciosa reinava no ambiente. Nas poucas mesas ocupadas, apenas estrangeiros, a mão-de-obra barata que movimenta o velho continente, cansados após um dia intenso de trabalho, em busca de um prato grande de comida.

Depois do familiar *chop-suey* procuramos uma Internet para buscar algum lugar melhor para os outros dias por aqui. Depois de hora e meia, encontramos um quarto no centro de Roma pelo dobro do que poderíamos pagar. Com pesar e alegria, reservamos as próximas quatro noites nesta pousada no centro histórico da cidade, extremamente bem localizada. Voltamos para o quarto iluminado pelo neon de fora e tentamos dormir com a sonata de uma cidade grande do lado de fora.

No outro dia, logo cedo, estávamos na pequena Piazza San Pantaleo, em plena Corso Vittorio Emanuele, em busca do nosso novo endereço. Achamos rapidamente a pousada, entre um museu e uma igreja. E logo descobrimos que ela também estava cheia. Depois de um minuto de afobação, a resposta: o quarto a nós reservado ficava convenientemente alocado a meia quadra dali, do outro lado da praça, dentro de um apartamento de um predinho.

Uma vez dentro, a sensação era de se estar em uma casa normal. Tínhamos realmente um endereço, com porta, chave, janela, vizinhos... como se morássemos em Roma. E o melhor: na esquina de tudo. A partir desta hora, nosso cotidiano tranquilo de viagem voltou ao normal. E

sempre deste ponto do mapa, partíamos para conhecer e desbravar Roma, uma meca para quem gosta de história, arte e arquitetura.

Mas é tanta coisa junta confinada em um mesmo espaço de terra que fica a impressão de se estar em uma disney arqueológica, com igrejas construídas sobre templos, por sua vez montados sobre ruínas de fortificações, estas últimas apoiadas nas bases de casas de mais de 3000 anos. Uma bagunça estratificada por dezenas de metros, logo abaixo do solo, transformando o piso da cidade em um verdadeiro queijo suíço. Onde se vai é possível ver os "estragos" das obras do metrô, com ruínas de toda sorte, casualmente encontradas, no meio da rua. E os carros, as casas e a população em meio a tudo isso, num constante ir e vir.

Roma é sim, eterna. E frenética. E a impressão do primeiro dia, pelo telefone, que as pessoas estavam saturadas pelo turismo se confirmou. A cidade é constantemente tomada por hordas de estrangeiros em busca dos cartões postais da antigüidade, como o Coliseu, o Foro Romano e o Pantheon e os cenários clássicos dos filmes de Fellini, como a Piazza Di Spagna e Fontana Di Trevi.

Olha, tudo isso é lindo, não tem dúvida, não. A questão é que, por conta deste assédio, um pouco do charme e do prazer de se descobrir o passado se perde em filas homéricas, com ingressos caríssimos e o pior: aquele enxame de turistas liderados por um guia aborrecido, de guarda-chuva em punho, passando na frente de todo mundo. A única boa notícia, dessa parte da história, é que, enfim, ao menos um problema deste tipo de turismo predatório foi resolvido: agora o guia fala por um microfone que está diretamente conectado a fones de ouvido de turistas vermelhos, alegres e felizes.

Para nós, uma grande experiência, talvez a mais impactante, foi a de estar na "matriz" do império romano. Depois de passarmos por tantas ruínas na Turquia e na Tunísia, muito do que víamos já nos era familiar. A forma de construção de templos, a planificação de ruas, a disposição dos banhos públicos, as leis romanas... mais que isso, eu e a Marília adquirimos o hábito bem pouco prático, mas agradabilíssimo, de relacionar a figura de um busto esculpido ao nome do imperador romano. Assim, figuras ilustres dos livros de história e de colunas, templos e museus já eram familiares para a gente. Era fácil discernir os rostos dos imperadores Adriano, Marco Aurelio, Vespasiano e Caracala (esse último, com uma cara de mau imbatível).

E os cinco dias em Roma passaram como um turbilhão, cheios de coisas para ver e fazer.

## Roma - 23/10

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Estar em Roma é descobrir reais lugares míticos e resgatar histórias e memórias da família, da escola, dos amigos, da vida. Estar em Roma é emocionar-se. Ver de perto o Coliseu, conhecer o Vaticano, admirar o teto da Capela Sistina significa encantamento indescritível e também resgate de um emaranhado de memórias pessoais que se cruzam com fatos importantes e marcantes da história da humanidade. Também é se sentir parte pequena junto aos montes de turistas do mundo todo reunidos para admirar grandes feitos, grandes obras imortais.

Acho que por sua grandiosidade e por tudo que já lera, ouvira e estudara, Roma já me parecia íntima e arraigada em meu inconsciente, mesmo sem que eu a conhecesse pessoalmente.

A estada em Roma propiciou-me, então, uma série de encontros agora reais e inesquecíveis com a arte, com o passado, com a imaginação, com a fé, com o futuro; e também com uma pessoa admirável e que considero carregar muito da identidade italiana: o sociólogo Domenico De Masi.

Minha identificação com o professor De Masi remonta ao primeiro ano de faculdade, uns 10 anos atrás, quando li seu livro *Desenvolvimento sem Trabalho*, que na época mexeu bastante comigo. Continuei lendo outros livros de sua autoria e anos depois, cursando pós-graduação na ECA, decidi me aprofundar na Pós-Modernidade e seus valores emergentes; e novamente Domenico De Masi apareceu, agora, com sua conceituação sobre o ócio criativo. Bom, tudo isso para dizer o simples: sou fã de carteirinha desse grande autor.

Além de toda a emoção natural da própria situação (conhecer uma pessoa que se admira e estima), o encontro com o professor Domenico foi ainda mais especial, pois foi uma conquista "suada" que começou ainda no Brasil. Carta emitida pela USP, assinatura da coordenadora do curso, tradução para o italiano, troca de mails, telefone para a secretária em italiano, ligação para o celular do professor e confirmação do agendamento.

Até que no dia 23 de outubro, na hora marcada (10h) e com muita simpatia ele me recebeu em seu escritório, coincidentemente localizado uns 200 metros da nossa pousada! Em sua sala espaçosa, aconchegante e com quadros de Oscar Niemeyer conversamos sobre o *Slow food*, o ócio criativo e sua viabilidade, além de projetos que ele está fazendo na Itália e no Brasil, as atuais necessidades de pesquisa acadêmica e os novos desafios da Pós-Modernidade. Para De Masi nossa conversa "despretensiosa" retratou nada mais, nada menos que a prática do ócio criativo, ou seja, quando se consegue conciliar estudo, trabalho, prazer e lazer; diminuindo a distância entre o mundo do trabalho e o mundo da vida. Como boa admiradora, sai de lá com foto e tudo; registro de mais um encontro que ficará na memória e que fez o último dia em Roma ainda mais inesquecível.

## Siena - 25/10

### Itália

Fernando Naigeborin



Pela janela do trem a Toscana começava a se descortinar por entre uma miríade de verdes, laranjas e amarelos, sempre emoldurados pelo azul do céu do firmamento. Não à toa, esta região é historicamente célebre pela beleza de seus horizontes pontuados por vinhedos muito antigos, casas de pedras seculares e igrejinhas milenares. Tudo aqui parece obedecer à lógica dos vinhos: quanto mais antigo e bem guardado, melhor.

Talvez este também seja o grande segredo de Siena, nosso ponto de desembarque e lar-doce-lar nestas últimas 72 horas. A antiga cidade medieval bem guardada dentro dos limites de sua muralha conserva impecável o mesmo *modus operandi* desde meados do século XIII, quando a cidade desacelerou, fincou raízes e parou no tempo. As construções sólidas que delimitam as estreitas ruas são todas da mesma época, invariavelmente marrons com frisos e persianas verdes nas janelas. Os bairros, ou contradas, são divididos geometricamente à partir do marco zero da cidade, a Piazza do Campo, famosa por sua arquitetura peculiar em forma de leque e por conter as principais atrações turísticas da cidade, todas fielmente conservadas.

Todo este hábito de conservação, aliás, também se reflete nos horários de trabalho e em tudo que se refere à alimentação. Comer bem é mais do que um privilégio ou um raro prazer: é uma instituição. Açougues, mercados e quitandas são lugares sacros onde apenas o melhor é ofertado. Desta maneira, é comum para alguém que more por estas bandas sair de bicicleta, parar para comprar tomates e berinjelas em um estabelecimento vizinho, queijo logo ao lado, vinho no final da rua e pães logo no outro quarteirão. Tudo isto apenas para a próxima refeição, porque boa comida demanda boa matéria-prima. Afinal, quem vende bons queijos não pode ao mesmo tempo ter bons pães e outros bons ingredientes frescos. Pelo menos é assim que se pensava antigamente e é ainda assim que se pensa por aqui.

Tudo isto é bem diferente da nossa experiência de vida em São Paulo. Quem já não se pegou atolado no trânsito, atrasado, cansado e com vontade de ir para casa, mas com a obrigação de parar no supermercado para fazer a famosa compra do mês? Eu, ainda bem, sou fã de carteirinha desse tipo de programa, mas confesso que minha vida seria muito melhor se eu pudesse todo dia, comprar um pouquinho aqui, um pouquinho ali, sem correria, evitando as tradicionais enrascadas dos congelados e dos "leve 3, pague 2" que acabam sempre sobrando. Digressões à parte, a herança dos bem preservados costumes de Siena podem sim trazer ensinamentos para um cotidiano mais equilibrado nos dias de hoje.



## San Gimignano e Monteriggione - 26/10

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Hoje cedo saímos de Siena e pegamos um ônibus para conhecer um pouco da paisagem da Toscana e duas encantadoras cidades medievais. Quarenta minutos de ônibus já foram suficientes para mudarmos completamente de entorno e cruzarmos campos imensos com inúmeros tipos de árvores, casinhas de pedra no meio de montanhas, pequenas propriedades rurais, vinhedos, muito verde e praticamente ninguém. Uma paisagem linda e relaxante, que nos fez divagar sobre como seria a vida de quem mora por lá.

Nossa primeira parada foi a cidade de San Gimignano, construída no século 12/13 por nobres senhores feudais. A cidade de ruas e casas de pedra prosperou bastante graças, principalmente, a agricultura e chegou a ter 15.000 habitantes. Desse número, hoje, resta apenas a metade, fato principalmente atribuído a peste negra, que dizimou a população local.

Andando pelas ruas de San Gimignano, salta aos olhos 15 pronunciadas torres, consideradas símbolos do poder e riqueza feudais. Antigamente, tais torres eram bem mais numerosas: 72, mas foram destruídas quando Florença assumiu o controle da cidade.

A atmosfera medieval, no entanto, é suavizada pela linda paisagem, que mais parece um quadro, emoldurado pelas portas que circulam a cidade. A sobriedade e dureza dos grandes blocos de pedra se mistura com o verde que vai até onde a vista alcança e é suavizada pelo canto de inúmeros pássaros diferentes, como um coro ensaiado onde sopranos, contraltos e barítonos sabem todos o tom.

Depois de percorrermos toda a cidade e suas principais atrações - como a Collegiata, igreja de 1.300, considerada uma das mais bonitas da Toscana graças aos seus afrescos que ilustram passagens do novo e antigo testamentos - seguimos para um destino bem menos turístico o vilarejo de Monteriggione.

Chegamos lá de ônibus, pouco mais de 1 hora de viagem e depois seguimos caminhando uns 20 minutos - primeiro por uma rodovia e depois uma estradinha de pedrinhas bem íngreme. Já de baixo pudemos ver a muralha intacta rodeando o vilarejo, também um antigo feudo, bem menor que San Gimignano, mas deveras interessante. Dentro da muralha uma cisterna, a igreja, casas também feitas de pedra, pequenos comércios, umas 10 ruas e só. O resto é silêncio. E o silêncio é verde.

Depois de um bom passeio com parada para conversa na praça e sorvete, pensamos que era hora de retornar a Siena. Voltamos em direção ao ponto de ônibus e aí veio a má notícia: teríamos que esperar 2 horas e meia pelo próximo ônibus. E o pior é que estávamos já longe das muralhas da cidade em uma região no meio do nada. Ou melhor, havia sim um correio, um bar e uma banca. Em princípio não demos muita bola, mas depois de 1 hora de espera, eles "salvaram a pátria".

## **Pisa - 27/10**

### **Itália**

Marília Barrichello Naigeborin



Hoje pela manhã deixamos Siena em direção a Lucca, mas antes, fizemos uma parada em Pisa, para vermos a famosa torre (aqui conhecida como "torre pendente"), um dos grandes ícones e cartões postais da Itália.

A torre fica dentro de um complexo muito bonito, a Piazza dei Miracoli, que também abriga uma igreja, um mosteiro e um batistério. Já no muro que dá entrada a esta praça, é possível ver a torre a nos esperar em toda sua forma cambaleante. É aí que vem a surpresa de vê-la ao vivo: o Fê me disse que meus olhos sorriram.

A visão pendente da torre, que ao meu ver, é linda justamente por sua engraçada imperfeição frágil, me fez divagar sobre nossa busca constante pela perfeição. Por que nos amarramos a padrões preestabelecidos? Por que não ousamos mais, indo além do que é esperado? Por que, no geral, temos resistência ao que é diferente?

Milhares de turistas, todos os dias, visitam Pisa especialmente para ver a torre, que é diferente de todas as outras, é única e por isso especial. O que era um "defeito" no passado virou beleza e tornou a torre de Pisa uma grande atração famosa nos quatro cantos do mundo.

Na saída, um pouco mais distante, olhei mais uma vez para esta obra pendente e dessa vez foi ela que sorriu para mim. Como se eu realmente tivesse aprendido uma lição: muitas vezes é no impensado, no diferente, no imperfeito que a beleza repousa. Entortemos nosso olhar!

## **Lucca - 27/10**

## Itália

Fernando Naigeborin



Vinte e quatro horas bastaram para transformar Lucca em nosso sonho de consumo aqui na Itália. A combinação de atributos positivos foi, para mim e para a Marília, insuperável. A localização privilegiada, bem no meio da Toscana, cercada por um vasto jardim de árvores coloridas pelo outono e por suas bem preservadas muralhas é um bom prólogo para este início de conversa. Mas a cidade tem mais outras tantas qualidades... a começar por seu tamanho ideal para quem esta a pé ou de bicicleta, até o charme despretenhoso das construções medievais que recheiam o simpático e bem menos turístico miolo central.

Neste pouco tempo que passamos por aqui, tudo estava de acordo com nossos sonhos mais ingênuos e pueris: casais brincando com suas crianças no meio da tarde de uma sexta-feira, lojas fechadas para a sesta, ruas e mais ruas sem carros, músicos tocando na praça e um ambiente perfeito para, como diria um amigo meu, "amarrar o burro nesta sombra". Até paramos para ver os preços de imóveis que estavam para alugar na vitrine da pequena imobiliária que encontramos em uma das ruelas do centro. Delírio leve e passageiro. Até porque nosso sonho agora é real. E está em plena realização, fazendo com que tenhamos a oportunidade de conhecer novos horizontes e enxergar o mundo sobre outros pontos de vista.

Tanto isso parece ser uma verdade que, mesmo em tão pouco tempo na pacata Lucca, tivemos a chance de provar desse outro jeito de olhar... estávamos conversando em um pequeno café, em uma pracinha nos fundos da cidade, quando a senhora que nos atendia, perguntou, um tanto tímida, se éramos brasileiros. com a nossa confirmação, ela tomou a liberdade de botar a bandeja na mesa e, por um breve período, se juntar a nós. Na conversa, descobrimos que ela e o marido (que estava no caixa e depois veio nos cumprimentar) tinham ido ao brasil visitar parentes em São Paulo em janeiro do ano passado. As lembranças dos passeios pela Liberdade, pela avenida Paulista, pela Lapa e a aventura de um dia digerindo o churrasco eram acompanhados por suspiros de saudade e encantamento. depois de um tempo para o personaltranslatortabajara funcionar, a sentença final: "eu e meu marido estamos trabalhando para, se deus quiser, vender tudo aqui e se aposentar em São Paulo, onde a vida é maravilhosa".

Pois é.

## Florença - 31/10

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Detalhe do difícil-de-fotografar  
Duomo de Florença



A ponte sobre o Arno une as duas partes de  
Florença em um belo cartão-postal.

Depois dos últimos dias de puro "slow" nas cidades da Toscana, estávamos um pouco preguiçosos para chegar em Florença, cidade com tantos turistas quanto atrações, museus, igrejas. Sabíamos que a tranquilidade e a serenidade daria espaço para aquela angustia típica que nos acomete quando entramos em uma cidade com muito o que ver e fazer, mas com um tempo restrito.

Essa afobação inicial misturada à nossa cuca mais fresca e relaxada deu crepe. O primeiro foi quando descemos do ônibus, depois do motorista nos avisar que nossa rua tinha chegado e rodamos quase uma hora sem encontrar a pousada. Depois de pararmos várias pessoas, descobrimos que nossa rua tinha uma homônima e que estávamos no lugar errado. Nossa sorte foi que a rua certa ficava a poucos metros de onde estávamos e pudemos seguir a pé.

Quando vimos a pousada e achamos que poderíamos relaxar novamente veio o pior. Tínhamos chegado no dia errado! Nossa reserva estava feita para o dia seguinte e como era sexta-feira, a pousada estava lotada. A sorte foi que a recepcionista, super solícita e gentil, resolveu nos ajudar, fez umas 5 ligações até que finalmente conseguiu um quarto na pousada de um amigo, um pouco afastada do centro, mas segundo ela "*molto carina*".

Eram quase 22:00h quando chegamos na pousada "Colori", realmente super arrumadinha, limpinha e bem decorada. Os quartos de hóspedes ficam no andar de baixo da casa do casal

Pascal e Rick e são temáticos: quarto tailandês, quarto japonês, quarto indiano. A cozinha compartilhada com os donos é super tecnológica e equipada, com direito a foto do cachorrinho do casal, um filhote de chihuahua chamado Pedro. Fomos super bem acolhidos e no final, como sempre, tudo deu certo. Ficamos bem instalados e pudemos curtir a noite de uma Florença bem menos turística, já que o bairro que ficamos nesse primeiro dia era fora da rota turística tradicional.

No dia seguinte pela manhã nos despedimos do simpático Rick e fizemos o check-in, agora no dia certo, na pousada que ficaríamos os próximos 4 dias. Tudo resolvido saímos para circular pelo centro da cidade, que como esperado, estava lotada de turistas. Mas isso foi fácil de abstrair ao darmos conta da beleza, quase pleonástica de Florença e uma verdadeira ode às artes. Toda nossa atenção se voltou inteiramente para admirá-la.

Berço do Renascimento, Florença é uma vitrine do melhor das artes. Aqui pintura, escultura, arquitetura são retratos do melhor, do mais perfeito, do mais belo que se poderia ter. Tudo isso, principalmente devido ao mecenato da família Medici, formada por ricos banqueiros e que patrocinou esse desenvolvimento exponencial das artes florentinas. Tal riqueza visual também se reflete nas inúmeras igrejas da cidade com afrescos, decorações internas e projetos de grandes nomes como Giotto, Michelangelo e Donatello.

Se em toda a Itália a arte é denominador comum, Florença parece ter tudo em maior escala e concentração. O *duomo* espantoso, construído sem andaimes para ser o maior da época, o Davi de Michelangelo, claustros do convento de San Marco ricamente decorados por Fra Angelico, o jardim de Boboli com suas belas fontes e "cercas vivas", o Palazzo Vecchio...

Mas mesmo diante de uma miríade de belezas, uma delas, no entanto, foi inegociável e não esmorecemos mesmo com as 3 horas de espera para entrar: a galeria Uffizi. Criada pela família Medici no século XV, essa galeria tem um acervo notável e concentra os mais belos e preciosos produtos do Renascimento. Ver de perto os famosos quadros de Boticelli, como "O Nascimento da Vênus" foi algo indescritível, cheio de emoção. Também tivemos a sorte de pegar uma exposição temporária sobre Leonardo da Vinci. Muito mais que um pintor, Leonardo foi um grande inventor e um curioso nato. Enveredou-se pela arquitetura, pela ciência e biologia, pela matemática, pela física, pela engenharia. Ver seus cadernos com anotações de projetos sempre feitas ao contrário, se surpreender com a escrita que ele criou misturando palavras e desenhos, conhecer a arte antes do quadro acontecer observando seus inúmeros e criteriosos esboços e ver o "gênio" muito maior que o "pintor" foi um grande prazer.

Os dias em Florença passaram rápido. As atrações pareciam infinitas e por vezes era difícil saber onde entrar, o que fazer, o que escolher. No último dia vimos uma coisa engraçada que pareceu retratar justo esse dilema: um restaurante com um adesivo na porta "Slow Food" e ao mesmo tempo uma placa escrita "Hamburger, Cheeseburger e Hot dog". Florença parece conter essa dicotomia. Não cair na armadilha da "arte expressa": entrar, ver, fotografar e sair talvez seja a coisa mais importante que aprendemos e o mais importante para aproveitar a cidade

## Itália

Fernando Naigeborin



Milão é a cidade mais conectada da Itália



O tempo não passa na Certosa di Pavia

A primeira sensação ao desembarcar em Milão foi a de alívio. Depois da vida-de-gado-turista em Florença, sempre pra-cá-e-pra-lá em filas homéricas, apinhadas de turistas afobados e impacientes, o silêncio consentido nas espaçosas ruas de Milão restabeleceu a ordem e a tranquilidade à nossa jornada. Sim, as ruas supostamente feéricas da locomotiva italiana estavam surpreendentemente desertas para um dia de semana comum. Em princípio, pensamos que a onda de frio poderia ser a razão desta pretensa inatividade, depois, o horário de trabalho mais rígido, até, por fim desconfiarmos se tratar de um feriado. Batata.

O bom de estar em uma metrópole em pleno feriado é poder aproveitar a ausência de trânsito para flunar entre ruas serenas, com tranquilidade para ver praças com gente feliz, lendo o jornal, jogando bola, ou namorando. Mas, em compensação, a cidade que muitos um dia me disseram ser a São Paulo da Itália, estava adormecida, embaixo de cobertores pesados, relutante em deixar o calor e o aconchego de sua privacidade.

Privados do dia-a-dia, sobrou pouco a fazer. Lojas fechadas, igrejas vazias e a sensação clara de caminhar pelas ruas de São Paulo em um domingo cedo, daqueles frios e chuvosos, onde ninguém em sã consciência se aventura a nada. A única movimentação podia ser notada em frente à famosa galeria de lojas Vitorio Emanquece. Uma crescente massa de torcedores do Anderlecht se amontoava entre latas de cerveja, brados de guerra e uns poucos e dissonantes

bumbos, toda de roxo, vinda diretamente da Bélgica para ver o jogo de seu time contra o local Milan, pela Eurocopa (em tempo: não fomos ao estádio, de noite, mas da cadeira cativa do quarto da pensão deu para torcer e assistir o show de Kaká, em noite mais do que iluminada botar para dançar o time belga e a pobre torcida ainda mais roxa do Anderlecht).

Nos dois dias seguintes resolvemos apenas caminhar pela cidade, sem muita preocupação com os pontos turísticos clássicos, já riscados no caderninho no longo e sonolento dia anterior. O foco mesmo era tentar captar a pulsação da cidade, em dias normais. Quanto mais andávamos, mais sentíamos o parentesco com São Paulo, capital, material, cultural. Muita gente, muito trabalho, muito rápido. As ruas passavam e descortinavam cenários bem familiares, com construções do século XX ao melhor estilo do centrão velho paulista. A diferença? hmmm... Limpeza, segurança e bem menos desigualdade entre iguais.

Aproveitamos também esses dias para uma pequena fuga programada. Em uma tarde fomos até Certosa di Pavia, monastério antiquíssimo, estacionado a menos de trinta minutos de trem da frenética Milão, mas a séculos de distancia da vida que se vive por aqui. Em meio à natureza e dentro do fechado cenário medieval, monges ainda praticam o voto de silêncio e vivem à custa de produtos orgânicos cultivados nas terras da propriedade e vendidos na pequena lojinha, dentro do maravilhoso monastério. O local, abrigado de tudo o que há em nosso tempo-espaco, ainda se esconde da maioria dos turistas e se transformou em uma verdadeira cereja a coroar as mil camadas de recheio do bolo de Milão.

## **Trieste - 05/11**

### **Itália**

Fernando Naigeborin

A infinidade de paralelos trilhos de trem que unem Milão e Trieste engoliu boa parte do nosso dia. Ainda assim, a viagem foi recompensadora. Cruzamos o norte da Itália sempre em direção ao leste, passando por cenários fantásticos que se revezavam randomicamente. Paisagens rurais entraram e saíram do nosso campo de visão, entremeadas por cidadelas de pedra, pequenas florestas virgens e igrejas isoladas em topos de pequenos morros verdes. No fim, quase chegando, uma curva acentuada desvelou um mar azul-avermelhado pelo pôr-do-sol mais perfeito de toda a viagem.

Na estação, a nossa espera, estava a Zaira, amiga da Marília desde a época em que ambas foram trabalhar na área social e experimentar um novo cotidiano em pleno inverno de Moscou. De lá para cá se passaram quase cinco anos...

...E a conversa logo engrenou, com as duas se lembrando das boas histórias do período em que conviveram juntas. Caminhamos pelo imponente centro da cidade, herança da passagem do império austro-húngaro pela região, que transformou a cidade em seu principal porto europeu.

Mesmo fisicamente em território italiano, a sensação é de se estar mais próximo da Europa central, com feições, construções e monumentos bastante distintos de tudo o que havíamos visto nas últimas semanas.

Já era noite quando fomos para a casa da Zaira, na pequena vila de Pesek, no alto de uma das colinas que circundam Trieste. O que já parecia diferente, ficou ainda mais contrastado na curta viagem de carro até lá. Entre a mata densa, placas com nomes difíceis, em italiano e em esloveno, indicavam a direção de vilarejos escondidos, habitados quase unicamente pela população de origem eslovena, que há tempos reside na região.

A casa em Pesek, nosso novo endereço, está alocada confortavelmente a mínimos duzentos metros da fronteira com a Eslovênia. Assim, ir ao mercado ou ao posto de gasolina significa passar por dois postos de fronteira na ida e na volta. A proximidade, também, nos permite vivenciar um pouco a realidade de uma das tantas minorias existentes na Europa.

Para nós, brasileiros, continentais e misturados, é um pouco abstrata a noção de povos diferentes vivendo em um mesmo território. Ainda mais sabendo que as fronteiras são tão próximas e tão antigas. Não que eu seja tão utópico que não perceba que há diferenças sérias no Brasil. Somos mais ricos ou mais pobres, mais escuros ou mais brancos e por assim vai... Mas todos falamos a mesma língua, temos os mesmos hábitos, a mesma alimentação (que saudade do arroz-feijão!) e, sim, temos uma cultura em comum. Seja ela fruto das discutíveis

novelas que assistimos pela tevê ou pelos valores forjados por gente tão distinta quanto unida pela necessidade de vencer no novo mundo, me parece que no nosso país celebra-se mais a união do que a diferença.

E isso é o oposto do que acontece aqui na Europa. Toda e qualquer minoria (e são muitas) tem seu direito garantido de ser "diferente" da presumida maioria. O lado bom dessa diversidade de culturas é a pluralidade de visões de mundo, a troca de informações, a valorização das raízes, o aprendizado pela diferença. Por outro lado, à sombra desta questão aparecem problemas recorrentes e já arraigados, que ainda hoje parecem distantes de serem resolvidos. Nesse balaio estão o medo e o preconceito, a noção de superioridade e inferioridade, a rejeição ao diferente, a xenofobia.

De certa forma foi isso tudo o que sentimos na nossa estada por aqui. Conseguimos conhecer um pouco da vida e dos hábitos da minoria eslovena na Itália através dos amigos e da família da Zaira. Gente muito boa e simpática, que explicou um pouco de tudo e também achou graça ver dois brasileiros perdidos naquela região tão peculiar. A toda hora nosso olhar estrangeiro era convocado em conversas amigáveis, rodeadas por música e comida dos Balcãs.

Tivemos a oportunidade de almoçar em uma *osmizza*, uma espécie de restaurante típico da região, que desde a época do império austro-húngaro tem regras de funcionamento bastante específicas. Este tipo de estabelecimento deve ficar na casa dos camponeses locais que cultivam uvas e fazem vinhos. E, de acordo com a antiga lei, só pode abrir suas portas ao público duas semanas ao ano. Este é o tempo que os proprietários têm para vender toda a sua produção de vinho, acompanhado por pratos locais simples, mas maravilhosos.

Também aproveitamos a noite para ir a um show com bandas eslovenas, macedônias, croatas e sérvias em uma festa para os jovens da região. Todo mundo junto, pulando e cantando, mas cada um no seu devido lugar.



## Veneza - 08/11

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Em Veneza, não tem muito mistério: tudo é lindo, maravilhoso.



Burano: o catalogo de tintas aplicado na vida real.

Veneza transborda fascínio. Cidade orgânica e fluida, parece em princípio ser uma grande antítese, uma cidade improvável. Porém, depois de alguns dias caminhando por suas estreitas ruas labirínticas, pode-se perceber que Veneza é tão real quanto possível.

A cidade tem toda uma lógica própria que a permite viver sem se afogar, apenas mergulhar e novamente vir a tona. Existe toda uma organização e logística próprias para "driblar a água" e minimizar seus impactos no dia-a-dia da cidade.

Por exemplo, quando a água sobe demais, plataformas são colocadas para elevar o nível do chão e possibilitar a caminhada, que alias é a melhor forma de se locomover pelas ruas privadas de veículos. O transporte também é bem diversificado e eficiente. Os *vaporettos* (balsas) são bem constantes e constituem o tipo de transporte mais comum e mais barato. Além disso, existem as famosas gôndolas que acabam funcionando como uma cara atracão turística, os táxis-barcos e barcos privados. Para emergências de saúde existem barcos-ambulância. E não é raro vermos lojas, supermercados e hospitais recebendo produtos e alimentos vindos pelo mar. Outro fato curioso é que como a cidade é pequena e a água acaba tomando ainda mais espaço, Veneza também faz uso de ilhas próximas. O cemitério, por exemplo, fica fora da cidade, numa ilha a uns 20 minutos de barco.

A convivência entre água e terra é tão equilibrada quanto a fusão entre ocidente e oriente. A exótica Catedral de San Marco nos lembrou muito das mesquitas da Turquia e deixa bastante clara a influência do mundo árabe, mais especificamente de Constantinopla (hoje Istambul). O belo Palazzo Ducale, com seus arcos arredondados mas ligeiramente pontudos, também nos trouxe essa referência, confirmada até pelos quadros em seu interior, que mostram reuniões e encontros entre califas e imperadores romanos.

Além de Veneza, também conhecemos duas ilhas próximas: Burano, uma antiga vila de pescadores que manteve sua arquitetura de casinhas pequenas e coloridas, e Murano, famosa pelos vidros e cristais.

Não poderia deixar de fazer menção ao nosso "albergo", chamado Instituto San Giuseppe. Com uma localização privilegiada e tranqüila e com um preço bem mais acessível que o tradicional em Veneza, o Instituto abriga um convento, uma escola para crianças pequenas e quartos para visitantes. Todos os dias, para sairmos, passávamos sorrateiros por um grande pátio cheio de crianças brincando, tendo aulas de canto com as mães sempre a nos observar.

Mais do que turistas, pudemos nos sentir hospedes do Instituto e ficar muito mais próximos da cidade e de sua dinâmica, já que, como Roma e Florença, Veneza, em princípio, parece turística demais. Porém, circulando um pouco pelas ruas, não é difícil sair da área turística e cruzar com jovens estudantes indo para a universidade, mães e pais levando os filhos na escola, casais tomando vinho no *happy-hour* pós-expediente e jovens estudando nos bancos do parque.

Veneza não é só boa de ver, mas de viver...

## Riese Pio X - 10/11

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



Eu e o Fê com Angelo e Emilia Barichello, na cidade do meu bisavô.

Ontem foi um dia muito especial para a gente. Visitamos Riese Pio X, cidade natal de meu bisavô e pudemos conhecer alguns dos Barrichello que continuam por lá. O Fe foi um grande incentivador dessa visita. Há cerca de 4 anos também estivemos nas fronteiras de Ucrânia e Polônia, buscando resgatar impressões, sensações e histórias na pequena cidade natal de seu avô paterno, Lutsk.

Além do prazer do encontro familiar, também era nosso objetivo fazer um registro da cidade e da família, pois coincidentemente poucos dias depois haveria um encontro dos Barrichello na

chácara da família em Rio das Pedras e a visita certamente traria informações preciosas para tal festa.

Mas voltando à visita a Riese, o primeiro contato com a família foi feito via telefone quando estávamos em Veneza, cidade próxima que fica a uns 50 km de Riese. Liguei então para Angelo Barichello já com o script em italiano bem detalhado. Quando perguntei se poderíamos nos encontrar com ele e a sua família, a resposta foi breve e direta: "*Come no?*"

Aproveitamos para checar a melhor forma de chegar à cidade e aí descobrimos que Riese é tão pequena que sequer consta na relação de trens e ônibus oficial. O melhor que tínhamos a fazer era pegar um trem para Castelfranco, cidade maior e um pouco mais turística e depois pegar um ônibus.

A viagem para Castelfranco foi curta, mais ou menos 45 minutos. Chegando lá, tínhamos pouco mais de 1 hora até o próximo ônibus para Riese sair. Aproveitamos para dar uma volta pela cidade, que tem um fortaleza muito antiga e uma igreja famosa por ter um quadro de um artista chamado Giorgione, comparado a Leonardo da Vinci. Também tivemos tempo para almoçar e nos deliciar com tagliatelli com frutos do mar e spaghetti com radicchio e pancetta. No fundo, a música era da Pantera Cor de Rosa em ritmo de jazz, aquela meio de detetive. Sugestivo, não?

Depois do almoço, pegamos o ônibus para Riese, que saiu na hora marcada e lotado. Além de nos dois, os únicos estrangeiros, havia um monte de estudantes barulhentos que a essas horas estavam voltando para suas casas nos pequenos vilarejos ao redor de Castelfranco, que parece não ter escolas grandes. Depois de 10 km de uma paisagem serena, com muito verde e algumas poucas indústrias na estrada estreita, chegamos.

Esse momento do trajeto foi a primeira vez que lembramos de Rio das Pedras, cidade do interior de São Paulo onde meu avô, meu pai e tios nasceram e onde fica a chácara da família, local de inesquecíveis memórias de infância.

Era cerca de 1 hora da tarde quando descemos do ônibus. Nesse horário é bastante típico na Itália - e mais ainda nas cidades pequenas - que todo o comércio, bancos e lojas fechem para o almoço e a sesta. Em Riese até o banco estava fechado. Assim, aproveitamos para fazer um primeiro reconhecimento, andar pelas poucas ruas, tirar fotos e impressões e assim ganhar tempo para chegar à casa do Angelo. Passamos pela igreja, pela escola, pelo albergue, pela floricultura, pela venda, pela casa em que nasceu o papa Pio X, que acabou por renomear Riese com o seu complemento.

Durante o passeio, a sensação era de estar em solo conhecido. As casas, sua arquitetura e cores, os jardins com árvores frutíferas e brinquedos de madeira ou metal pintados, a tranquilidade e quietude, aquele ar de cidade pequena onde todos se conhecem nos remeteram novamente a Rio das Pedras e à chácara. Antes de chegar à casa do Angelo já nos sentíamos em casa.

Precisamente às 14h30 batemos na porta da barbearia do Angelo, que dá entrada para sua casa. Uma senhora nos recebeu e novamente eu me apresentei no italiano, já confiante. Ela também se apresentou e confirmou minhas suspeitas: era Emilia, mulher do Angelo. Ainda um pouco receosa, ela nos convidou para entrar em sua casa e aí chamou o marido. Angelo, muito simpático e já todo prosa, nos cumprimentou e imediatamente nos convidou para sentar. Emilia nos ofereceu café, panettone (que nesta região não é servido apenas no natal) e aí o papo deslanchou, o pouco de resistência foi quebrado e em 10 minutos a sensação era mesmo de estar na casa de alguém da família, no café de uma tarde de domingo.

Conversamos um pouco sobre a cidade e suas impressões e descobrimos que tudo é questão de referência. Eles acham que Riese está ficando grande demais, que a imigração de africanos e de pessoas do leste europeu está trazendo violência e que a industrialização e a construção de estradas estão piorando a cidade. Também nos contaram sobre os inúmeros Barrichellos da França, do Canadá, dos Estados Unidos e do Brasil que já passaram por lá. O Fê brincou que eles estavam virando o consulado oficial dos Barrichellos em Riese. Eles riram muito e Emilia brincou: "Barrichello é que nem fungo, todo lugar que você vai, você acha um". Nessa hora, o Fê, inspirado, emendou: "Então esse fungo deve ter DOCG (denominação de origem controlada e garantida) como os bons vinhos da Itália". Mais risos...

Aí contamos um pouco para eles sobre nossa vida em São Paulo e nossa família, e eles ficaram bem abismados com o tamanho da cidade, com nossa rotina de trabalho e com o tamanho da família Barrichello no Brasil. Quando mencionamos do encontro do centenário veio

uma grande

coincidência: na semana passada eles também organizaram uma festa reunindo todos os Barrichello de Riese e região do Veneto, fato inédito para eles.

Angelo, super simpático e solícito, telefonou para outros parentes e Carla, sua sobrinha apareceu. Carla trabalha como enfermeira e é extremamente falante, dinâmica e alegre. Conversamos bastante com ela.

Já era fim de tarde quando Carla nos convidou para ir até a sua casa e também conhecer seus pais: Piero que é Barichello (irmão de Angelo) e sua mulher Teresa. Nos moldes bem italianos - beijos para cá, abraços para lá, beijos de novo, fotos -, nos despedimos de Angelo, Emilia e Cesare e seguimos com Carla para sua casa.

Novamente fomos recebidos de braços e sorrisos abertos. Piero, pai de Carla, nos ofereceu um vinho bastante típico da região, de uma uva centenária, que infelizmente está entrando em extinção, feito pela própria família. Piero, diferente de Angelo e Emilia, fala somente o dialeto do Veneto - que é um pouco diferente, mas possível de ser entendido - e não o italiano. Fernando ficou todo orgulhoso, pois Piero ficou super abismado com o seu italiano. Ele nos contou um pouco de sua história e da sua família, dos 10 anos que morou no Canadá trabalhando como motorista de caminhão para fazer seu pé-de-meia e comprar uma pequena propriedade em Riese, onde continua plantando uvas. Quando ele nos falou sobre suas lembranças da guerra, o sofrimento dos que foram e ficaram, o sorriso típico e bonachão deu lugar para uma ponta de tristeza: "*Porca miseria questa maledetta guerra*". Mas aí, uma nova rodada de vinho da casa com direito a gotas na mesa e o sonoro "Viva" de Teresa.

Comentamos com Piero que achamos que ele foi feito com a mesma fôrma dos Barrichello de Rio das Pedras. Ele riu e aceitou posar para uma foto "solo" para nosso registro. Já passava das 19h quando achamos que era hora de partir. Carla, super atenciosa, nos ajudou a encontrar uma pousada em Castelfranco e nos levou de carro até lá. Pegamos seu e-mail e prometemos dar notícias de nossa volta ao mundo e de um dia nos encontrar no Brasil.

Nos dias que se seguiram, continuamos muito tocados e comovidos com o encontro em Riese. Mais que tudo, pelo fato de termos saído em busca de raízes, de história, de origem e encontrado uma história de ousadia e coragem, uma fonte de inspiração.

Partes importantes dessa história estão registradas no site da minha família: <http://luiz.barrichello.nom.br/familiabarrichello/>

## Trieste, Postojna e Predjama - 11/11

### Itália

Marília Barrichello Naigeborin



O castelo playmobil construído na boca de uma imensa caverna é cartão postal certo da Eslovênia.

A chegada na Zaira inaugurou o capítulo "Família e Amigos" da viagem. Depois dela, ainda visitaremos os amigos Lea e Reinhard em Viena, os tios Zezé e Marcelo em Dublin, os amigos Júlio e Flávia em Glasgow e finalmente a tia Rachel em Tel-Aviv.

Rever a Zaira depois de tanto tempo e tantas lembranças foi muito especial. Ficamos amigas de primeira logo que ambas chegamos em Moscou e rapidamente nos tornamos confidentes e companheiras dos cafés do final do dia e das viagens de final de semana. Quando nos despedimos, prometi um dia visitá-la em Trieste e esse dia chegou tão rápido e terno como nossa amizade. Quando a vi com o mesmo sorriso nos esperando na estação parecia que o tempo tinha parado.

Ao lado da Zaira e de seu namorado Iuri conhecemos um pouco dos hábitos e do dia-a-dia e cultura de um povo híbrido: italiano e esloveno, onde o goulash e a pasta convivem lado a lado. Aliás, foi com os amigos da Zaira que comemos o melhor goulash de nossas vidas. Era a festa de boas-vindas de uns amigos que mudaram de casa e prepararam um jantar de comemoração. O cardápio delicioso: creme de aspargos de entrada, depois goulash com batatas gratinadas e de sobremesa, tiramisu. Italiano e esloveno na comida e na comunicação.

Também foi junto com a Zaira que primeiro conhecemos a Eslovênia e onde tivemos uma das grandes surpresas da viagem, mais precisamente na caverna de Postojna. O caminho em si já superou nossas expectativas: paisagem ainda verde com montanhas cobertas de pinheiros avermelhados, o céu azul e com poucas nuvens e casinhas de madeira salpicadas por todo o trajeto, assim como plantações, ovelhas e vacas.

Chegando na caverna entramos em um trenzinho e a sensação era de estar em um brinquedo na Disney: misto de euforia e ansiedade. Assim que o trem começou a adentrar pela caverna e a descer em suas profundezas ficamos extasiados. Enormes salões com estalactites e estalagmites e verdadeiras esculturas formadas milhares de anos atrás. Depois de uns quinze minutos no trenzinho descemos para o passeio a pé, que foi de 2 km. Vimos de perto as enormes e antiquíssimas formações rochosas em tons de rosa, branco, marrom e que continuam em lenta mutação.

No fim do tour, depois de quase 2 horas de passeio, conhecemos o Proteus, um charmoso bichinho albino e cego de uns 10 cm que habita as escuras águas da caverna. É como se fosse um misto de lagartixa e ameba, mas por incrível que pareça, uma gracinha.

Depois desse passeio incrível fomos conhecer o inóspito castelo de Predjama, que foi construído encrustado em uma montanha. Foi com essa linda vista que tivemos um almoço esloveno tradicional com direito a vinho e sobremesa locais.

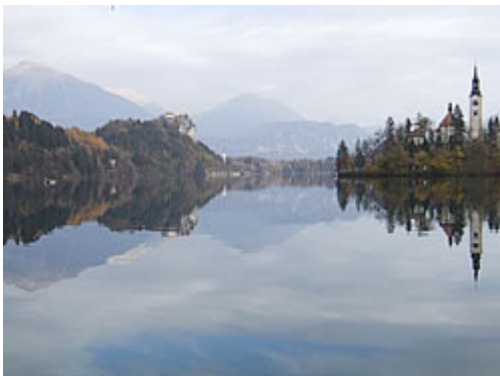
Para fechar o dia com chave de ouro, Zaira nos convidou para uma festa de aniversário de uma amiga e depois ainda tivemos tempo de passar na Festa de São Martino, bem típica na cidade. Parecia uma grande quermesse para gente grande, mas com brinquedos de gente pequena: pescaria, teste de força, boliche com latinhas, gira-gira e carrinho bate-bate.

Quando a Helena, amiga da Zaira, me chamou para ir com ela no carrinho bate-bate nem imaginei o risco que corria. Carrinhos muito acelerados e procurando as melhores batidas. A Helena, toda delicada, colocou sua fúria para fora e foram vários solavancos até que o tempo acabou. Pude ver a cara de pena do Fernando e da Zaira quando eu comecei a gritar. Sai correndo aliviada. Resultado: dois joelhos roxos (pernas grandes demais para o carrinho), um belo torcicolo, mas devo confessar: muita diversão.

## Bled e Bohinj - 15/11

### Eslovênia

Marília Barrichello Naigeborin



A Eslovênia tem em seu currículo dezenas de cenários ideais para um quebra-cabeça. Bled é isso e mais.



Em Bohinj encontramos essa ave que parece ter saído de um desenho animado.

A chegada em Bled na estação vazia de turistas e locais já sinalizou que teríamos a cidade só para a gente. Sem pousada definida e com apenas uma mochilinha nas costas (as grandes estavam no locker de Lubljana) saímos para um primeiro passeio. Em vez de pegarmos um ônibus até o centro, decidimos ir andando, pois o trajeto seria quase que a volta completa no lago, principal atração da cidade.

A paisagem é de uma beleza singular: o lago cristalino e transparente com uma ilha no meio que abriga uma igreja muito antiga, os Alpes julianos formando o entorno e uma grande fortaleza em uma das montanhas próximas.

O tempo estava maravilhoso: frio mas com o céu totalmente azul. Os poucos que encontramos por lá nos atestaram o que imaginávamos: estávamos realmente com muita sorte. Também pudemos conhecer a região e sua natureza em um momento mais tranquilo, longe dos montes de turistas no verão, do barulho, dos esportes aquáticos e dos barcos. Bled era só natureza e a natureza por ela mesma!

Depois de um dia longo e muito prazeroso em Bled seguimos para Bohinj na manhã seguinte. A mesma calma, mas um lugar ainda mais intocado e com a natureza também mais preponderante. Resolvemos fazer o check-in antes de passear e conseguimos um bom desconto em um hotel super confortável, pois havia apenas 2 quartos ocupados.

Logo em seguida seguimos para o lago e vimos um belo espetáculo: vários patos nadando e sendo alimentados por uma senhora do vilarejo. Entre eles havia uma espécie diferente, desconhecida, belíssima. Apelidamos esse bicho de "pato-origami" pelas suas formas precisas e desenhadas como se fosse uma dobradura e pelas cores vibrantes e *design* totalmente diferenciado que o permitia velejar em vez de simplesmente nadar. Ficamos algum tempo ali só observando, olhando a cena, ouvindo os diferentes sons (da água misturada aos "quá-quás")

dos patos agradecidos) sentados em um modesto banquinho de madeira. A água, também limpíssima, estava muito gelada e mesmo o Fê tendo uma grande tolerância ao frio, julgou que seria impossível entrar nas águas frias mas tão tentadoras de Bohinj.

O lago aqui é bem maior que Bled e parece uma praia com areia em volta e pequenas ondas. No entorno também são preponderantes as grandes montanhas como o famoso monte Triglav, o maior da Eslovênia. Fizemos uma caminhada até o Parque Triglav passando por pequenos vilarejos parados no tempo. As casinhas de madeira muito bem cuidadas com jardins e horta na frente, muitas com guirlandas de flores coloridas na porta e as pessoas muito simpáticas nos cumprimentavam com certa estranheza como a dizer: o que vocês estão fazendo aqui?

No parque Triglav "só deu a gente" e foi inevitável não pensarmos naquele típico filme de terror, onde o casal desaparece sem indícios. Durante a trilha vimos um lindo rio no meio de um *canyon*, pássaros diversos e um extenso tapete de folhas amarelas e alaranjadas, tão belo e peculiar como o "nosso pato", o pato-origami.

## Ljubljana - 19/11

### Eslovênia

Fernando Naigeborin



O folheto que pegamos no *tourist information* do centro da cidade fez a melhor tradução de Ljubljana: "uma capital europeia com dimensões humanas".

É exatamente isso o que sentimos na nossa curta estada por aqui. Com apenas trezentos mil habitantes e um centro histórico compacto e bem preservado, a capital da Eslovênia parece ter o tamanho exato para abrigar as benesses de uma metrópole do século XXI sem abrir mão do conforto e do sossego de um pequeno vilarejo de interior.

Depois de décadas hibernando sob domínio iugoslavo, Ljubljana despertou com o nascimento do país em 1991. De lá para cá, muito deve ter mudado. Fica evidente a disposição da cidade em se tornar um pólo social e cultural, provavelmente influenciada pela proximidade com a cada vez mais sólida comunidade europeia.

O centro histórico é pontuado por um morro onde descansa eternamente o castelo de Ljubljana. Embaixo o rio Ljubljanica se esparrama por ruelas e avenidas bem projetadas, recheadas de casas recém-restauradas. O destaque fica por conta das obras de Jose Plečnik, reverenciado como o grande arquiteto e urbanista do país.

Ao largo do centro (mas ainda bastante próximo para uma caminhada a pé) fica o parque Tivoli, um Ibirapuera do tamanho exato para a cidade. O local é uma benção

para quem quer correr, andar de bicicleta, ler um livro, passear com o cachorro ou mesmo fazer nada. As árvores agora cada vez mais desfolhadas deixam o chão colorido de um ocre desbotado e a impressão de Monet fica evidente.

Resumindo, a cidade tem tudo o que parece necessário para uma vida boa e sossegada. Para completar, bons cafés e restaurantes estão aqui e ali. E, para nos, um deles não vai ser nunca esquecido. Explico: depois de um mês na Itália procurando sem sucesso provar as famosas trufas -- uma espécie de cogumelo que fica embaixo da terra (mas que não é cogumelo!) e que é encontrado por cães farejadores apenas nesta época do ano -, conseguimos, enfim, encontrá-las em um restaurantezinho em Ljubljana. Não, elas não eram da Itália, mas da vizinha Croácia, onde a "colheita" é maior e os preços, mais acessíveis. Enfim, testamos e aprovamos com louvor um espaguete simples com trufas raladas por cima. Tão bom que nos presenteamos e repetimos a dose no dia seguinte, pouco antes de partirmos para a região dos lagos eslovena.

## Alta Áustria - 19/11

### Áustria

Fernando Naigeborin



Flanando entre os campos cobertos de bruma de Effenberg

Mal chegamos em Viena e já fomos nós para a Alta Áustria. Alta Áustria? Isso mesmo. Nem eu nem a Marília sabíamos exatamente o que essa expressão queria dizer. Sabíamos apenas que era a região onde o reinhard, marido da Lea, tinha nascido. A Lea, bem, ela fez faculdade junto com a Marília e desde o primeiro momento as duas se tornaram boas amigas... Mais que isso: excelentes amigas, daquelas de contar nos dedos da mão direita. E, só para fechar o parágrafo e fazer mais sentido, mora junto com o Reinhard em Viena.

E porque estou eu escrevendo esse texto? Por dois bons motivos. O primeiro é porque agora eu também sou bem amigo da Lea (ah, e eu também sou bem amigo do Reinhard). O segundo motivo eu conto no texto que segue com toda a história.

Do começo, senão fica ainda mais confuso: chegamos em Viena para uma pequena temporada na cidade, combinada já havia tempo entre as duas amigas... Na verdade, desde 2001, quando passamos quatro dias passeando em Viena, no finzinho da nossa viagem pelo leste europeu. Naquela ocasião, encontramos com a Lea e com o seu namorado, o Reinhard, mas nosso foco mesmo era fazer turismo pela cidade. Enfim, na hora de ir embora, cinco anos atrás, prometemos que um dia voltaríamos para ficar na casa deles, com eles, vivendo um pouquinho da vida deles, na cidade deles.



E assim explico como chegamos aqui. Mais: o que estamos fazendo em Viena, no meio da nossa longa jornada mundo afora. Tá, tudo bem... Mas e Alta Áustria com isso tudo?!

Então. A Alta Áustria foi o programa escolhido pelo Reinhard e pela Lea para o nosso primeiro fim de semana por aqui, sob a tutela deles. Mais ou menos uma vez por mês, eles costumam pegar o trem que sai logo cedo no sábado e vão até a cidade de Linz, a segunda maior da Áustria. A viagem dura quase três horas, cortando bosques verdes e pequenas cidades até aterrissar na região denominada Alta Áustria (olha, não sei se o "alta" tem relação com a localização no norte do mapa ou com a proximidade com os Alpes...).

De lá, normalmente alguém da família do Reinhard vem buscá-los. Em vinte minutos de passeio de carro eles chegam na pequena vila de Effenberg, onde há umas quinze, talvez vinte casas. E onde o pai, a mãe, a irmã e o irmão, a tia, o tio e os pais dos amigos de infância dele vivem até hoje.

Eles vêm aqui visitar a família, curtir um pouco o sossego da vida no campo, ficar junto à natureza, descansar e aproveitar as benesses da vida em família. E como a proposta era vivenciar um pouco da vida deles, dessa vez, nós viemos junto.

A chegada na casa da família Wolfmayr foi cinematográfica. Uma casinha plantada em um cenário idílico, confortável, quente e acolhedora. Na cozinha, a mãe dava os últimos retoques no almoço, com quase tudo feito em casa e com ingredientes frescos da região. Mais orgânico que isso, impossível...

O forno esquentava o ambiente e as bochechas rosadas de Christine, a amável senhora que limpou as mãos no avental antes de nos cumprimentar com uma timidez do tamanho da minha, quando criança. Na sala, o pai, talvez o homem mais simpático que eu já conheci. Mesmo sem falar uma palavra de inglês, seu Hans quebrou o gelo, fez piada consigo mesmo, abriu o sorriso e ganhou a todos. O homem realmente sabia se comunicar: falava em dialeto e, sei lá como, a gente se entendia com um pouco de português, mímica e a ajuda ocasional do Reinhard bancando o tradutor.

E, coincidência maior, enquanto esperávamos a comida na mesa, ele nos trouxe um livro sobre animais do mundo. Meio que para distrair vendo as lindas imagens... E não é que a Lea brincando solta "bem que a gente podia achar aquele pato que vocês fotografaram na Eslovênia, né?" Nem preciso dizer que logo na página que ela abre o livro, bem no meio, aparece o nosso pato-origami. Ma realidade, ele é o pato mandarim, originário da china, mas hoje em dia visto em alguns cantos do mundo... Parece mentira, mas foi bem o que aconteceu...

E o almoço transcorreu suave e generoso. Comemos bem e de tudo um pouco. Mas, para mim, um ingrediente a mais deixou tudo ainda mais especial. E é esse o segundo motivo que me fez querer escrever este texto.

Ah...

Vamos lá, com o passar do tempo (e dos pratos) comecei a reparar relações diretas entre aquela família encrustada há séculos no centro da Europa e a minha, de imigrantes de outros retalhos da Europa central nos dias de hoje em São Paulo, no Brasil.

O dialeto que meus avós falavam, uma espécie de alemão arcaico é muito parecido com o dialeto da Alta Áustria. A dieta, com as geléias, os queijos, o pão preto, as conservas em geral, também. As conversas em torno da mesa, os interesses, a visão de mundo, também. A história de família, com antepassados camponeses pobres sofrendo as agruras do gigantesco Império Austro-húngaro, também. As expressões, os ditos populares também... Enfim, uma criação bastante parecida.

Senti a presença dos meus avós em todo o fim de semana que passamos por lá. Nas refeições, nas conversas na sala, no cuidado com as visitas, na curiosidade inocente por saber como é o mundo 'lá fora'.

Até nas lindas caminhadas pelos terrenos próximos, onde a vegetação se misturava à bruma insistente e caudalosa que filtrava o parco sol invernal, lembrei dos meus avós, em sua Europa natal, com seus amigos, seus passeios nos bosques (minha avó sempre me contava como era a vida no seu vilarejo na fronteira entre a Polônia e a Ucrânia), seu pequeno lindo mundo desfeito pela guerra.

E, há poucos quilômetros da cosmopolita Viena, em pleno 2006, aqui estou eu, vivenciando tudo isso.

## Salzburg - 21/11

### Áustria

Marília Barrichello Naigeborin



Eu na frente da cinematográfica casa dos Von Trapp.

Vários filmes marcaram a minha infância, mas alguns entre eles foram vistos, revistos, redescobertos e entraram para o rol dos imortais. Dentre esses, três merecem destaque absoluto: "King-Kong" - misto de medo e compaixão pelo gigante animal humanizado, "O Mágico de Oz" - realidade e fantasia ao lado da meiga e ingênua Dorothy, e finalmente "A Noviça Rebelde" - a romântica e inesperada história de amor, pouco ortodoxa, entre Maria e o coronel Von Trapp.

Tudo isso para ilustrar um pouco da emoção que foi em plena Salzburg poder reviver um pouco desse lindo filme e também sentimentos e momentos inesquecíveis da minha infância. Não contente em apenas visitar a cidade e conhecer algumas locações do filme, fiz questão de participar do tour "The Sound of Silence" (título do filme em inglês) e realmente mergulhar na atmosfera do filme.

Também não contente em ir sozinha, insisti e consegui convencer o Fê a ir junto. Detalhe: ele nunca viu o filme e costuma achar muito brega esses tours temáticos. Mas apesar disso tudo, resolveu encarar o passeio e atender meu pedido - ou seria ordem? Brincadeira...

Por tudo isso, foi engraçado quando chegamos no ponto de encontro de saída do tour e vimos um grande ônibus vermelho com o título do filme imenso escrito em sua lateral e junto ele uma grande fila de senhoras e moças americanas. Somente uns 4 homens perdidos no meio dessas 50 mulheres, fãs de carteirinha do filme e de suas canções. Coitados...

Passamos por vários lugares que construíram a atmosfera do filme: a mansão do coronel Von Trapp (que na verdade não era uma casa, mas duas: uma para filmagem da fachada e outra para a parte dos fundos e do lago), o gazebo onde Leslie canta a música "Sixteen going on Seventeen", a grande montanha nevada que abre o filme, a capela onde Maria e o coronel se casam, o convento da madre superiora e por aí vai. Nas cercanias de Salzburg visitamos ainda dois lagos belíssimos e montanhas que também fizeram parte da "cara do filme".

As explicações da guia, uma inglesa que queria ser engraçada mas não tinha talento para isso, foram cheias de referências e me deixaram entusiasmada para ver o filme para enésima vez. Em determinado momento vi que o Fê dormiu. Achei justo o descaso. Ele só acordou quando começou a cantoria já no final do passeio: Edelweiss, Cuco, My favorite things, Do-Re-Mi e aí as mais "fervorosas" das colegas de passeio puderam mostrar que sabiam de cor e salteado a letra das músicas.

Acabado o tour, ainda fomos visitar outros lugares do filme como o grande jardim da musica "Do-Re-Mi" e as escadas onde as crianças aprendem as notas e o convento/cemitério onde a família se esconde no final do filme.

Depois desse dia cinematográfico, pegamos o trem de volta a Viena e curtimos um super jantar preparado pela Lea e Reinhard junto também com o irmão da Lea, o Paulo e a Kaliane, sua esposa. Degustamos uns 3 vinhos diferentes batendo um bom papo e dando boas risadas ao lembrar do tour, do grupo cantando, da cara de tédio do Fê.

Fui dormir tarde com o "The Sound of Music" na cabeça, ou mais apropriado, com o "So long, farewell, auf Wiedersehen, goodbye". Lembra?

## Viena - 24/11

### Áustria

Marília Barrichello Naigeborin



Mais que um cartão postal, a secessão é o marco zero cultural de Viena



Jantar regado a bons vinhos e amigos na casa da Lea

Viena está sendo o melhor repeteço da viagem. Como já havíamos estado com a Lea e o Reinhard em 2001, aproveitamos essa segunda dose para fazer programas mais diferenciados, fora da "rota turística" e mais próximos da vida local.

Alguns, no entanto, foram muito emblemáticos e eternamente memoráveis. O primeiro, um concerto de música contemporânea que misturava violinos, uma espécie de cítara tocada por

uma chinesa, música eletrônica e pequenas intervenções de sons fora do comum, como um patinho de borracha.

Para nossos ouvidos, tudo aquilo foi muito estranho: como uma instalação de arte contemporânea que incomoda e instiga ao mesmo tempo, mas não necessariamente é bela aos olhos. A música totalmente desconstruída não agradou muito nossos ouvidos e até o final imaginávamos qual seria a reação do público. Frieza? Reconhecimento? No final da última música, que contou inclusive com a participação da chinesa como vocal, veio a salva de palmas. O público delirou, levantou da cadeira e aniquilou todas as nossas dúvidas: aquela música estranha era sim apreciada.

Essa foi nossa segunda noite em Viena (a primeira foi a chegada da Eslovênia) e já deveras interessante. Conversando com a Lea sobre o concerto ela nos explicou que esse tipo de apresentação está meio na moda, até como uma espécie de "contravenção" ao estilo mais clássico e convencional em plena terra de Mozart.

Também foram inesquecíveis os jantares preparados pelo Reinhard com o apoio da Lea na sala aconchegante do apartamento centenário onde vivem, sempre regados a bons vinhos e conversas animadas, sem hora para terminar. Assim como a gente, os dois também adoram filosofar e discutir assuntos mil, desde o aquecimento global, passando pelo racismo (tema da tese da Lea), por viagem (os dois já viajaram meio mundo), culinária... E o melhor: tudo isso em português! O Reinhard morou um tempo no Rio e fala português muito bem, com sotaque de carioca. Um sarro!

Todos os dias sempre com um clima leve, descontraído, fluido. Essa é a Lea. Eu a conheci no primeiro ano da faculdade, há mais de 10 anos e logo cedo ficamos muito amigas. Logo de cara percebi seu jeito tranquilo de sorriso fácil e permanente. Ai eu brincava que ela era minha amiga água: voz e temperamento fluido.

Na época estávamos muito ligadas a poesia e era muito legal trocarmos textos e livros. Fomos a vários shows juntas, festas, viagens, diversão. E aí ela foi morar em Viena e o contato ficou mais raro, o que é ruim por um lado, mas por outro, faz de todo encontro, um acontecimento.

O Reinhard também é uma figura especial, um bon vivant, que sabe apreciar as coisas boas da vida, sem cair nas armadilhas dos excessos desnecessários. Foi a convite dele que participamos de uma noite super especial em Viena e única em nossas vidas: uma degustação de mais de mil tipos de vinhos dentro do castelo de Hofburg (não é exagero, não). Parece mentira: beber a vontade excelentes vinhos do mundo todo e ainda mais dentro de um saguão nobre do castelo, imenso e com lindos lustres de cristal. Além do vinho, também havia cestos de pães espalhados por todas as mesas dos fabricantes, água e também chocolates. Tudo muito organizado: caderninho com descrição dos fabricantes e vinhos, preços, espaço para comentários e muita ordem. Nenhum bêbado chato e inconveniente e nada de brigas. Realmente, um sonho. Chegamos por volta das 17h e ficamos até o evento acabar, 22:00h - quando viramos abóboras e saímos alegres desse conto de fadas. Com a cuca fresca.

E foi esse o tom da melhor exposição que vimos em Viena no Mumok (Museu de Arte Moderna), acompanhados do Paulo - irmão da Lea - e artista de alma e formação. O artista Erwin Wurm. A exposição: *Keep a cool head*. Retrato dos excessos e deformações da pós-modernidade, Wurm propoe um conceito de esculturas de minuto: transitórias, cruas, reais. Uma casa gorda, como uma grande nuvem, que se pergunta se ela é arte ou simplesmente uma casa. Um carro também todo gordo e deformado faz refletir sobre o consumismo desmesurado.

O tempo em Viena passou voando: cheio de coisas para ver, fazer, muitas reflexões e boas discussões. As vezes até estávamos cansados, mas eram tantas oportunidades, tantos grandes momentos de entretenimento, cultura, amizade, que deixamos o sono para trás. Mas no meio das mil coisas para fazer e daquela sensação do não vai dar tempo, era só olhar para a Lea e para a mensagem implícita em seus olhos: *don't worry, be happy!*

## Dublin - 24/11

### Irlanda

Marília Barrichello Naigeborin



Temple bar, a meca das *pints* e orgulho irlandês



Eu e o Fê com o João e o Fernandinho, na frente da casa da Zezé

Chegamos em Dublin quase meia-noite, depois de um voo bem cansativo: quase perdemos nossa conexão no imenso aeroporto de Frankfurt, pois nosso voo atrasou e depois, no segundo voo, pegamos turbulência suficiente para nos deixar acordados o tempo todo.

Já estamos quase no meio da viagem e por mais que continuemos super animados com cada novo dia, é fato que o corpo começa a se ressentir da rotina sem rotina, do abrir e fechar das mochilas, dos diferentes quartos de pousadas e hotéis, dos horários esdrúxulos para comer, acordar, dormir. Pode parecer estranho, mas essa vida errante também cansa: o cérebro sempre a milhão e a falta dos tempos de marmota no sofá e dos domingos de papo para o ar.

Resolvemos, então, que ficaríamos "internados" na casa dos tios Zezé e Marcelo os dois primeiros dias em Dublin, não à toa sábado e domingo. Aliás, com a rotina da viagem, o domingo preguiçoso com direito a acordar tarde, ler jornal na padaria e voltar para casa ficou para trás e sumiu. Por isso a vontade de dar descanso para nosso corpo e para nosso coração. Nada de chegar e sair correndo, de colocar despertador, de fazer listas e planos. Nosso intuito agora era curtir o momento família, o lar acolhedor que nos foi oferecido com muito carinho e os filhos sapecas do casal: o Fernandinho e o João Victor.

E tudo isso foi tão bom e o melhor que fizemos. Foram dias para recarregar. Nossa chegada foi recepcionada pelo Marcelo que já no caminho nos apresentou Dublin e um belo retrospecto dos quase dois anos em que estão morando na cidade. A tia Zezé nos esperava em sua casa, já com um delicioso lanche para os viajantes famintos e o quarto, uma delícia, com direito a pijama novo e sapatilha para o frio.

E assim foi nosso pitstop. Comida caseira como o delicioso stroganoff da Zezé, banhos demorados, futebol no parque com os meninos, leitura dos livrinhos da escola - em inglês -, conversas e fofocas no café da manhã, roupas limpas e cheirosas.

Por falar em roupas limpas, uma pequenos parênteses para contar uma historinha que talvez ilustre um pouco do que está sendo essa viagem: quando a Zezé pediu para separarmos as roupas o Fê não pensou duas vezes e botou todas as meias que tinha para lavar. Como ele mesmo disse na hora, as meias já estavam ficando com a forma do pé de tanto lavar na mão com sabonete. Resultado: quando fomos sair para passear, ele se tocou que não tinha deixado uma meia para usar. A Zezé então gentilmente pegou uma meia nova do armário do Marcelo e deu para o Fê. Ele vestiu e começou a fazer uma cara... depois de alguns segundos sem ninguém entender nada ele soltou a pérola: "Nossa, eu não me lembrava como é bom botar uma meia nova. Parece que estou boiando, que não estou pisando no chão de tão macia que a meia está". Pois é, e bom lembrar que uma meia nova, branca, limpa e cheirosa pode nos fazer tão felizes...

Fora curtir esse precioso tempo dentro de casa e com gente tão especial, fizemos poucas saídas: caminhada no parque e futebol com os meninos, almoço e comprinhas no shopping (algumas roupas já precisavam ser repostas) e a divertida festa a fantasia com o tema anos setenta, onde brasileiros e irlandeses se confundiam na animação.

Nos dias seguintes "desentocamos" e fomos passear pela cidade, mas sem abrir mão de pequenos grandes prazeres como levar os meninos na escola, ajudá-los com a lição, preparar um macarrão ao pesto e brincar. O Fê virou o treinador oficial de futebol dos meninos e era tio Fê para cá, tio Fê para lá. Um mel só. Eu aproveitei para matar as saudades da tia Zezé: mais para amiga e irmã do que para tia.

Da cidade que é muito vibrante, conhecemos as principais atrações como o Trinity College e os manuscritos com iluminuras do The Books of Kells (é a segunda bíblia mais antiga do mundo), a coleção de arte religiosa do magnata americano (aposentado na Irlanda) Chester Beatty, o castelo de Dublin, as principais igrejas, a rua dos pubs (a Irlanda é a casa da Guinness, talvez a mais conhecida cerveja escura do mundo), o centro já animado pelo Natal.

Ao andar pelo centro é incrível perceber a mistura das nacionalidades. Dublin tem apresentado um crescimento muito acima do padrão europeu e se consolidado como uma terra de oportunidade, crescimento e ótima qualidade de vida. Fiquei feliz em ver que Zezé, Marcelo e família estão em boas mãos.

Foi difícil dizer adeus: como ficamos muito tempo em família, deu aquela sensação de estarmos começando a viagem de novo. Mas aí é só lembrar do João me falando: "tia, como você esta linda hoje" (naquela hora que você acabou de acordar) ou do Fernandinho, "nossa que desenho lindo do Sonic que você fez" (para um desenho simplório, mas feito com carinho). Volto a sorrir.

## Glasgow e Edimburgo - 02/12

### Escócia

Fernando Naigeborin



O centro da cidade é lindo. O entorno, também



O show!

Na estação de trem de Glasgow marcamos de encontrar com o Júlio, bom amigo das antigas. Desde que me conheço por gente, conheço o cara. Isso quer dizer que passamos boa parte de nossa infância e adolescência brincando, conversando, crescendo e experimentando o que viria a ser nossa formação, nosso pilar de sustentação.

Hoje, tanto tempo depois, tenho orgulho de dizer que ainda somos bons amigos. Amigos daqueles que não se vêem mais todo dia, mas que quando se vêem, logo sabem como vai um e outro.

Pois foi bem isso que aconteceu quando nos encontramos no meio daquela multidão de rostos rosados, emoldurados pela fumaça que a respiração provoca no frio.

Logo no primeiro abraço me passou pela cabeça como deveria estar a vida dele aqui tão longe de São Paulo, do bairro que ambos moramos, das escolas que partilhamos, do clube em que treinamos... Em frações de segundo, ainda tive tempo de lembrar dos pais dele, da casa, do quarto em que dormi como convidado tantas vezes e de tantas outras coisas que estavam empoeiradas em algum canto da memória.

Me deixei levar por esses sentimentos de apego e por alguns momentos me senti também eu só, sem chão, longe de casa, da família e dos amigos. Me agarrei na Marília, minha querida

mulher, agora mais do que nunca minha casa, minha família, minha amiga e meu chão... Tudo isso no curto trajeto em que andamos a pé pelo centro de Glasgow procurando pelo carro do Júlio, conversando.

A estada com ele e com a Flávia, sua mulher, foi para mim um sonho. Fomos extremamente bem cuidados e tudo era feito de forma a nos deixar confortáveis, protegidos, queridos. E o melhor de tudo: em casa. Eles nem imaginam o quanto me fizeram bem.

Dormi e sonhei como poucas vezes nesta viagem. Tomei café sem pressa e tive pena de sair de casa para ir passear. E olha que não foi preguiça o que senti, não. Tá certo que na Escócia encontramos chuva pela primeira vez em quase quatro meses de viagem. E como chove por aqui! Chove de frente, de lado, de costas e venta o tempo todo.

Mas assim mesmo fomos para Edimburgo dois dias seguidos para passear sem perder tempo carregando as mochilas e procurando pousadas. Com o Júlio e com a Flávia ainda fomos a vários lugares no interior da Escócia, sempre de carro (quase não me lembrava do prazer que é andar de carro! Ainda mais na chuva e no frio). Fomos a castelos medievais, cidadezinhas antigas e muitos lagos. Conhecemos uma destilaria do mais puro malte escocês, a Glengoyne. E na visita guiada deu para sacar que o Júlio, depois de tanto tempo por aqui, já sabe tudo do assunto.

Fizemos também passeios mais prosaicos, mas de um valor sem igual. Pela primeira vez desde o fim de julho fomos ao cinema e saímos para jantar fora com amigos... Pequenos prazeres da vidinha nossa de todo dia...

Mas, para mim, o melhor de tudo foi o show que a Flávia arrumou para a gente ir. Na tentativa de nos oferecer algum programa noturno, viajantes cada vez mais acostumados a acordar cedo e dormir também cedo, ela cavou ingressos para o show do fim de semana na cidade. Na programação, Morrissey, o líder do antológico Smiths, talvez a banda que eu mais ouvi em toda a minha vida e responsável por alguns dois hits dos mais tocados no meu iPod.

O show foi fenomenal. Pulamos, cantamos, suamos e saímos todos felizes e contentes, adolescentes mais uma vez. E o refrão *'everyday is like sunday'* finalmente mudou de significado para mim.

## Tel-Aviv - 08/12

### Israel

Fernando Naigeborin



Vida normal na alegre e descontraída  
Tel-Aviv

Mal passava das três da manhã quando aterrissamos em solo israelense. Estranhamente, a maioria dos vôos internacionais com destino à terra santa costuma despachar seus passageiros no aeroporto em plena madrugada.

Dessa forma, a única maneira de irmos para a casa da minha tia era de táxi. Conversa vai, conversa vem e nada de fechar um preço fixo ou mesmo pedir para ligar o táxímetro. Depois de uma temporada européia, onde tudo funciona às claras, a sensação era de estar mais uma vez



em meio a um bazar árabe, mesmo dentro de um carro confortável e moderno, passando por ruas tranquilas e arborizadas no centro de Tel-Aviv. No meio do caminho, o mal humorado motorista, ainda sem decretar a tarifa da viagem, virou para trás e sentenciou: "*Welcome to the Middle East*".

Naquela hora, cansado da viagem exaustiva, preocupado com o valor da viagem, com sono e ávido por tomar um banho quente e dormir, achei apenas graça da frase feita, guardando esse souvenir sonoro em algum buraco da memória.

Vinte minutos depois estávamos na Rua Bavli, bem no centro de Tel-Aviv, embaixo do predinho da tia Rachel, trinta e cinco dólares mais pobres. Tocamos a campainha e lá estava ela, de braços abertos, sorriso estampado no rosto, a cara da minha mãe (Ah, elas são irmãs!). Depois de beijos e abraços, tomamos um leite, conversamos um pouco e caímos desmaiados no melhor sofá-cama que poderia haver no mundo. E o banho, bem, ficou para o dia seguinte, quando acordamos perto do meio-dia, pela primeira vez na viagem toda...

Essa é a quarta vez que venho para Israel. Mas ainda assim, fazia mais de quinze anos que eu não vinha para cá. O país que eu conheci como turista e como adolescente mudou muito. E isso é normal. Afinal, quinze anos são muita coisa para uma nação que oficialmente tem menos de sessenta de existência.

Neste curto período, levas de imigrantes chegaram e transformaram mais uma vez esta terra que parece em constante mutação. No início dos anos noventa, milhares de refugiados etíopes fugindo da fome foram trazidos para cá. Na mesma década, quase um milhão de russos aportaram em Israel com a abertura proporcionada pela glasnost em busca de um futuro mais promissor por aqui. Nos últimos anos levas de franceses tem chegado todos os meses para fincar suas bases neste minúsculo país. Na semana passada chegaram centenas de indianos por aqui. E por aí vai... Agora, o porquê de toda essa gente diferente vir a Israel tem relação direta com a existência do país: a religião judaica.

Com a Segunda Guerra Mundial e a independência do estado de Israel (antes sob domínio britânico), uma curiosa legislação foi promulgada. A "Lei do retorno", como é denominada, garante a todo e qualquer judeu uma pronta repatriação em caso de interesse e/ou necessidade. Por necessidade, leia-se qualquer motivo que bote em risco a liberdade de ir e vir e professar a milenar religião de Abraão, Jacó e Isaque. De uma estranha e triste maneira, o anti-semitismo e o atual nacionalismo israelense são sim ambos faces de uma mesma moeda.

Dessa forma, tribos nômades da Eritréia, siberianos com dentes de ouro, parisienses afetados e agora indianos de uma determinada casta tornam-se iguais perante a lei israelense. E coabitam (em paz) com outros cidadãos de mesmo passaporte, como americanos ultra-ortodoxos que viram a luz, judeus que nunca saíram da terra prometida, árabes israelenses e drusos beduínos (esses dois últimos não judeus). E todos estes acima mencionados convivem e coabitam com palestinos, um capítulo à parte dessa confusa colcha de retalhos...

Mas vou voltar a falar de Tel-Aviv, até porque a crise no Oriente Médio todo dia é notícia no jornal. Só para terminar esse assunto, é engraçado como aqui dentro do país não se sente o medo e a insegurança que a mídia internacional costuma registrar. A sensação é de andar tranquilo, como se fosse uma cidade qualquer, sem mais pretensões.

Bem, Tel-Aviv é a São Paulo daqui e tem quase um milhão de habitantes espalhados por bairros integrados que se esticam pela suave orla do mar. É interessante reparar que só agora, depois que a cidade já foi toda estruturada, começam a brotar construções em série bem próximas ao mar, desfrutando da localização privilegiada, com vista para a praia e a paz que só a brisa que vem do mar consegue abençoar. Minha intuição é que antes o medo era tanto que o país fosse invadido por mar que ninguém em sã consciência se aventuraria a viver em um prédio de alto padrão bem de frente para um potencial inimigo... Mas continuando a divagar (talvez eu esteja maquiavelmente errado) a tecnologia de defesa é tão sofisticada hoje em dia que esse medo deve ter se dissipado.

Nos calmos dias que passamos por aqui, caminhamos bastante a pé, fomos ao antigo porto de Jaffa, andamos por praças arborizadas, passamos por mercados de rua e ainda pudemos conferir as dezenas de predinhos brancos construídos nos anos sessenta e setenta em estilo Bauhaus, de uma simplicidade espartana.

Ainda deu tempo de ir ao Beth Hatfustoth, o museu da diáspora, que registra o melhor possível a vida das comunidades judaicas nos cinco continentes, com suas diferentes tradições e

culturas unidas por uma mesma fé. Fé esta que move este pequeno e orgulhoso país, que é mãe gentil para toda essa gente.

## Masada, Mar Morto e Nazaré - 11/12

### Israel

Marília Barrichello Naigeborin



Do alto da fortaleza é possível avistar o contraste entre o deserto e o Mar Morto



Fê fazendo o test-drive da ergonomia natural

Como Israel é um país pequeno, aproximadamente do tamanho do estado de Alagoas, é possível em curtas viagens mudar completamente de atmosfera e conhecer lugares muito interessantes e diferentes. O país, ciente desse tamanho potencial para o turismo, tem uma oferta bem planejada e organizada de tours e pacotes de um dia. Como em poucas horas é possível, por exemplo, sair de Tel-Aviv e cair no deserto, a sensação desse um dia é algo totalmente diferente e o tempo rende e passa de um outro jeito.

O primeiro "day tour" que fizemos foi para o Mar Morto e Masada. Começamos pelas ruínas de Masada, palavra que significa fortaleza, localizada em uma montanha de cume achatado, no meio do deserto da Judéia. Masada foi o cenário final da primeira batalha entre judeus e romanos ocorrida no século I. Quando os judeus perceberam que a derrota seria inevitável, decidiram por bem cometer suicídio em massa: quase mil pessoas entre homens, mulheres e crianças. Por tudo isso, Masada representa um símbolo muito forte da resistência judaica e compromisso com seus valores. Ainda hoje, muitos soldados israelenses fazem seu juramento de fidelidade nesse local épico: "Masada não caíra nunca mais".

Do alto de Masada a vista do deserto é incrível. E foi de lá que vi, pela primeira vez, o Mar Morto - nossa próxima parada. Desde que chegamos em Israel estava super ansiosa para conhecer o tão emblemático mar, que na verdade é um lago e fica a quase 400 metros abaixo do nível do mar. Como imaginar um mar sem uma espécie viva, onde a densidade da água te

permite boiar o tempo todo? Como sentir na pele, literalmente, uma água cuja salinidade é a maior do mundo: 33%?

Já do ônibus, de longe, era possível vislumbrar o Mar Morto, que tem uma "aparência normal" - se é que me entendem - tem uma cor saudável: azul e é muito bonito. Sua areia é grossa e pedregosa (sofremos por estar sem os chinelos, imaginando uma areia lisinha) e termina em uma espécie de lama, conhecida por ser muito nutritiva para a pele. Justamente por isso o Mar Morto oferece uma série de ativos e sais minerais para a indústria local de cosméticos.

Antes de entrar no mar, então, fizemos o banho de lama. Ficamos os dois caprichando na "aplicação" dessa máscara de pele natural e quando a lama secou, era a hora de experimentar o Mar Morto. Entrar na água já é uma experiência. O chão tem blocos de sal embaixo e às vezes meio pontiagudos. Nos dois estávamos sem chinelos (aí descobrimos porque na entrada eles vendem sandália) e arranhamos um pouco os pés. Uma coisinha de nada, mas com todo aquele sal... Que dor...

Então, logo que deu nos sentamos na água em movimentos bem lentos e calculados, pois segundo nosso guia, se a água entra no olho ela cega por 10 minutos. Exagero ou não, certamente não iríamos comprovar a informação. Passadas as preocupações iniciais veio a tranquilidade. Uma delícia ficar ali flutuando, boiando sem esforço e ficar sentada na água. Tem gente que até leva livro, jornal e fica lendo como se estivesse instalado na melhor poltrona de casa.

Outro desses day tour que fizemos foi rumo a cidades e lugares sagrados do Novo Testamento. Fazia parte da rota: Nazaré (local onde Maria teve a visão sobre sua gravidez), o Rio Jordão (onde Jesus foi batizado por João Batista), a igreja de Tabga (que marca o local onde aconteceu o milagre dos pães e dos peixes), passando pelo Mar da Galiléia, colinas de Golan e tantos outros lugares que tanto povoaram e povoam as aulas de religião e as missas. Foi muito emocionante estar em lugares tão históricos e importantes centros de peregrinação católica. Contudo, em alguns momentos a sensação foi estranha. Nazaré, por exemplo, é uma cidade de maioria árabe, de religião muçulmana. Pouquíssimos católicos ficaram por lá e o entorno da igreja cria um clima dissonante: homens de turbante, mulheres de véu e aquele burburinho constante das feiras e comércio árabes.

Mas o melhor de todos esses dias extremamente ricos, diferentes e cheios de história e significado é o prazer de voltar para a casa da tia Rachel, nosso lar doce lar em Israel. Chegar no aconchegante apartamento da Rua Bavli e ter alguém esperando pela gente, com jantinha no fogão, um sorriso no rosto sempre animado, muita disposição para conversar, ouvir, dividir, trocar. Todo o *day tour* terminava em *night tour* com os papos inesquecíveis com a tia Rachel.

## Eilat - 14/12

### Israel

Marília Barrichello Naigeborin



O inesquecível mergulho no aquário real

Foi em Eilat, cidade ao extremo sul de Israel, a cinco horas de ônibus de Tel-Aviv, que vi o aquário mais bonito da minha vida se tornar real. Já sabia da fama do lugar como sendo uma das reservas de corais mais bonitas do mundo e por isso estava realmente bem animada. Mas só estando lá para explicar... Sentir-se dentro do filme "Procurando Nemo" é pouco!

Começamos o dia no Observatório, um grande aquário com diversas áreas temáticas como: Amazônia, peixes raros, corais, ostras e pérolas, tartarugas e tubarões. Visitando essas lindas salas de vidro super bem cuidadas e iluminadas vimos lindos exemplares da fauna marítima: cavalos marinhos enrolados em corais e milhares de filhotinhos - que tem uns dois milímetros mas já a forma de um ser adulto, peixes do tipo camaleão que mudam de cor e se mimetizam na água, um tipo de peixe que parece um fóssil pré-histórico e fica colado no fundo do mar, arraia imensas passeando fluida e lentamente. Também uma série de peixes super divertidos com nomes e estilo de animais: peixe-leão, peixe-borboleta, peixe-papagaio.

A parte mais tensa da coisa foi na sala dos tubarões, quando assistimos ao mergulhador audaz descer com a roupa de mergulho e um monte de peixes bem frescos para alimentá-los. No entanto, ao contrário do que esperávamos, os tubarões deram uma esnobada na refeição. Depois descobrimos que para não ocorrer nenhum tipo de ataque os tubarões são mantidos sempre bem alimentados e por isso é normal que eles "passem" algumas refeições.

Dentre tantas atrações, duas entretanto foram muito especiais. A primeira, um barco-submarino que percorre em meia-hora um trecho da barreira de corais. Bem instalados, secos e tranquilos em nossas cadeirinhas, vimos como a vida marinha e toda a beleza submersa de Eilat.

Várias espécies de peixes e os lindos corais nos seus mais variados tipos: coral em forma de flor, de cogumelo, de pedra, de cérebro, de coração, dourado. E uma comunidade imensa de peixes vivendo nesse lindo e preservado ecossistema.

A segunda atração é a que dá nome ao lugar: observatório. Essa edificação foi construída no meio da reserva de corais e também permite ao visitante se sentir ainda mais dentro do mundo do mar, localizado a poucos lances de escada. Foi inesquecível ver toda a vida acontecendo, os movimentos delicados dos corais e dos peixes desfilando para nós. Listrados, fosforescentes, geométricos, lisos, bicolores. Só davam eles!

Depois de vermos tudo isso, achei que seria a hora do melhor: o mergulho. Mas aí veio a má notícia: por conta do frio (inverno em Israel) a atividade estava suspensa. Saí me sentindo frustrada... Se por um lado já tinha tido o gostinho de ver toda a beleza escondida embaixo d'água, por outro isso só aumentou minha vontade de mergulhar e me sentir realmente parte daquele ambiente.

Seguimos caminhando pela calçada da praia em busca de um lugar para no mínimo colocar o pé na areia e no máximo dar um mergulho. Quando achamos a entrada da praia (ela é fechada e paga, já que é uma reserva), veio a boa notícia: naquela parte da praia era possível alugar máscara e snorkel e o fundo do mar também é extremamente rico: mais de mil espécies de peixes e outras centenas espécies de corais.

A questão agora era o frio. O tempo havia mudado, estava frio e ventando muito. No Brasil era o tipo de dia que você acaba passando a praia. Mas, estava em Eilat e não poderia perder a chance: resolvi enfrentar e com misto de aventura e ansiedade atravessei o pier que dava entrada no mar. Coloquei máscara, snorkel e o pé na água. Desencorajador. Pude avistar algumas pessoas indo embora e só eu ali, o mar só para mim. Mas aí apareceu um dos meus peixes preferidos do aquário: o peixe-leão. Não pensei duas vezes e entrei direto.

Quando olhei para baixo fiquei encantada. Logo nos primeiros minutos vi uma série de peixes e corais que já me haviam sido apresentados no aquário. Já sabia seus nomes, como antigos conhecidos. Mas agora me sentia realmente no mundo daquelas diferentes e lindas criaturas. Com o corpo gelado, o barulho da respiração no snorkel e os olhos sem piscar percorri todo o trecho da reserva. Estava radiante. O Fê já estava me esperando com a toalha aberta e um sorriso no rosto. Não precisei dizer para ele o quanto estava feliz e nem insistir muito para ele tomar a máscara e o snorkel e curtir esse lindo aquário real.

Dessa vez, na entrada, apareceram dois peixes-leões como a convidar o Fê para entrar. Como leão além de tudo é meu signo, o Fê nem titubeou e aceitou o convite desses amigos para conhecer sua linda casa azul. Tchibum!

## Petra - 16/12

### Jordânia

Fernando Naigeborin



Bedrock é aqui

Mal raiou o dia e já estávamos na condução que nos levaria até a fronteira de Israel e Jordânia, entre as cidades de Eilat e Aqaba, ambas banhadas pelo azul do mar vermelho.

Quinze poucos minutos separam o centro do balneário israelense da entrada mais ao sul do reino hashemita da Jordânia. A passagem por ambas as fronteiras foi criteriosa e cheia de olhares duvidosos sobre o nosso já surrado passaporte verde. Carimbos de um lado e de outro, lá estávamos nós, oficialmente saudados pelo majestoso outdoor do rei Abdullah, lá do alto a nos fitar.

Caminhamos poucos metros até sermos resgatados por Mohammed, o motorista previamente agendado em Israel para nos buscar e levar para os destinos turísticos mais famosos do país.

No carro, a conversa franca e agradável girava em torno dos benefícios do processo de paz entre ambos os países, elevando os índices da ainda diminuta indústria de turismo jordaniana. no rádio, músicas melosas árabes e em cartaz em todas as janelas a constante paisagem poeirenta e pedregosa do deserto, de quando em quando entrecortada por um assentamento de beduínos.

Nosso destino inicial era Wahdi Rum, onde o deserto é ainda mais fotogênico, com a imensidão do nada cercada por imponentes montanhas. Rodamos por uns cem quilômetros até Mohammed estacionar em uma casa-tenda beduína para almoçarmos. De lá, pegaríamos um 4x4 com um motorista beduíno para conhecer de fato o local.

O almoço não foi lá um banquete. Pitta, o nosso pão sírio, nos foi dado com função tripla: garfo, guardanapo e comida. O cardápio incluía ainda arroz branco com grão de bico e um molho de tomate picante com um pouquinho de carne moída criteriosamente trazido pelas mãos mais sujas que eu já vi. Sabe quando as unhas ficam grandes e com aquela camada cor de terra de sujeira dentro?

Pois é... E nada de lavar as mãos, nem de guardanapo, nem de toalha, nem de mesa, nem de cadeira. Comemos no chão mesmo, apenas com o copinho de chá fumegante ajudando a lavar toda a pimenta mesmo naquele calor de matar. Ah, e nada de deixar comida. Afinal, estávamos sendo supostamente presenteados com o melhor da culinária local, resgatando um hábito típico deste povo até bem pouco tempo atrás nômade, que garantia sempre ao visitante, vindo do poeirento caminho, um pouso com sombra e alimento (mas sem água fresca, porque isso não tem por aqui).

A Marília comeu um pouquinho, o máximo que conseguiu. E lá fui eu em seu socorro. Comi tudo. E no fim, devo confessar que o apimentado molho de tomate com carne e arroz enrolados no pãozinho ainda quente do forno foi todo embora em poucos minutos, tamanha a fome. E, embora a parada tivesse um apelo turístico, ficou para mim latente a generosidade desse povo tão simples quanto nobre. Agradei de coração ao dono da casa, o mesmo que nos trouxe a comida com aquela mão suja.

Barriga cheia e muita, mas muita sede, embarcamos em um Toyota 4x4 depenado, que mais parecia experimento de moleque que quer construir um carro com o que achou na garagem do pai.

Demorou, mas o velho motor pegou e saímos eu, a Marília e um senhor beduíno todo enrolado em trapos claros que falava no máximo vinte palavras em inglês. A primeira curva na estrada... E ele continuou reto, saindo da pista, rindo discretamente, como a dizer: “Agora é comigo, companheiro”.

Rodamos por um mar infinito de nada, um autêntico universo num grão de areia. Depois de um tempo, começaram a se descortinar no horizonte montanhas vermelhas, dunas alaranjadas, oásis verdejantes e todo o encanto que o cenário virgem de um deserto pode apresentar. Sempre eu, a Marília, o motorista e o silêncio.

No fim da tarde, voltamos ao acampamento onde almoçamos e reencontramos Mohammed. Ele nos levou por mais alguns bons quilômetros até nos deixar sãos e salvos no hotelzinho em que iríamos dormir, pertinho da principal atracção de toda a Jordânia. Tomamos banho, jantamos e nos recolhemos cedo.

Acordamos bem cedinho, ainda com o frio. E enfim, depois de muito sonhar em visitar esse lugar, estávamos a poucos metros de um dos achados arqueológicos mais significativos de todos os tempos: a cidade perdida de Petra. A capital do império Nabateu entre os séculos VI a.C. e II d.C., arruinada pelos romanos e desde então escondida no meio do deserto, até ser redescoberta em meados do século XIX.

A pé, começamos trilhar um caminho sinuoso recortado na rocha. O Siq, como é chamado, é um acidente natural de milhões de anos, formado pela acomodação das placas tectônicas resultantes de uma falha geológica. O resultado é uma senda incrustada entre rochas de areias coloridas, talhadas em formas orgânicas belas e únicas.

Quinze minutos depois, em mais uma das viradas que as rochas nos obrigavam a fazer, abriu-se na nossa frente uma enorme construção, integralmente encravada na rocha, com todos os seus detalhes finamente esculpidos e preservados.

O imenso monolito era a tumba de um rei, que mais tarde ficou conhecida pelo nome de “tesouro”, porque dentro da tumba havia (e ainda há) uma enorme urna de pedra lacrada que muitos pensavam abrigar o tesouro do rei.

Depois desse susto bom, todo o sítio arqueológico, que é gigantesco, começou a se revelar para nós. Junto, chegou também o sol, que mudou a cor de tudo o que havia para um intenso rosa-alaranjado, inesquecível.

Caminhamos o dia todo por construções intrincadas e maravilhosas, sempre esculpidas diretamente nas rochas, como trabalho de ourivesaria. Subimos um morro e chegamos no monastério, talvez a maior ruína bem preservada de todo o local.

Passamos um dia fantástico, daqueles de querer enquadrar para todo dia se lembrar.

Já quase de noite, pegamos outra condução de volta a fronteira com Israel, dessa vez sem o Mohammed que desapareceu com a noite de ontem. E antes das 21h estávamos no nosso hotelzinho em Eilat, tão perto, tão longe, ouvindo o barulho do mar.

## Jerusalém - 20/12

### Israel

Fernando Naigeborin



Em primeiro plano o Muro das Lamentações.  
Atrás, a mesquita de Omar. Isso é  
Jerusalém

O ônibus entre Tel-Aviv e Jerusalém tardou apenas quarenta e cinco minutos para ir de um ponto a outro. Mesmo assim, foi tempo suficiente para a paisagem litorânea dar lugar à pedregosa imagem do deserto da Judéia, subindo a colina em que se situa Jerusalém e deixando a manhã ainda mais fria.

Ao deixar a estação rodoviária, saímos em busca do ônibus municipal que nos levasse até uma das portas da cidade antiga, até hoje envolta em muralhas. Pergunta daqui e dali, e finalmente, alguém nos responde. O ônibus quinze, do outro lado da rua, vai até lá. Corre que o ônibus já está no ponto, com os últimos passageiros entrando... Ufa, mesmo amassados, entramos.

Acontece que a condução está lotada. E todos estão de preto. Homens de chapéu e barba de um lado, mulheres de lenço e saia do outro. No começo, imaginei que havíamos entrado em um ônibus exclusivo para judeus ultra-ortodoxos, mas depois de umas três quebradas, uma à direita, outra a esquerda e novamente a esquerda, deu para intuir que o percurso passava por um bairro de religiosos, que depois descobri se chamar Meah Shearim.

Pela janela tudo evocava um Shtetl, um vilarejo judaico da Europa central na idade média, com mercados de alimentos kasher (aprovados pelo código de ética e higiene da tradição judaica), lojas e mais lojas de livros religiosos e uma infinidade de gente vivendo a vida de acordo com a leitura estrita dos mandamentos da Torah, o antigo testamento.

Depois do congestionamento colossal e da debandada da grande parte dos passageiros, o ônibus continuou seu trajeto por ruas arborizadas, com prédios baixos e modernos, mas uniformemente construídos com pedras de um mesmo tom amarelo-dourado, em homenagem à velha Jerusalém.

Poucos minutos se passaram para o motorista do ônibus quase deserto nos avisar que deveríamos descer, pois estávamos próximos de uma das entradas da cidade antiga. Descemos. E estávamos frente-a-frente com a porta de damasco, uma das oito entradas para a cidade antiga. Como queríamos encontrar o *tourist information* que estava na porta de Jaffa e dentro das muralhas, eu me lembrava que as vielas eram labirínticas e apertadas, decidimos contornar os muros por fora até chegar à porta certa.

No curto caminho, a paisagem já era bem diferente daquela do ônibus, com árabes muçulmanos em trajes típicos, homens de keffiyeh e barba e mulheres super maquiadas e cheias de jóias douradas.

Não demorou e achamos o escritório de turismo oficial, que nos daria o mapa da cidade, outro específico da parte antiga e mais as dicas padrão que um viajante comum espera receber



(onde se hospedar, o que conhecer, como chegar etc.). O escritório estava vazio, deixando ainda mais evidente o buraco que a recente guerra com o Líbano fez na já abalada indústria de turismo local.

Sorte nossa, que acabamos por dirimir todas as nossas dúvidas com a simpática funcionária que estava tranqüila e com toda a boa vontade do mundo. No fim, coincidência boa, ela nos perguntou de onde éramos. Quando disse “Brasil” ela desandou a responder em português... Assim como a tia Rachel, essa senhora havia imigrado para cá há mais de trinta anos, mas seu sotaque gaúcho ainda estava intacto.

Com mapa na mão e um rol de endereços de pensões baratas dentro da cidade antiga, começamos a entender a divisão dos quatro bairros que ficam dentro das muralhas. Um é muçulmano, outro, judaico, outro, armênio e o último, cristão. Todos colados, com fronteiras imaginárias, já que as ruelas são mínimas e completamente tortas.

Para se ter uma idéia, a porta de damasco (aquela à qual o ônibus nos deixou) é um dos acessos principais para o bairro muçulmano e a porta de Jaffa conduz ao bairro judaico e vai bordeando o armênio. Enfim, depois de cinco minutos em linha quase reta, estávamos na frente da pensão Casanova, um antigo monastério em pleno coração do bairro cristão e nossa casa pelas próximas duas noites.

Depois de deixar as mochilas no quarto austero e espartano, limpo e barato e muito, mas muito bem localizado, saímos em busca dos principais pontos de atração que a parte antiga da cidade tinha a oferecer. Virtualmente qualquer casa aqui tem lá sua história e seu interesse, mas é tanta coisa que o mais viável é se guiar pelos highlights dos bons guias e seguir em frente.

E os destaques são todos de ordem religiosa. Neste pedacinho de terra estão dezenas de igrejas que demarcam a via dolorosa, monastérios cristãos ortodoxos armênios, gregos, etíopes, russos e católicos, além das mesquitas de Omar e Al-Aqsa (a última considerada a terceira mais importante do mundo muçulmano, atrás apenas das mesquitas de Meca e Medina, ambas na Arábia Saudita) e do muro das lamentações, em teoria e na prática o único monumento sagrado judaico.

Para dar uma pincelada, aqui vai uma mínima bula para melhor compreensão deste texto:

- Via dolorosa é o percurso no qual Jesus carregou a cruz até ser crucificado. Quatorze locações estão demarcadas, cada qual com uma igreja e uma parte da história do novo testamento, sendo as últimas cinco dentro da igreja do santo sepulcro, onde, segundo a religião crista, Jesus foi crucificado.

- Mesquita de Omar, também conhecida como domo da rocha, foi construída ao redor de uma gigantesca pedra, que, segundo a religião islâmica, é a mesma em que o cavalo alado de Maomé estava quando este voou para o céu (senta que lá vem mais história... E, segundo a religião judaica, é a mesma em que Abraão tentou sacrificar Isaque, seu filho, em respeito a Deus).

- Muro das lamentações é a parte ocidental de uma das muralhas que protegiam o templo de Jerusalém, que abrigava o único templo judaico, onde as tábuas da lei (os dez mandamentos) ficavam guardados. As ruínas do templo, destruído no ano 70 d.C. pelos romanos, estão fisicamente abaixo das atuais mesquitas de Al-Aqsa e de Omar.

A visita a cada um destes locais sagrados marca a proximidade física e o contraste com a distância virtual entre muitas das fés, cada vez mais firmes em suas convicções e menos tolerantes umas com as outras. Ainda assim fica mais fácil perceber o que as aproxima daquilo que as separa. Afinal, aqui estão representadas oficialmente as bases das três religiões monoteístas mais importantes do planeta. Mas é tanta coisa santa junta, amontoadas em tão pouco espaço, que fica muito simples entender a tensão que se passa por aqui. No fim das contas, todo esse pano de fundo embolado em história, fé e tradição faz Jerusalém ser ainda mais única. E mesmo que às vezes a solução mais racional pareça ser dividir a cidade em dois, três ou até quatro distintas partes, nada tirará daqui essa força única, onde o Ocidente encontra o Oriente, o passado, o presente e judeus e árabes de barba têm a possibilidade de uma dia viver juntos, em paz.

**Tel-Aviv - 21/12**

**Israel**

Marília Barrichello Naigeborin



A tia Rachel e o Fê com seu PF de arroz, feijão, ovo frito e lingüiça kasher

Nesses quase vinte dias de Israel, mais do que conhecer um país, pude vivenciar muitas das histórias, dos costumes, festas e ritos que povoam muitas das memórias do Fê e das histórias contadas por meus sogros e familiares.

Para mim, garota de Piracicaba, cidade onde a comunidade judaica é praticamente inexistente, meus poucos conhecimentos de judaísmo e cultura judaica provinham das aulas de história com foco na Segunda Guerra Mundial e também de filmes por demais hollywoodianos como "A lista de Schindler" .

A partir do momento em que o Fê entrou na minha vida para não sair mais (e isso já faz 8 anos), fui, aos poucos, me inserindo no cotidiano judaico, sempre atenta e grata pela possibilidade de poder conviver, interagir, respeitar e participar dessa tradição que muito acrescentou à minha vida.

Além das festas, reuniões familiares e ritos como o Bar-Mitva, Brit-Mila pude conhecer um pouco mais da história judaica quando eu e Fê nos encontramos em Moscou. Após ter finalizado o projeto com uma ONG, partimos para o leste europeu. Visitamos os guetos judaicos da Cracóvia (Polônia) e de Praga (Republica Tcheca) e também os campos de concentração de Auschwitz e Birkenau.

Então, chegar em Israel teve uma conotação toda especial, além daquela inerente ao fato de pisar no solo da terra santa, cenário de tanta fé, história e religiosidade. Pude tornar real um mundo imaginário, momentos e situações de minha história com o Fê.

Ver o Muro das Lamentações, local onde ele fez seu Bar-Mitva acompanhado dos pais e irmãos em 1988, e depositar meu papelzinho de pedidos junto aos outros milhares cuidadosamente colocados entre as grandes e sagradas pedras, resquícius do templo de David. Comer o tal do falafel que o Fê me falava tanto, no meio da rua, num boteco bem simples e ver o movimento das pessoas indo e vindo. Observar o rigor dos judeus religiosos acompanhados de suas mulheres com saias longas e lenços na cabeça, ou perucas, e uma prole de no mínimo cinco filhos. Ir às livrarias e me divertir vendo os livros em hebraico (caligrafia que para leigos parece coisa impossível e de outro mundo), que parecem ter sido escritos do fim para o começo, já que a leitura é da direita para a esquerda, ao contrário do que a gente esta acostumado. Ter o Fê, ótimo intérprete, tornando mais simples nossa comunicação e permitindo um contato mais real e próximo com o verdadeiro cotidiano das ruas, dos ônibus, das filas...

Acho que por todas essas histórias e reminiscências, por Israel já existir em meu mundo imaginário, de cara já me senti bem. Tel-aviv é bem melhor do que eu imaginava: mais moderna, alegre, jovem, cheia de feiras, mercados, música, calçadão na praia. Muito viva. Apesar do forte esquema de segurança e de sempre vermos ao nosso lado os jovens do exército armados com metralhadoras (nunca tinha visto uma arma assim tão de perto), da constante revista das bolsas e malas, não me senti amedrontada ou intimidada. Tal rotina já está incorporada e faz parte do viver em Israel.

Além da tia Rachel também fomos mimados e ciceroneados pela Geula, prima do pai do Fê e seu marido Iacov. Esse casal muito generoso e simpático nos mostrou a Tel-aviv moderna, pólo de tecnologia de informação, com suas grandes construções e shoppings, além do charme do porto antigo que agora abriga bons bares e restaurantes. Também eles fizeram nosso último dia mais cheio de coisas e conseqüentemente menos saudoso, pois fomos juntos visitar Cesarea, antigo porto romano que se soma as outras tantas cidades romanas que visitamos ao longo da viagem, como na Turquia, Tunísia e Itália.

Os dias passaram alegres e em família. Acordávamos com o *boquer tov* (bom dia) e dormíamos com o *laila tov* (boa noite) da tia Rachel, que todo o dia me ensinava algumas novas palavras de hebraico. Trocamos idéia sobre a viagem, divagamos sobre o futuro, aprendemos mais sobre a situação política atual do país na visão de quem esta lá há mais de 30 anos e também ouvimos suas hilárias histórias que facilmente se misturam com outras de muita coragem e auto-superação.

Nesse ponto, a historia da tia Rachel, que, tendo perdido o marido jovem, deixou São Paulo com três filhos pequenos para recomeçar a vida em Israel - ponto de partida de sua tradição (e agora de chegada) - se mescla com a própria história desse país. País que está constantemente se reinventando, driblando os problemas de escassez de água, tornando a terra fértil, assimilando novas pessoas e incorporando outros costumes. Porém, tudo isso sob as bases sólidas de uma tradição milenar e de valores humanos inegociáveis, como a ética, o respeito, a família e a fé.

Posso dizer que a estada em Israel me fez refletir muito, principalmente depois de visitar o Museu do Holocausto (*Yad Vashem*) em Jerusalém. O acervo foi montado de forma bastante clara e didática, com diferentes suportes visuais e áudio-visuais como fotos, depoimentos em vídeo, reconstruções, mapas. Além de muita informação, também muita sensibilidade para explorar um tema tão serio sem cair no rio de lágrimas que pode não levar a nada. O museu também presta um serviço à comunidade judaica através de um grande banco de dados computadorizado que ainda hoje possibilita que famílias encontrem parentes sobreviventes ao Holocausto em diferentes partes do mundo.

No fim de todo o percurso do museu, entramos no "*Children Memorial*". Uma sala escura, com um jogo de espelhos que faz com que em cada ponto da sala você veja um céu estrelado infinito formado de pequenas luzinhas. No fundo, uma voz solene recita os nomes das crianças, a data de nascimento, a idade e o campo de concentração onde foram mortas, vítimas do Holocausto. Uma metáfora linda, que dispensa explicações.

Mas o que tocou fundo e que ficou gravado em minha cabeça foi a frase forte fixada na parede logo nas primeiras salas e que dizia: "Uma nação não se constrói apenas pelo que ela faz, mas sim pelo que ela tolera". E é com essa reflexão que gostaria de terminar meu texto de hoje.

*Toda Raba* (Muito Obrigada), Israel!

## Delhi - 24/12

### Índia

Fernando Naigeborin



Uma típica cena de rua, na frente do Red Fort

Saímos debaixo das asas quentes da tia Rachel direto para as asas turbinadas do Boeing que nos levaria até Delhi, parando apenas por uma hora na gelada Viena. Lá ficamos estacionados por mínimo tempo, o suficiente apenas para trocar os últimos 18 euros coletados em todos os bolsos e moedeiros por chocolates também mínimos, mas sofisticados.

A viagem de Viena a Delhi foi longa, com o sol quase sempre a nos acompanhar, seguido por aeromoças incansáveis (foram três refeições completas em um único vôo!) e nenês ainda mais resistentes ao sono e ao silêncio. Nunca vi tanta criança chorando ao mesmo tempo... Para todos os lados pais e filhos. E nenês. Muitos... O vôo parecia charter de um berçário.

Entre os miados infantis e os "*vegetable curry or chicken curry?*" fiquei atado ao guia recém-comprado sobre a Índia. Li o quanto pude nas intermináveis horas, o máximo que consegui absorver de informações para a chegada em Delhi.

E, ufa, meia-noite e meia aterrissamos no aeroporto envolto em uma bruma densa debaixo de palmas e até assobios da orgulhosa platéia de expatriados indianos que retornavam ao país para as curtas férias do fim de ano.

Passamos pela imigração, pela alfândega, pelas esteiras das malas e, novamente com nossos cascos acoplados às costas, saímos de mãos dadas, em busca de um lugar para trocar dinheiro e um táxi para nos levar até o nosso hotel. Achar o *change* foi fácil, bastou entender porque tanta gente fazia fila em um balcãozinho àquela hora da madrugada. Mas o táxi...

...A saída do aeroporto foi antológica, cinematográfica. Não é conversa, não. Eu e a Marília nunca vamos nos esquecer daquela multidão de vultos envoltos em panos coloridos com placas nas mãos, além de taxistas, condutores de riquixás, *tuk-tuks* (a versão motorizada dos riquixás) e as centenas de familiares que aguardavam ansiosamente nosso vôo com a preciosa carga de parentes bem-sucedidos e políglotas.

Como havia lido no guia (e até escrito em um papelzinho na carteira junto com o endereço do nosso hotel), evitamos as infinitas ofertas de taxistas e de gente que puxava levemente as mochilas com o intuito de carregá-las para "ajudar". Fomos andando aqui e ali até encontrarmos o *Delhi Official Taxi Booth* onde, supostamente, haveria uma cooperativa registrada de taxistas e um preço pré-acertado antes de entrar no carro.

350 rúpias e um papel timbrado e carimbado nos deram o direito de entrar na espaçosa lata-velha de Raju, o motorista desdentado, que confirmava positivamente qualquer pergunta que fazíamos. Então ele sabia onde ficava o hotel, o caminho era fácil e o tempo que iríamos gastar para chegar lá em plena madrugada era... Sim.

Bastante razoável tanta segurança e tanta afirmação. Mas de nada servia se o cidadão não entendia absolutamente nada do que falávamos e apenas meneava com a cabeça solta ao vento (o que depois, lendo no bendito guia, descobri se tratar de um gesto de confirmação em indiano).

No caminho entre o aeroporto e Connaught Place, a região central da cidade onde nosso hotel se encontrava, muito trânsito, muita, mas muita buzina e uma névoa sem fim. Além das milhares de pessoas nos carros, nas ruas, nas sarjetas e onde mais você conseguir imaginar. De minuto em minuto víamos as famosas vacas em passeio sossegado em meio ao caos já passada uma e meia da manhã.

Do que pude depreender do guia, estaríamos convenientemente alocados em hotel três estrelas, em plena região da avenida paulista de Delhi.

E o tempo foi passando junto com a vida que passava pela janela, trazendo muita informação visual carregada pela consagrada miséria indiana. E o cansaço veio na sombra, projetando as tantas horas passadas entre a casa da tia Rachel e a paisagem sem foco do *fog* indiano.

E nada de chegarmos no hotel. Perguntei mais assertivamente ao motorista onde ficava o Hotel York, peguei o guia, abri na página do mapa e nada. Ele sorriu um sorriso débil, misto de ingenuidade e mal-caratismo.

Uma hora depois, já claramente dando voltas pelas cercanias de Connaught Place, o motorista parou e falou em algum idioma que não encontrava o hotel. Segundo ele, o melhor que poderíamos fazer era ir a outro, que ele conhecia bem.

E a sirene tocou. Me senti dentro de um capítulo do guia (*dangers and annoyances*) onde estão registrados os casos clássicos de malandragem feitos pelos vigaristas locais. Segundo o guia, é comum o taxista dizer que o local fechou, pegou fogo, está sob controle de marginais ou sumiu do mapa e levar de bom grado inocentes turistas a hotéis distantes e caros, onde, enfim, ganhariam uma boa comissão do gerente do estabelecimento.

Neguei veementemente a idéia. Circulamos por mais quinze, vinte minutos. o taxista simulou perguntar a outros motoristas de riquixás, todos àquela hora suspeitos e mal-encarados.

Continuamos a rodar, com estes riquixás nos seguindo, sugerindo nomes de outros hotéis, sempre com bons preços.

E o motorista, agora mais cansado, sentenciou: "*tourist office*". Como assim? Ele queria levar a gente no escritório de turismo para perguntarmos onde era o hotel? Às duas e meia da manhã? Algo estranho tinha ali. Li novamente no livro a parte que falava sobre as tais lorotas... E encontrei essa aí também lá. Virtualmente qualquer escritório de turismo tem que ser registrado pelo governo para poder funcionar. Com isso, espertos agentes de viagem colocam orgulhosamente em cima de suas placas o tradicional aviso "*official tourist office*".

Mais uma vez neguei a "boa" idéia e, menos simpático, pisei firme no argumento que não sairia do táxi enquanto não chegasse ao hotel previamente combinado, reservado e pago.

O tal Raju meneou displicentemente, se conformou, virou a esquerda, a direita e em dois minutos estacionou na porta do York Hotel. Aleluia.

Fizemos o check-in angustiados e cansados, mas vitoriosos.

E caímos na cama podres, sem forças para reparar no que viríamos a descobrir no dia seguinte...

Meio-dia. Pela primeira vez desde que saímos do Brasil acordamos tão tarde. Pensei em abrir a janela para ver como estava o tempo. Nada de janelas. Acendi a luz. O meu lençol jazia meio caído no chão, completamente sujo, com manchas de óleo, de comida, cabelos e outras coisas menos agradáveis. Abri o armário em busca de outro lençol. Tinha, sim, devidamente dobrado, empoeirado e acondicionado dentro de uma folha de jornal do mês passado. Desisti.

Tomamos um banho rápido (chega de falar da sujeira do hotel... Mas, se quiser fazer um exercício visual, tudo obedecia o código de higiene do lençol).

E abrimos a porta em busca de ar, luz e a Índia, que estava lá fora a nos esperar.

Realmente estávamos a um passo da Connaught Place, construído pelos britânicos em forma de três grandes circunferências (uma dentro da outra) que irradiam grandes avenidas do centro até as extremidades da capital indiana.

E em um lindo sábado de sol caminhamos por entre famílias que passeavam, miseráveis que sobreviviam, trabalhadores que não desistiam, carros, motos, bicicletas, riquixás e vacas.

Com a experiência traumática da noite anterior, pensamos em transformar a ida ao tourist office na nossa primeira e inevitável empreitada por aqui.

Fechado.

E a sensação de estar no lugar errado, na hora errada, fazendo a coisa errada começou a bater à porta. Nesse mesmo momento, um senhor que estava estrategicamente sentado em frente à porta do departamento de turismo disse em um razoável inglês que o tourist office agora era logo ali ao lado, na esquina.

A placa amarela informava os transeuntes o já conhecido "*official tourist office*". Mesmo com dúvidas, entramos para tentar nos informar de passagens de trem para Agra e Jaipur, nossas próximas paragens.

Do outro lado da mesa estava o simpático Mr. Bilal (é isso mesmo!). Ágil, escaneou com velocidade nossa carteirinha de mochileiros e começou a fazer perguntas sobre nosso itinerário na estada na Índia.

Depois de quase três horas ali, regadas a chá, muitas dúvidas e uma boa conversa, pude confirmar uma certeza interna minha: viajar pela Índia não era bolinho, não.

Eu havia lido no "Hindustan Times" que recebi no hotel que todos os vôos estavam atrasados por conta do fog londrino que costuma tomar a cidade de assalto no inverno, coincidentemente a mesma época a ser justamente conhecida como altíssima temporada para o turismo. A consequência: todos os trens também estavam lotados. De primeira ou segunda classe, com ou sem ar condicionado, diurno ou noturno.

E os problemas não paravam por aí. Os ônibus, a alternativa natural para os trens, estavam ficando cheios e as viagens pelas estradas, segundo Bilal, costumavam demorar muitas horas, por conta do estado precário em que muitas se encontravam. Para piorar, a maioria dos hotéis estava lotada por conta da leva de turistas que estava aproveitando a entressafra de natal e Ano Novo e a pintura mais realista do inferno para um viajante independente se formava no horizonte pontuado pelo vermelho rubor do sol.

Começamos a duvidar de tudo. Pedi para usar a internet por alguns minutos. Queria checar se de fato trens e hotéis estavam assim tão cheios. Peguei o guia, cada vez mais companheiro de todas as horas e... Nada. Segundo o site oficial da *Indian Railways*, não haviam mais trens disponíveis para a próxima semana nem para Agra, nem para Jaipur. Os hotéis listados pelo guia (olha que são muitos) estavam abarrotados, sobrando poucas opções de alto padrão, inacessíveis aos nossos bolsos.

Quando tudo parecia conspirar contra, um casal de ingleses adentrou a saleta da *India Travel Makers* (<http://www.indiatravelmakers.com/>) com o sorriso no rosto estampado e um longo abraço de agradecimento ao tal Bilal pelos serviços prestados. Eles voltavam de duas semanas de aventuras pelo Rajastão, nossa próxima parada depois de Agra.

No primeiro momento, a sirene mais uma vez tocou, e maquiavelmente pensei estar dentro de um capítulo novo e sofisticado das artimanhas de vigaristas, com supostos turistas ocidentais pagos para dizer a outros que tudo o que fizeram deu certo e que a melhor maneira de viajar pela Índia era com os serviços do benevolente Bilal e sua maravilhosa equipe.

Mas, conversando com eles por quinze minutos e vendo outros turistas chegarem e saírem, fui amolecendo o coração e começando a agradecer a oportunidade de ter caído naquela portinha.

Nem tanto ao céu, nem tanto à terra, saímos no fim da tarde do escritório da *India Travel Makers* com um pacote de passagens aéreas compradas, alguns hotéis pré-reservados e, novidade, um serviço altamente recomendado por todos os turistas que passaram por ali, um carro com motorista para nos conduzir por todo o estado do Rajastão.

Demos mais uma volta pelo centro e voltamos de novo exaustos para o York. Surpreendentemente, o restaurante ao lado do hotel era fenomenal e fechou com chave de ouro o nosso primeiro estressante dia inteiro na Índia.

No dia seguinte, acordamos cedo e visitamos os tradicionais pontos turísticos da cidade, a maioria herança da época em que a Índia era governada por guerreiros de origem muçulmana, os Mughal. Mas o texto tá tão grande que eu tento contar um pouco mais depois, quando formos ao Rajastão, onde esta herança islâmica é ainda maior.

## Rishikesh - 27/12

### Índia

Marília Barrichello Naigeborin



Natal diferente mas igual na igreja ao ar livre de Delhi



Rishikesh - Muito mais do que uma paisagem bonita

A partida para Rishikesh representou duas coisas importantes: nossa primeira viagem na Índia depois da chegada em Delhi e também o primeiro contato com a faceta mais mística e religiosa do país, uma entre tantas que formam a complexa alma nacional.

Talvez não à toa, essa partida tenha acontecido também em um dia especial para mim: dia 25 de dezembro, Natal. Assim, antes de pegarmos a estrada, pedi ao motorista de táxi que nos levaria para Rishikesh passar em uma igreja católica. Fui sem grandes intenções (mesmo porque a religião católica na Índia é minoria total), apenas com o intuito de fazer meu Natal um pouco mais espiritualizado e manter o hábito antigo de ir à igreja comemorar o nascimento de Jesus.

Chegamos à igreja e já no portão de entrada uma fila imensa para entrar e muita confusão fora: mendigos pedindo esmola, pessoas vendendo flores para oferendas, comida, velas, incensos, táxis, bicicletas, riquixás ... Resolvi entrar na fila e ver no que dava. Em alguns minutos entrei na igreja, porém, havia uma corda fechando a entrada aos bancos. Olhei aquilo e não entendi. Perguntei a um padre e ele me disse: "Hoje a igreja esta fechada, só lá fora". Não captei o que ele quis dizer. Saí extremamente triste e frustrada. Sobre a fila, pelo menos, descobri. As pessoas estavam ali para ver o presépio, tirar foto e receber do padre um doce que parecia um torrão de açúcar.

Já estava prestes a voltar para o carro quando vi uma tenda imensa montada ao lado da igreja. Nesse momento fiquei muito surpresa e

emocionada: muitas cadeiras, muitas famílias hindus, muitos estrangeiros, pessoas as mais diferentes possíveis juntas e um padre conduzindo a missa de Natal, que acabava de começar. Fui para simplesmente rezar e sem querer cheguei na hora exata da missa. Quem diria! O sermão do padre confirmou nossa tese: a comunidade católica na Índia é de aproximadamente 2,5% e se concentra em Goa (sul da Índia), por influência do domínio português. Assim, a maioria das pessoas de lá não eram católicas ou mesmo cristãs. Fui entender depois que os indianos em geral respeitam as demais religiões e consideram todo o tipo de benção bem-vinda.

Ficamos um tempo ali na tenda e na hora das músicas foi muito tocante. Surreal estar em plena Índia em uma missa católica de uma das maiores comemorações cristãs e ouvir as mesmas músicas que eu todo o ano ouço na paróquia do Bom Jesus de Piracicaba. A única diferença: os idiomas inglês e hindu e com outros instrumentos musicais. Foi um Natal exótico, mas que muito me mostrou sobre respeito e tolerância.

Na saída a sensação de paz de espírito rapidamente foi-se embora: caos total. A rua e a calçada totalmente tomadas por pobres, deficientes, mutilados, doentes pedindo esmolas, nos seguindo e ainda mais carros e muita, muita gente até perder de vista. A fila já tinha triplicado de tamanho. Nessa confusão, não achávamos nosso motorista. Foram alguns minutos de tensão até que vimos alguém acenar e ir ao nosso encontro. Ufa!

Que prazer foi entrar no carro e me sentir abrigada e pronta para viajar, deixar a mente vagar pela estrada e curtir um pouco de silêncio e ar fresco. Doce ilusão. Acho que em todo o percurso não ficamos nem uns 3 minutos sem ouvir o som de buzina. Na saída de Delhi, a coisa era ainda mais impressionante: buzinas de todos os sons possíveis, juntas, a cada segundo.

A paisagem bastante peculiar foi se alternando o percurso todo: carro-de-boi, carreta, vacas na pista, bicicleta, procissão, riquixás e auto-riquixás, caminhões levando dezenas de camponeses apinhados, vielas, mercados. E tudo de novo, e de novo e de novo por quase todo o nosso percurso para Rishikesh.

Nada de silêncio ou tranquilidade: pista simples com os mais diversos obstáculos possíveis (vacas, cachorros, cabras e pessoas "se jogando" nos carros para atravessar a pista) e ultrapassagens perigosas para nossos padrões ocidentais de direção defensiva. A cada uma delas, a sensação era de batida iminente. No caminho, também muitas feiras, montadas na beira da pista, com as frutas, legumes e os mais variados produtos expostos no chão e as pessoas comprando agachadas ao lado das vacas, das cabras, dos cachorros.

Mas, o mais fatídico disso tudo foi descobrir que o inglês básico de nosso motorista era sim a ausência total do conhecimento do idioma. Queríamos parar para almoçar e nada dele entender. E quando, depois de 8 horas de viagem, percebemos que estávamos perdidos? Tentávamos conversar com ele, pedir para ele parar e perguntar na rua, ou então, telefonar. E nada...

Depois de muito estresse e de uma viagem de quase 9 horas (quando pegamos o táxi o tempo estimado era de 5h), chegamos em nosso hotel na frente do Ganges e esperamos por uma noite tranqüila. Nada. Crianças correndo e gritando nos corredores, famílias levantando de madrugada para rezar e fazendo muito barulho, funcionários do hotel falando muito algo e correndo de um lado para o outro com bagagens. Nesse momento descobrimos que na Índia, o silêncio, por incrível que pareça, é artigo raro.

Passamos os dois dias seguintes conhecendo a beleza natural e a espiritual de Rishikesh. A cidade está localizada na parte limpa do Ganges e tem um visual muito bonito. Muita natureza, muito verde, o rio bem marcante e duas pontes fazendo a ligação entre as duas partes da cidade, divididas pela água.

O aspecto religioso do lugar faz com que a cidade seja morada de inúmeros sãdhus, pessoas consideradas santas e que abdicam das posses materiais para se dedicar ao estudo dos textos sagrados indianos e, através da meditação, atingir a iluminação. Pelas ruas de Rishikesh lá estão eles com seus trajes laranjas, sentados e segurando um recipiente de metal para receberem doações de comida ou dinheiro, fazendo penitências/metras (como um senhor amarrado com pesadas correntes e cadeados e totalmente sem roupa). Seus cabelos são longos, pois não os podem cortar, as roupas e os pés bastante sujos e os olhos fixos como a procurar por algo. Muitos são esqueléticos como faquires, outros evidentemente doentes e precisando de ajuda. Lembrei-me bastante do livro Sidharta, do Herman Hesse, que por aqui esta sempre na vitrine de qualquer livraria.



Rishikesh também é muito famosa por seus ashrams, complexos criados principalmente nos anos 60 com foco em meditação, retiro espiritual e prática de yoga. O grande destaque, sem dúvida, é o "ashram dos Beatles", criado por Maharishi Mahesh e hoje parcialmente abandonado. Ainda assim, há na cidade muitos estrangeiros fazendo cursos de yoga e convivendo intensamente com a realidade indiana e seus mistérios.

Os aspectos belos da cidade se contrasta com as mais diversas mazelas humanas. Porém, ali tudo se mistura e se dilui. O rio com os sadhus, os turistas, os iogues, as vacas, os templos, os cachorros, as cabras, os carros, os sinos, as buzinas, os doentes, os macacos, a purificação no rio e os rituais diários. A religiosidade junto com o profano, com a miséria, com as mazelas, com a natureza. Tudo isso em palco aberto.

Diante desse cenário pesado para os olhos de uma recém-chegada na Índia, dois fatos foram bastante engraçados e tornaram o ambiente mais leve. Rimos. Fiquei encantada com os inúmeros macaquinhos de Rishikesh, muitos pequeninos presos às mães. Achava que eles seriam 100% inofensivos até que vimos um deles surrupiar o lanche de uma criança que estava de mãos dadas com a mãe. Tudo foi tão rápido que demorou para a criança entender e aí começar o berreiro. A outra aconteceu quando estávamos cruzando a ponte. Estávamos no começo do percurso quando uma vaca daquelas bem grandes entrou na ponte atrás de mim com seus chifres imensos. Comecei a andar mais rápido e olhei para trás. Vi a vaca acompanhada por pessoas ao seu lado, na frente e atrás, motinhos pedindo passagem com suas buzinas, sadhus, famílias de peregrinos e também vários macacos pendurados pelas cordas de aço da ponte. Tanta coisa junta que por minutos fiquei tonta e senti a ponte se desfazer. Certamente essa não seria a primeira e nem a última vez que a Índia me deixaria sem chão.

Voltamos para Delhi no dia 27, depois de outras quase 9 horas de viagem. Mas ainda era tempo de receber um convite: jantar na casa do Bilal, um indiano muito atencioso que está nos ajudando com a viagem. Por mais que estivéssemos cansados, não dava para negar essa gentileza. E a experiência foi bem interessante.

Depois de umas duas horas conversando sobre a Índia, os conflitos na região da Cachemira, vendo Mr. Bean na TV, ouvindo música, sentamos para comer. A comida foi posta em cima de uma toalha sob o tapete e fomos convidados a comer com as mãos. Frango assado bem apimentado, arroz, lentilhas e naam (pão) com alho. Até que não foi tão difícil assim: o pão acaba servindo de apoio e também de guardanapo. Fora a pimenta do frango, muito forte para nosso paladar, tudo estava bem gostoso. Não sobrou nada.

Achamos que agora o dia longo finalmente teria acabado e nada... Outra experiência: ir para o hotel de riquixá, pois os táxis queriam cobrar o olho da cara e o Bilal achou um ultraje. Foram quase 30 minutos no riquixá, pois a casa dele fica bem afastada do centro, um vento frio no rosto e um motorista bem introspectivo, que também pouco falava inglês e que também se perdeu no meio da "boca-do-lixo" de Delhi.

Ih... já vimos esse filme. Seria essa a trajetória da Índia: circular?

## Agra - 29/12

### Índia

Fernando Naigeborin



Uma foto "romântica" para um lugar romântico

Ao contrário da interminável jornada de carro entre Delhi e Rishikesh, a viagem para Agra foi tranqüila, sem grandes sobressaltos. Se antes a rodovia subsistia de apenas uma tímida faixa onde revezavam carros de um lado e de outro (por carros leia-se tudo aquilo que pode se locomover, como tratores, motocas, riquixás, vacas, búfalos... até andarilhos ascetas), serpenteava cidades e vilas e margeava crateras, agora estávamos em uma rodovia nova, com três faixas bem assinaladas, que alternavam duas para uma direção e a terceira para o destino inverso. afinal, além de ligar duas grandes e importantes cidades indianas, a nova rodovia também é vital para a demanda de turistas que vem do mundo todo só para ver o Taj Mahal.

Mas a viagem também teve outro sabor por conta do nosso novo motorista (o nome dele eu fico devendo... é impronunciável e não deu para guardar). Depois da experiência de andar com um motorista que não entendia uma palavra de inglês, pedimos ao Bilal que nos fornecesse um que também tivesse esta habilidade, afinal tínhamos pela frente quase duas semanas de pé na estrada. A reclamação deu resultado: além de ser fluente em inglês, o nosso motó (vou chamar ele assim) era um senhor grisalho e sereno, de uma personalidade paternal e amistosa. Pelo jeito suave que conduzia pelo caos do trânsito das ruas de Delhi parecia ser bem experiente (disse que levava turistas ao Rajastão há mais de quinze anos) e bem consciente de cada percurso da viagem. Isso significava que ele sabia onde parar para comermos comida indiana barata e limpa (e com não tanta pimenta), além de saber sempre o mínimo necessário sobre a paisagem que inundava nosso campo de visão. Ah, e sabia que para ocidentais, como eu e a Marília, músicas modernas indianas em alto e bom som podem cansar e, ah, buzinar não é assim tão agradável.

Mas o grande destaque mesmo foi o carro do motó. Era um autêntico Ambassador, um carro que pelo pouco que pude intuir, é fabricado tal e qual desde os anos cinqüenta (para se ter uma idéia, até agora vimos apenas três tipos de automóveis por aqui: o tal Ambassador, que é um fusca, mas de luxo, o Indica, que é um carro meio gol, meio lata, e o Mahindra, o único utilitário daqui. Todos são da Tata, um mega-conglomerado indiano que fabrica de computadores a aço, passando por celulares e carros. Tirando um ou outro carro oficial, não há importados... Até lembrei do tempo que era assim no Brasil).

O que interessa mesmo é que o Ambassador branco e decorado com imagens de divindades hindus no volante e acima do painel é super confortável, acarpetado até o forro, mais alto do que os outros carros, e roda macio a impensáveis sessenta por hora.

Passamos por imensas plantações de flores amarelas. Quando suscitei tirar uma foto, o nosso dileto motó soltou em bom inglês: "mustard fields, sir". Sir, eu? Que luxo...

Bom, chega de falar do percurso porque os textos da Índia estão ficando tão grandes e rocambolescos quanto a complexidade de humores que estou alterando esses dias...

Chegamos em Agra na hora marcada, com o oficial "Welcome to Agra" proferido pelo motô. Antes de ir para o espetáculo principal, paramos no mausoléu de Akbar, cercado de muito verde e macacos, pássaros, veados e outros bichos soltos pelo enorme terreno dentro das muralhas da mesquita que guarda seu túmulo. Akbar foi o mais importante e mais longo imperador da dinastia Mughal, tribo guerreira islâmica que saiu do Afeganistão, conquistou e governou boa parte do que hoje é Índia e Paquistão entre os séculos XVI e XVIII e fez de Agra sua capital.

E às quatro da tarde já estávamos na porta de entrada do Taj Mahal, a oitava maravilha do mundo. E filas quilométricas de homens para um lado e mulheres para o outro até onde a vista alcançava. Oquei, eu sabia que eu não seríamos os únicos a ter a brilhante idéia de visitar o Taj Mahal. Mas a fila...

Não demorou nem cinco minutos para sacar que a fila das mulheres andava a um por hora. E a dos homens, nem isso. E no meio da multidão a Marília desapareceu, com a promessa de encontrar comigo logo depois da porta de entrada.

Enquanto esperava, comecei a ouvir as conversas que se formavam na linha de gente em frente e atrás de mim. Cada história... Um australiano tinha feito uma viagem de ônibus de 450km em 21h (quando comprou a passagem, foi informado que a viagem seria feita em sete, porque a estrada não era tão boa). Outro estava dormindo em Jaipur numa pocilga que cobrava três dólares pelo quarto e mais um pela cama (como?!). Mas à parte dos malucos que vem para cá para ver o quanto agüentam de desconforto, a maioria era gente normal, compartilhando suas experiências "pitorescas" na viagem pela Índia em uma espécie de terapia de grupo. A conversa era boa e franca e até achei um americano que tinha morado em São Paulo na infância e falava bom português. Mas já eram cinco da tarde, o sol começava a minguar e nada de entrar.

Como queria ver o Taj branco, depois vermelho e depois azul (é assim que o guia descreve a sensação de visitar o monumento no pôr-do-sol), comecei a ficar preocupado. Não só eu, evidentemente. A fila toda da macharada começou a chiar e ameaçar o clima impermanente de ahimsa (a não violência propagada por Gandhi).

No fim, o americano-brasuca arrumou um jeitinho com um guia. E eu coleí nele e passei a entrada do portão principal com o relógio cravando cinco e quinze. A Marília, tadinha, estava ali, de guarda, me procurando e preocupada comigo. Ela foi e voltou rapidinho para ver o Taj Mahal branquinho antes de mim. Ainda bem.

O sol já estava tão baixo que todo o mármore branco da construção estava azul claro. O mar de gente era alucinante e não dava nem para parar um minuto para apreciar com calma a beleza do lugar. O jeito foi seguir a fila de gente que andava nervosa que nem formiga, em busca da melhor foto.

E vinte mínimos minutos trouxeram o breu e findaram o passeio ao monumento ao amor mais famoso do mundo, a obra de arte que o imperador Shah Jahan (neto do Akbar) fez à sua amada segunda esposa, Mumtaz Mahal, quando esta faleceu dando à luz seu décimo sexto filho.

Mesmo assim valeu a pena. O lugar é sim incrível, todo decorado com pedras preciosas, mármore talhados em abstratas geometrias e a construção, como um todo, simétrica, atemporal, de cair o queixo. Como bem disse o americano-brasuca que me salvou e que me pediu para traduzir em português, "one of a kind". Voltamos para o teto acolchoado do Ambassador. Direto para o hotel.

No dia seguinte voltamos ao centro de Agra para ver o forte da cidade, bem parecido (mas muito mais bonito) com o forte de Delhi e seguimos em direção à Fatehpur Sikri, hoje apenas as ruínas de uma cidade fantasma que foi a capital Mughal antes de Agra. E de lá seguimos nosso percurso o próximo capítulo da nossa jornada: Jaipur.

## Jaipur - 30/12

### Índia

Fernando Naigeborin



A frente do enorme e infotografável  
Hawa Mahal



Menino faz como rezava a lei: vê o mundo  
sem ser visto.

"Welcome to Jaipur, the pink city", foi o que ouvimos do motó ainda no anel de entrada da cidade, completamente tomado pelo já conhecido caos do trânsito indiano. Ah, a única grande novidade no circo das ruas é o aparecimento de camelos, andando por aí, soltos ou puxando carrinhos cheios de mantimentos...

Segundo a leitura que fiz do guia (sabe como é, tanto tempo na estrada...), Jaipur é a capital do estado do Rajastão, um naco de terra grande, bastante agrário e cheio de história que só se anexou à Índia depois da independência do país. Antes disso, era um amontoado de cidades-estado, cada uma governada por uma família de marajás e cada qual com palácios fortificados e coloridos em meio à histórica miséria do povo.

Jaipur, então, além de ser hoje a capital, é a cidade rosa. O que isso quer dizer? Que houve uma época em que a cidade inteira (ou quase, vai) foi pintada de um tom rosa-alaranjado (é

mais para o laranja, para ser sincero). Por quê? Porque esta é a cor da hospitalidade e o marajá que mandava na época resolveu que isso era o que a cidade deveria fazer para receber o então príncipe de Gales, depois coroado rei da Inglaterra. Ah, só para registrar e fazer valer o tempo de leitura do guia, isso aí foi em 1876.

Mas a Jaipur de hoje é muito maior que o antigo centro envolto em muralhas pesadas e todas as cores preenchem os espaços deixados pelo rosa-alaranjado-desbotado de algumas construções antigas que permanecem firmes e fortes ainda hoje.

Mesmo assim, a cidade antiga abriga a maioria dos pontos de interesse para o turista, o que torna o passeio a pé uma necessidade. É lógico que é sempre melhor caminhar e ver o que a cidade tem a oferecer, se misturar às pessoas... Mas simplesmente andar não parece ser possível aqui na Índia. O negócio então é aceitar o desafio do percurso como parte da experiência. Vem muita gente de toda a parte, muito mendigo, muito curioso, muito vendedor (de tudo aquilo que você puder imaginar), muito bicho, muito cheiro, muita sujeira, muito trânsito, muito barulho. Você não imagina a dificuldade que é andar em linha reta (ah, não tem calçada, caminha-se quase sempre no meio da rua...). Mas de vez em quando alguém sorri um sorriso tão aberto e generoso que todo o esforço em não xingar aqui e ali é recompensado. Fora isso, mais uma novidade no cenário: a maioria das cabeças aqui é coberta por panos. As mulheres, com lenços e véus. Os homens, com maravilhosos turbantes a emoldurar sua existência como uma cereja no bolo.

Mas voltando aos pontos turísticos. Visitamos o palácio do marajá de Jaipur, construído, reconstruído, reformado e ampliado até os dias de hoje. Fomos também checar o observatório astronômico de Jantar Mantar, o principal da coleção particular do marajá Jai Singh II, que fundou a cidade de Jaipur. Segundo a lenda, ele era tão bom com a espada quanto com os incríveis e bizarros aparelhos de medição construídos para medir a posição dos astros, calcular eclipses e outros fenômenos do zodíaco relacionados a astronomia e astrologia.

Aliás, astrologia é um troço tão sério aqui na Índia que ainda existem os astrólogos oficiais do governo que ditam as melhores datas para inaugurar obras, fazer viagens oficiais e por aí vai.

Mas para mim o que mais marcou a nossa estada em Jaipur foi mesmo o Hawa Mahal, uma construção fabulosa criada com o intuito de permitir às mulheres da corte dos marajás a vista do mundo lá fora que era inacessível à sua condição de mulheres nobres e reclusas.

Assim, a fachada desse imenso palácio em forma de uma colméia surrealista é talhada com uma miríade de pequeníssimas janelas emolduradas pelo melhor da arquitetura indiana e que conseguiam revelar a olhos ávidos e curiosos o cotidiano da cidade, da vida que fluía por ruas e bazares.

Ah, por falar em bazares, Jaipur é o lugar para compras. São tantos e tão específicos os bazares que há quadras inteiras para tecidos, outras para jóias, outras para perfumes e continua... Tudo lindo, barato e com a diversão extra de ficar ali brincando de brigar pelo preço, barganhando...

Para encerrar, só mais um minuto falando das mumunhas de viajar pela Índia: o nosso dileto motó apareceu ontem de noite no hotel, depois do "expediente" para dizer que seu pai estava no hospital, muito mal. E foi embora, nos deixando com o primeiro taxista que encontrou disponível para nos bem servir... O cidadão, coitado, deve ter ficado contente com a possibilidade de sair do dia-a-dia apertado de Jaipur e levar turistas para passear pelo Rajastão, mas o inglês dele é zero...

E dá-lhe ligar amanhã, dia 31 de dezembro para o meu amigo Bilal achar outro motó à altura do nosso... No meio da viagem e já longe de Delhi. Tava tudo tão bom. Ó, vida, ó, saco, ó azar...

## Pushkar - 01/01

### Índia

Marília Barrichello Naigeborin



Cenas de rua na agradável cidade de Pushkar



Atrás do trio elétrico sikh só não vai quem já morreu...

Pushkar caiu como uma luva quando planejamos nossa viagem pela Índia... Queríamos uma cidade mais pacata e tranqüila para passar o Reveillon. Como a cidade ainda fica no caminho para o Rajastão, a escolha foi definitiva.

A viagem foi bem mais tranqüila e mais curta que as últimas. Depois da troca da guarda com o novo motorista (foi meio chato ficar discutindo pelo telefone mas no fim tudo deu certo) os habituais percalços da estrada tornaram-se menos intensos e problemáticos. A velocidade média subiu para uns 60km e, fora alguns trechos onde a pista virava apenas uma para ir e voltar e os caminhos de feira, nenhuma grande surpresa.

Chegamos em Pushkar perto da hora do almoço e a primeira coisa a fazer foi nos acomodar no hotel, já previamente reservado. No meio do caminho, no entanto, o motorista sugeriu que ficássemos em um outro hotel que, segundo ele era muito melhor, mais bonito e agradável. Como por aqui é bom sempre andar com o pé atrás, agradecemos a sugestão e pedimos para ver os dois hotéis para, aí sim, definir a melhor opção.

Até onde sabíamos, nossa acomodação em Pushkar seria numa espécie de tenda no meio do deserto que circunda a cidade. O Bilal havia vendido o local muito bem, dizendo que, além da aventura de ficar em uma tenda, também teríamos bastante conforto, banheiro, cama boa. Mas, ao chegarmos lá, problemas: o portão de acesso à área das tendas estava fechado e elas nem sequer estavam montadas.

Convencidos, partimos, sem muita escolha, para o outro hotel. E aí sim veio a primeira ótima surpresa do dia. Um hotel lindo, estilo palacete, construído pelo marajá da região. Pelo mesmo preço da tenda ficaríamos instalados como rei e rainha num lugar lindo, com uma piscina limpíssima e gigante, jardins internos, muito verde, árvores e até um cachorro labrador bem bonachão. Para a gente já era um bom presságio de ano novo. Além de tudo, esse hotel é bem melhor localizado do que o outro: a poucos metros do centro, enquanto o outro, ficava numa área mais distante e que nos faria dependentes de condução.

Almoçamos comida vegetariana na frente da piscina sob um lindo céu azul. Pushkar é bastante tradicional na alimentação. Carne bovina é algo que não existe na Índia, pois as vacas são consideradas manifestações sagradas. Porém, normalmente é fácil encontrar peixe, cordeiro e frango. Em Pushkar, não, por se tratar de um local sagrado para religiosos e peregrinos de toda parte da Índia. Mas estava tudo tão saboroso: o paneer (queijo) com tomates, a torta folheada de legumes, o nan (pão), que nem percebemos que estava "faltando alguma coisa".

Logo depois, saímos para um primeiro reconhecimento na cidade. E que sensação boa. Pushkar é muito mais amigável para o transeunte. Nada de malabarismos para atravessar as ruas e nada de multidões se batendo para se locomover. Pela primeira vez na Índia pudemos andar mais livremente, observar as coisas com parcimônia.

É curioso, no entanto, notar que os mesmos traços da Índia continuam nessa pequena cidade de quase 15 mil habitantes: as vacas, as pessoas fazendo suas necessidades nas ruas, os lixos a céu aberto e uma certa desorganização geral. Porém aqui, tudo é em menor escala, o que torna mais fácil a interação com o espaço.

Sem ficarmos aturdidos ou com dor-de-cabeça pudemos percorrer todo o centro da cidade, o lago construído e que abriga vários templos ao seu redor e pela primeira vez observamos criteriosamente um bazar. Quanta coisa linda: bolsas, calças e saias de seda, batas as mais variadas possível, pashminas lindas, bonecos marionetes, móveis de elefantinhos, jóias e bijuterias, roupas tradicionais do Rajastão (como as saias longas com espelinhos) e também ao estilo moderno indiano. Certo que o foco de nossa viagem passa bem longe pelo consumo, mas aqui tem sido bastante tentador pois existem coisas lindas e a preços realmente acessíveis.

A cidade é turística, mas na medida certa. Fica evidente, no entanto, que muitos turistas chegam e acabam ficando e até assumindo um visual indiano: mulheres de saris e homens de pantalonas e sandálias. É fato que vimos muita gente largada e aproveitando da facilidade e quase liberalidade "religiosa" de drogas como a maconha e o haxixe. Dentre os tantos que ficaram, a grande maioria é de israelenses. Na grande maioria dos restaurantes, das lojas, das vendinhas, os textos estão em hindu e em hebraico. E, andando pelas ruas, até judeus religiosos, de preto da cabeça aos pés, vimos - tentando, ao que nos pareceu, trazer essas pessoas de volta.

Na beira do lago tiramos uma foto histórica. Tem sido normal as pessoas pedirem para nos fotografar, mas nesse caso, era um grupo de travestis, todo alegre. Achei que o negócio era como Fê, mas não, eu também tinha que estar na foto. Aproveitamos e pedimos para um deles, ou delas, tirar uma foto para a gente também. Depois de nos despedirmos fomos olhar e que catástrofe! O enquadramento todo torto e cortado. Aqui, pessoal, câmera digital é artigo raro, de luxo!

Outra foto legal que tiramos - e essa foi no meio do bazar - foi de uma mãe e seu bebê. Como na Índia as pessoas nem sempre gostam de ser fotografadas, achamos que vale por bem e por educação sempre perguntar. A mãe sorridente e orgulhosa acenou positivamente com a

cabeça e eu comecei a brincar com o bebê em português. A foto serviu para registrar algo que já havíamos notado desde Delhi: bebês pequeninhos já com os olhos pintados de preto.

No dia seguinte aproveitamos para visitar uma cidade vizinha, chamada Ajmer, famosa pelo belíssimo templo vermelho (*Nasiyan temple*) e pela mesquita Dargah, importante centro de peregrinação por abrigar a tumba de um santo sufi. Fomos de táxi e em poucos minutos e muitos macacos chegamos. Como a rua da mesquita é fechada para carros, tínhamos de andar um trecho a pé. Eu já estava bem disfarçada: lenço cobrindo a cabeça, óculos escuros, calça preta e blusa de mangueira. Depois dos países muçulmanos que há havíamos estado, eu sabia da importância de estar minimamente dentro de um código de vestimenta. Fomos andando a pé na rua lotada de gente as mais diferentes possíveis e fazendo o possível para não chamar atenção. Já estávamos quase na frente da mesquita quando percebemos estar dentro de um grande evento e que nada tinha a ver com o bairro muçulmano que estávamos.

A Índia havia nos presenteado com uma das maiores e mais bonitas manifestações de cultura e religião que eu já havia visto: uma grande procissão de sikhs, seguidores do sikhismo, religião criada na Índia pelo guru Nanak (a partir de 1469) e com fortes raízes na tradição religiosa do nordeste da Índia. Tudo ali tinha um motivo, um rito e um significado.

A começar pelos camelos que junto com os músicos abriam a procissão, passando pelos homens empunhando espadas e simulando um confronto, as mulheres com pequenas vassourinhas sem cabo varrendo o chão, o carro com os gurus serenos, mas com postura imponente. Também me lembro bem dos homens que jogavam pequenas pétalas amarelas nas pessoas que passavam e outros que distribuíam doces, chás e comida.

Ficamos ali um tempão observando e sendo observados. Fui descobrindo aos poucos, que pequenos gestos como movimentos de cabeça em sinal de respeito e aprovação, sorrisos, batidas com o pé no ritmo da música, eram bem vindos. E aí as pessoas retribuía, ficavam felizes e lisonjeadas. Não foram uma e nem duas fotos que tiramos com várias pessoas que ali estavam. Muitas nos dando o melhor ângulo para ver a procissão, nos dando sorrisos e olhares curiosos. E ali senti a mesma coisa boa do Natal: como a Índia acolhe fácil o estranho, o alheio, como é possível se sentir parte.

Depois de termos visto todas as "alas" fomos primeiro para a mesquita e depois para o templo vermelho jainista. Ficamos embasbacados com o que vimos: uma representação do mundo em forma de maquete dourada gigante, de acordo com os preceitos e a mitologia jainista. Elefantes alados, cisnes voadores, mosaicos, muito ouro, prata e pedras preciosas, recriação de templos e palácios e até uma manifestação de rua, como a de hoje, parecia haver.

Na volta para o carro, passamos por porcos, vacas, cachorros que se misturavam com as pessoas na rua fechada para a procissão. E nesse momento já nos sentíamos íntimos da festa. Recebemos chuva de pétalas só para a gente, vários garotos vieram apertar a mão do Fê, fizemos outras tantas fotos, as meninhas chegavam perto de mim e me seguiam, ficavam me olhando curiosas, o Fê cumprimentou o guru, que sorriu e pareceu ter gostado da sua barba cultivada há algumas semanas e dele também estar cobrindo a cabeça com um boné.

Voltamos para o hotel felizes e aí nos lembramos que era dia 31, véspera de ano novo. Até tentamos conseguir uma champagne ou vinho para o brinde, mas aí a recepcionista fez uma cara tão estranha, como se estivéssemos pedindo algo absurdo ou ilícito, que desistimos. Aqui na Índia o Ano Novo é celebrado em outra data, assim, dia 31 é um dia normal, sem nenhum tipo de comemoração.

Nosso jantar foi cedo, simples, mas muito gostoso - fora a falta da família, que nessas ocasiões bate forte. Lembrei de pedir dahl, as famosas lentilhas, muito bem preparadas na Índia, que, segundo minha tia Guigui e minha mãe, dão sorte. Lá pelas 10 estávamos no jardim, olhando o céu e as estrelas, ansiosos pela chegada do novo ano. Porém, depois de alguns minutos o frio começou a incomodar e aí vimos que seria difícil esperar o ano novo ali, ao relento.

Subimos para o quarto e de tão cansados que estávamos dormimos com a luz acesa, que não consegui nos manter acordados. Até que repentinamente meu sono leve se despertou com um rojão tímido e solitário. Olhei o relógio e já passava da meia-noite. Fiquei feliz! Desejei um feliz Ano Novo para o Fê, que balbuciou algo. Apaguei a luz e voltamos a dormir.

E foi assim que 2007 chegou: manso e sereno dentro de um sono, ou melhor, dentro de um sonho, e não qualquer um, nosso maior sonho. Agora em Pushkar.



## Bikaner - 03/01

### Índia

Marília Barrichello Naigeborin



Eu e meus amigos ratos, tête-a-tête



Tudo aqui parece funcionar no fio do bigode

Continuamos descobrindo a Índia com paciência e com o coração aberto, pois a realidade aqui é bem mais complexa que os demais países visitados. Porém é incrível a rapidez com que momentos indigestos e difíceis se entremeiam com situações prazerosas e inusitadas, que até parecem inventadas para um livro de histórias.

Assim foi nosso dia de hoje em Bikaner. Dia espetacular, que certamente daria um bom filme!

Sáímos cedo de Pushkar, com previsão de nos alojarmos em Bikaner perto da hora do almoço. Lá ficaríamos apenas uma noite, tempo suficiente para ver o forte da cidade e descansar para o dia seguinte, dia de longa estrada até a próxima parada importante, Jaisalmer.

No caminho, já a uma hora de Bikaner, paramos em uma cidade chamada Deshnok para conhecer o Templo de Karni Mata. Já conhecemos alguns templos hinduístas, porém esse tem um apelo bastante diferenciado, exótico e para a gente um tanto quanto bizarro. Esse templo é também mais comumente conhecido como templo dos ratos. Isso mesmo, ratos. Mais de mil ratos, vivos e soltos por entre os saguões, as salas e oratórios, sendo venerados, cuidados e alimentados.

A história desse templo é mitológica, assim como muito da religião Hinduísta. Diz a lenda que Karni Mata, encarnação da divindade Durga, pediu a Yama, Deus da morte, para ressuscitar o filho de um contador de histórias. Como Yama se negou a fazer isso, Karni Mata reencarnou todos os contadores de histórias como ratos, privando assim, o Deus da Morte de ter almas humanas.

Eu (e acho que a grande maioria das mulheres), que tenho horror a ratos, para mim muito ligados a sujeira e doença, tive que me preparar psicologicamente para a ocasião. Mais ainda para o fato de alguns deles tráfegarem sobre meus pés, já que nesse templo, assim como todos os outros hinduístas, é lei tirar os sapatos para entrar.

A boa notícia é que poderíamos ficar com as meias. Então resolvemos, por puro conforto psicológico, colocar duas meias. Entramos e, como vem se tornando rotina na Índia, fomos muito bem recebidos pelos locais. Como já era de se esperar, vimos muitos ratos espalhados pelo chão, tomando leite em varias tigelas de metal e passeando totalmente livres e donos de si pelo mármore branco do templo.

No começo eu estava muito mais ligada no chão do que no próprio lugar. Não queria pisar nas sujeiras dos ratos e nem queria nenhum deles sob meus pés. Uma exceção, a muito custo, seria feita apenas para o lendário rato branco, segundo os indianos uma espécie raríssima que traz muita boa sorte para quem o vir.

Passado o desconforto inicial, comecei a me sentir muito bem no local. Ao ver os indianos entoando suas preces, descalços e inclusive fazendo reverências e beijando o chão sagrado, consegui abstrair todo o repertório que a palavra "rato" evocava em meu cérebro e sim senti uma energia muito boa.

As canções entoadas, o rosto sorridente dos devotos vestindo roupas tradicionais e que pareciam ter vindo de longe, as conversas alegres e com poucas palavras com as crianças e as tradicionais fotos com filhos, pais, casais. Saí feliz e, mesmo sem ter visto o rato branco, me senti levando boas energias do local.

Cerca de uma hora depois estávamos alojados no hotel e aí vimos em um dos folhetos sobre a mesa que estava acontecendo na cidade o maior e mais importante evento do ano, que dura apenas dois dias: a feira de Camelos de Bikaner. E não é que chegamos no dia certo?

Subimos para o quarto e nos preparamos para descer, quando sentimos um vento muito gelado. Procurando, vimos um furo no canto da parede escondido por detrás da cortina. Aqui temos aprendido a ficar atentos a detalhes considerados "default", como papel higiênico, descarga funcionando ou água quente no banheiro. Assim, logo que descobrimos o rombo, pedimos para trocar de quarto, solicitação atendida sem problemas. Almoçamos rápido e decidimos trocar os passeios previstos na cidade pela Feira dos Camelos, pois essa parecia algo muito mais interessante e especial.

E a tarde transcorreu-se maravilhosamente bem. Quantos momentos ricos presenciamos nessa grande coincidência!

Começou com a competição do camelo mais bem decorado: com espelhos, tapetes, piercings, jóias. Depois foi a hora da arte na tosquia de camelos: verdadeiros quadros, mosaicos, desenhos de animais, homens e mulheres na pelagem desses camelos, provavelmente valiosíssimos.

Passada a etapa camelos, foi a vez do concurso do homem com o bigode mais bonito, o *mister moustache*. Ai, parecia um elenco de casting para filmes do tipo Indiana Jones. Homens grandes, troncudos, com feições bem marcadas e bigodes gigantes e em diferentes "modelagens". Compridos que viram para cima, barba e bigode emendados, costeleta e bigodes enormes.

Também vimos música e danças típicas do Rajastão. Muito graciosas e com vestidos fluidos, as mulheres rodavam, rodopiavam varias vezes fora do centro do corpo e numa velocidade fantástica, giravam de mãos dadas até dizer que chega, faziam movimentos lindos de pescoço e quadril. Impressionante a delicadeza! O Fê estava mais à frente que eu, quase colado ao palco para fotografar melhor. Quando ele foi ao meu encontro, veio o espanto. "Sabe elas?" - ele disse - "são eles" .

No final da tarde, a atração mais esperada pelos homens de plantão: o concurso de miss. Meninas lindas com saris típicos, maravilhosos, vários piercings imensos, henna nas mãos, véus todos bordados, brilhos por toda a parte que se apresentavam no microfone e depois

desfilavam para a animada platéia. O visual, um show, e a produção, de deixar qualquer noiva que conhecemos no chinelo!

Já eram seis da tarde quando o evento terminou. Estávamos nos preparando para voltarmos ao hotel quando uns dois indianos puxaram papo com a gente. Ah, esqueci de mencionar que no intervalo entre um concurso e outro demos até entrevista para a televisão indiana. Bom, mas voltando a nossa conversa de fim de evento.... Quando fomos ver já eram uns 15 indianos juntos nos bombardeando de perguntas e assuntos desconexos, todos falando ao mesmo tempo e às vezes em um inglês que requer muito esforço para entender.

De onde vem? Casados? Filhos? Profissão? Seu pai faz o quê? E sua mãe? Você quer ser dona de casa? Gosta da cultura indiana? Para o Fê, as perguntas também eram as mais variadas possíveis, desde as previsíveis: Gosta do Ronaldo? Joga bem futebol? Até as mais engraçadas: O que você faz para manter esse corpo? Como é mesmo o nome daquele filme de Hollywood que você fez? Há????

E para a gente, Hollywood, ou melhor, Bollywood era ali. E com B, mesmo. B de Bikaner!

## Jaisalmer, Jodhpur e Udaipur - 07/01

### Índia

Fernando Naigeborin



Tudo acontece dentro destas paredes.



A paisagem de Udaipur vai pro trono ou não vai?

Então nossa viagem de carro pelo Rajastão começou a tomar corpo e virar cotidiano para nós. É claro que todo dia seguíamos um protocolo mais ou menos parecido e, às vezes, um tanto quanto penoso: acordar bem cedo, fechar a mochila, tomar café (quem me conhece bem sabe, não sou de reclamar de comida, mas café da manhã em hotelzinho na Índia é realmente para iniciados no assunto), enfrentar horas de estrada ouvindo as mesma três fitas cassete do nosso novo motó e aí sim, chegar em um lugar magistral, especial e tal.

E os dias foram passando e revelando as belezas das paisagens que se delineavam no horizonte, mostrando a cicatriz entre o Rajastão verde e agrário e o início do deserto de Thar, que divide esta parte da Índia com o vizinho Paquistão.

Primeiro aportamos em Jaisalmer, antigo entreposto no meio do deserto famoso por hospedar as caravanas de mercadores que saíam principalmente da China e se dirigiam aos mercados do Oriente Médio e da Europa (é interessante pensar que lá no início da nossa viagem, em pontos remotos da Turquia, nos maravilhamos também com outros pousos e paragens para esses mesmos comerciantes da lendária rota da seda.

Para nós, com trens, ônibus e aviões, foram meses para chegar aqui... Vimos muita coisa diferente, muitas culturas, muitos jeitos de ver a vida (e olha que estamos no século XXI, em um mundo cada vez mais globalizado). Imagino o quanto estes mercadores camelavam, literalmente, no lombo de seus animais de carga para chegar até seu destino final). enfim, apenas uma divagação...

Voltando a Jaisalmer: com a ampliação das rotas de navegação no fim da idade média a cidade começou a perder sua principal fonte de renda: os impostos pagos por tais viajantes, que além de pouso, tinham ainda garantidos alimentos, água e segurança enquanto ficavam por aqui. Assim, Jaisalmer foi contraindo até quase ser drenada pelo deserto que a rodeia e que empresta seus tons de areia para a cidade (assim como Jerusalém, todas as construções antigas foram feitas com o mesmo tipo de material, uma rocha bege, quase dourada, que vem do deserto Thar).

E, à míngua, no meio do nada, a cidade ficou conservada pelo calor desumano de quase quarenta graus (a média no verão expandido daqui) até que foi novamente descoberta, primeiro pelo exército, que plantou na região uma base estrategicamente próxima da tensa fronteira com o Paquistão, e depois pelo turismo, que fincou sua bandeira por aqui e hoje responde por uma das maiores contradições desta indústria... Afinal, das vinte e cinco mil pessoas que habitam o centro murado da cidade histórica, a grande maioria tira seu sustento direta ou indiretamente das hordas de mochileiros e viajantes que vem para cá. Assim sendo, boa parte das casas históricas hoje são pensões, hotéis, restaurantes, agências de turismo e lojas, muitas lojas, que bombeiam uma quantidade de água por dutos e encanamentos de mais de trezentos anos. Conseqüência: a cidade é protagonista da lista dos cem monumentos em maior perigo no mundo.

Mas o que realmente interessa para quem vem aqui é a beleza do lugar. A cidade antiga é inteira cercada por muralhas que conectam noventa e nove bastiões de guarda. A arquitetura militar da época, meados do século XII é maravilhosa e está em perfeito estado. Não sei se é loucura nossa, mas no mesmo momento que avistamos o forte (a cidade antiga) lembramos das medinas da Tunísia, construídas em época semelhante, por tribos guerreiras muçulmanas, talvez parecidas com as que se instalaram nesta região.

Dentro da cidade, várias construções se destacam, como templos jainistas integralmente esculpidos na rocha com uma precisão cirúrgica e dezenas de "havelis", palacetes de gente nobre e/ou rica que fazia da fachada de suas casas verdadeiras obras de arte.

Mas há outros motivos que tornam Jaisalmer uma meca para o turismo no Rajastão: as estreitas e labirínticas ruas do centro histórico são fechadas para carros (mas infelizmente não para motocicletas, riquixás e vacas!), há uma meia dúzia de restaurantes italianos (todos geridos por famílias indianas e... curiosamente com exatamente o mesmo cardápio) e ainda há o deserto lá fora, oferecendo a possibilidade de imersão no nada em safáris de camelos.

Andar a pé, a gente andou pacas (e agradeceu cada minuto sem buzina). Comer pizza com queijo paneer (o queijo coalho indiano) e espaguete com catchup picante, a gente comeu de joelhos... Agora, enfrentar mais um rolê de camelo por aí, ah, isso a gente passou.

De Jaisalmer seguimos viagem para Jodhpur, a cidade azul. A cor preenche boa parcela das paredes das casas do centro da cidade e tem função dupla: em teoria é a cor que simboliza a amizade, fato que fez um Marajá no passado decretar a pintura de todas as paredes da cidade para receber a visita esporádica de um príncipe de Gales, depois coroado rei da Inglaterra. mas na prática, a explicação mais convincente é que a cor age como um repelente natural contra mosquitos e mutucas em geral.

Tirando sua faceta anil, Jodhpur é mais uma típica grande-cidade-estado-de-marajá indiana: há o sensacional forte de Meherengarh no centro e no topo de tudo, murado e completamente

tomado por uma constelação de palácios constantemente ampliados e restaurados. Lá fora o caos e a miséria de sempre. Dentro, a família do marajá ainda mantém tudo impecavelmente tinindo graças à criação de uma fundação mantenedora de todos os bens da família real.

Por fim, há ainda a última grande obra do mecenato Rajput, um palácio que hoje virou hotel. O imensamente gigante Umaid Bhawan Palace foi construído na década de cinquenta e é uma interessante fusão da opulência indiana com as linhas retas e diretas de um arquiteto inglês. Mas, como todo excesso tem seu preço, hoje uma cadeia de hotéis cinco estrelas gerencia o negócio. Ainda assim, em um dos majestosos cantos do hotel reside ocasionalmente o filho do marajá, um contumaz *bon vivant* que passa seus dias entre os paparicos oficiais e jogos de pólo em verdes campos da Inglaterra.

Seguindo o itinerário, saímos de Jodhpur e aterrissamos no nosso último destino dentro do Rajastão: Udaipur. Assim como todas as outras cidades, Udaipur também tem um forte, o City Palace, também tem outros monumentos erigidos por marajás endinheirados em meio à cidade, mas, diferentemente dos outros destinos antes visitados, tem lagos artificiais (também obras de marajás, diga-se a verdade) fabulosos e extremamente úteis quando se entende a posição geográfica da cidade. Além do sol inclemente, Udaipur fica na borda do deserto. Por isso mesmo a construção dos lagos é ainda mais fenomenal. São obras fantásticas da antiga engenharia indiana que ainda por cima emolduram todas as outras obras de arte destes mesmos mestres da construção.

O resultado é uma cidade aprazível, com muita gente caminhando na rua, atravessando as pontes que cortam as águas sob a brisa de um vento leve que não assobia, mas se faz ouvir. E a romântica idéia de passear pela Índia exótica que minha imaginação um dia criou enfim se tornou realidade para mim e para a Marília.

E para oficializar o momento dividimos nosso último pôr-do-sol no Rajastão assistindo o espetáculo em um boteco à beira das águas avermelhadas do lago Pichola, frente a frente com um palácio de sonhos, construído em uma ilha artificial e emoldurado pela bruma do fim do dia. Tudo isso regado a chá com leite e a vontade de ficar mais um instante.

## Goa - 11/01

### Índia

Fernando Naigeborin



Back to Bahia?



Não, estamos na Índia...

Da areia do deserto para a areia de Goa... Quanta diferença! aqui em Goa a Índia parece menos Índia. E parece mais Brasil. Acredita? É sério, não apenas por ter praias e palmeiras, mas também pela herança que os colonizadores portugueses deixaram por aqui.

Em Panaji, o centro atual e na velha Goa, a antiga capital lusa da Companhia das Índias, as evidências de um passado comum estão por toda parte. São dezenas de igrejas e mosteiros e um sem fim de casarios que parecem ter sido transplantados diretamente da Bahia para cá. Aliás, eles devem ter vindo junto com as mudas de palmeiras e coqueiros que deixam o verde daqui tão parecido com o nosso verde.

Até a culinária indiana daqui de alguma forma se aproxima da nossa: peixes e frutos do mar com um discreto leite de coco, muita pimenta e muito coentro... Familiar, não? Dá até para sentir o gosto da moqueca que povoa as praias do espírito santo e do nordeste do Brasil. Quem aprendeu com quem?

Na revista de bordo do avião que nos trouxe para cá, o repórter diz que Goa tem uma alma diferente, principalmente pelo jeito "sosegad" do povo local ser. É assim mesmo, quase certo

na escrita, que quem mora aqui se autodefine. Mas isso não é propaganda, não. É fácil perceber o jeito suave com que a mistura de indianos e portugueses leva a vida. De fato, aqui não tem correria, não tem buzinaço e nem tanta fome (tem muito peixe, muita terra boa e muito turista).

Mas aqui ainda é a Índia. Ocasionalmente uma vaca passeia na praia entre estrangeiros de sungas e biquínis e indianos de cuecas e anéis (e suas respectivas esposas de saris coloridos cobrindo quase todo o corpo). Tudo cheira a incenso e as feirinhas para turistas estão em toda a parte recheadas de esculturinhas de Ganeshas e outras divindades hindus.

Até onde consegui intuir, ninguém mais fala português por aqui (olha que eu tentei puxar papo com homem, mulher, criança, velho, policial...). Nem na música se percebe alguma coisa. É o subcontinente indiano com seu bilhão de cidadãos reflorestando a cultura local, deixando apenas sugestivos sobrenomes como o do motorista de riquixá que pegamos: Costa-Naikh.

À parte da frustração de não arranjarmos um interlocutor para falar, Goa nos proporcionou quatro longos dias com bons momentos de descanso, boas praias e o retorno do “sosegad” que habita em nós.

## Varanasi - 15/01

### Índia

Marília Barrichello Naigeborin



Varanasi: o melhor retrato da Índia multicolorida



Limpeza física e espiritual no poluído Ganges

Por conta do destino, ou melhor, da logística em conseguir hotel disponível no tempo certo, acabamos fechando a Índia com Varanasi. Também pelo mesmo motivo de conciliar acomodações versus rota, nossa primeira viagem a partir de Delhi foi para Rishikesh. O porque disso tudo? A interessante constatação de que começamos e terminamos nossa viagem no Ganges como a fechar um longo ciclo de quase um mês e infinitas questões e reflexões que certamente levarão muitos outros bons meses para serem digeridas.

A Índia demorou a se mostrar, cansou nosso físico e mais ainda nosso psicológico, mas ao chegar em Varanasi bateu uma sensação dúbia. Por um lado, emergiu um que de vitória, de missão cumprida: conseguimos! Fora umas poucas diarreias e dores de cabeça, passamos bem de saúde! Vimos tudo o que queríamos! sobrevivemos! Porém, por outro, tive a impressão de que agora que começávamos a nos acostumar com a Índia e todas as suas loucuras, já era hora de partir.

Depois da grande imersão diária que a Índia proporcionava a cada segundo, já me sentia mais preparada e fortalecida para conhecer Varanasi e seus ritos de vida e de morte que na beira do Ganges acontecem juntos e sem cerimônia.



Varanasi para mim foi o principal retrato da Índia sem começo e nem fim. Nesse lugar sagrado, reverenciado, tudo e todos se misturam. Público e privado, vida e morte, limpeza e sujeira, brincadeira e religião. Foi observando os gaths (as escadarias que margeiam o Ganges) que vi a Índia ainda mais colorida, multi-sensorial, sinestésica. Tantas coisas juntas, tantos sentimentos distintos e diferentes, tantos estímulos que por ora me sentia como que lendo um trecho de uma poesia, mas minutos depois me emocionando com um filme dramático, depois ouvindo um concerto e mais tarde contemplando uma instalação de arte contemporânea.

Homens cortando ou raspando os cabelos, mulheres escovando os dentes, mãos catando piolhos dos filhos, gente lavando roupas, lavando o corpo, raspando os pés nas pedras como a fazer uma esfoliação. Peregrinos de toda a Índia fazendo oferendas, rezas e mergulhando nas águas do rio sem pouco se importar com o altíssimo grau de poluição que assola suas águas.

E ao lado disso tudo, também os crematórios. Porque aqui, a morte também é tão normal e natural quanto a vida. Do barquinho que pegamos na beira do Ganges observamos a fogueira sendo acesa ao lado de um corpo coberto em cima de uma maca feita de bambus. A cremação no Ganges é tida como algo muito especial para o hindus, pois acredita-se que através dessa forma de ritual é possível parar o ciclo de reencarnações da alma.

Vimos pessoas bem velhinhas e doentes no avião, que certamente vieram para Varanasi a espera de uma morte tranqüila e um descanso eterno. Porém, segundo nosso barqueiro, a cremação no Ganges é algo também muito caro, o que a restringe às famílias mais ricas e influentes.

Esse retrato que poderia ser algo bastante traumático, é muito suavizado pela vida normal e colorida que acontece a poucos metros dali. Vida em quantidade. Pessoas, risos, sons, mergulhos, búfalos, crianças, sadhus. E vidas também por um fio: gente doente, crianças pobres e mal tratadas, pedintes famintos.

Mas hoje, era no fio da pipa que grande parte da vida acontecia em Varanasi. Quer coisa mais harmonizada com Varanasi do que as pipas fazendo a ligação entre céu e terra através de seu frágil, mas persistente fio?

Impossível contar as inúmeras pipas coloridas que pipocavam no céu empinadas por crianças, homens e mulheres de todas as idades estimulados pelo alegre Festival de Pipas de Varanasi. Pipas que subiam dos gaths, do chão das ruas, dos barquinhos no Ganges e de toda parte. Além de empinar, a diversão também era roubar a pipa alheia.

O passeio por Varanasi foi cheio de altos e baixos, de contradições, como a representar a própria Índia como um todo. Momentos inesquecíveis com sensações muito ruins de aflição, miséria e desconforto. Nosso dia de partida, foi para mim o maior exemplo disso tudo.

O Fê saiu do quarto bem cedo para dar mais um passeio pela margem do rio e eu resolvi ficar e dormir mais um pouco, pois estava com muita dor de cabeça. Como afinal partiríamos às 10 da manhã, me "perdoei" por esse tempinho na cama. Mas, minutos depois e muitas viradas de um lado e do outro, resolvi sair da cama e procurar o Fê e fazer uma surpresa. Coloquei roupa rapidinho e saí. Ele voltaria às 9:00 para o café da manhã e no momento que saí eram 8h30. Assim, tinha meia hora para localizar um homem loiro e alto no meio da multidão. Achei que seria tarefa fácil.

Ao chegar no gaht tive um susto: ainda mais gente que o habitual. Andei muito atenta e focada a encontrá-lo, tentando não me distrair com as milhares de coisas que aconteciam a cada canto em minha frente. Nada... Comecei a apressar o passo, a desviar da multidão, a esbarrar em um, em outro e de repente cheguei em um lugar vazio. Sem o menor sinal da presença dele, resolvi voltar. Frustrada...

Cheguei no hotel e lá estava ele sentado na recepção, pois a chave estava comigo. Ele estava bem calmo (achei que ele estaria super nervoso pois não havíamos combinado nada e como estava confiante em encontrá-lo, não deixei recado na recepção) e com um tikka na testa. O tikka é um símbolo carregado de bons fluidos e energias e foi oferecido a ele por uma senhora velhinha na melhor das intenções, ou seja, sem que ela tivesse cobrado por isso.

Da frustração veio a alegria. Fiquei feliz ao vê-lo com aquela marca vermelha na testa. Um verdadeiro indiano. Mas, na saída do hotel, de novo o caos. Pegamos as malas e começamos a andar em direção ao carro que nos levaria ao aeroporto que estava a uns 500 metros do lugar onde estávamos, fechado para carros.

Comecei a ficar estressada com o peso da mala, a multidão na rua, os cheiros, buzinas e de repente vejo alguém me chamar em uma lojinha. Reconheci o indiano, um rapaz simpático que havia me vendido uma saia e uma blusa para o Fê no dia anterior. Dia que também sai super feliz com as compras e triste por ter perdido dentro da loja uma presilha que a Beatriz, minha irmã, tinha me dado uns bons anos atrás. Expliquei para o vendedor que era algo sem o menor valor material, mas que tinha um significado especial para mim durante a viagem. Ele disse que tentaria achar e caso encontrasse levaria no hotel que estávamos hospedados, perto dali.

Quando ouvi a voz do homem, achei que era apenas para dar um alô e desejar uma boa viagem. Mas aí, ele disse que tinha achado a presilha. Que alegria! Nesse momento veio, de novo, a mesma sensação que tive no Natal, no templo dos ratos e em infinitas outras situações na Índia: o respeito alheio a tudo aquilo que tenha significado para o outro. Respeito indiscutível.

Certamente ele sabia que não estava simplesmente procurando um simples objeto de metal. Coloquei a presilha no cabelo e agradei demais a ele. Ele sorriu com minha alegria e disse um "não tem de quê", como que a me explicar que não fez nada mais do que sua parte, do que acreditava ser certo e ainda mais, sem esperar nada em troca. Fiquei extremamente comovida. Até que de novo o caos surgiu ainda mais carregado como que a nos dar forças para ir embora.

E essa foi nossa última história de um grande capítulo chamado Índia. Um capítulo denso e cheio de emoções. E também de momentos doces. Literalmente. Fiquei apaixonada pelo gulab jamun, mais conhecido entre mim e o Fê, como o docinho da Márcia (amiga da Vida Simples e expert em Índia, que nos deu essa dica). A base de leite e essência de rosas, essa sobremesa em forma de pequenas bolinhas me lembrava a cada dia da delicadeza, da singularidade e do perfume da vida. Mesmo nos momentos mais difíceis.

## Kathmandu - 17/01

### Nepal

Fernando Naigeborin



Lembra da minha voz? Ela continua a mesma, mas os meus cabelos...



Reza a lenda que dar sete voltas aqui em Boudhanath traz sorte e proteção.

A saída de Varanasi fechou com chave de ouro nossa passagem pela Índia. Saímos do hotel na hora marcada depois de uma manhã especial de sol e muita paz caminhando pela margem do Ganges.

Depois do check-out na pensão, cruzamos a pé por bons quinze minutos o emaranhado de ruas exclusivas para pedestres que se desenrolam dos gahts até o centro comercial da cidade, enfrentando a multidão de transeuntes que se espalhava por todos os lados. Chegamos, sãos e salvos, no táxi que nos levaria até o aeroporto.

Tínhamos ainda quase duas horas de folga, então nem me incomodei com a velocidade imposta pelo possante motor de cortador de grama da lata velha que encontramos à nossa disposição.

Chegamos no aeroporto. Pegamos as mochilas. Demos uma última olhada para a Índia que nos restava no horizonte e entramos no tímido saguão da ala de embarque internacional. Os dois únicos vôos do dia eram o nosso e outro, no finzinho do dia, também para o Nepal. Tudo certo, mas...

Nosso vôo mudou de horário. Assim, sem mais nem por quê. E nós, que estávamos sossegados, vimos a bandeira vermelha de perigo ser hasteada em uma breve fração de segundo. Estávamos a menos de vinte minutos da decolagem ainda com mochilas nas costas e sem ter passado pela divertida inspeção-nossa-de-todos-os-dias dos "Postos Alfandegários Unidos dos Aeroportos Afiliados Ltda".

Pela enésima vez neste quase um mês de jornada pelo subcontinente indiano, fui forçado a me lembrar que a Índia é um destino feito para os viajantes que não se incomodam com mudanças repentinas de planos e que tudo pode (e vai) acontecer a qualquer hora do dia ou da noite... Sabe aquela história de saber lidar com o incontável, de uma forma desprendida e desapegada? Viajar por aqui é exercer esse talento. Mas acontece que eu não sou exatamente especializado nestes quesitos.

Antes de começar a esbravejar me lembrei de como a caminhada que havia feito logo cedo havia me deixado feliz, tranquilo e pleno. Enfim, não vou dizer que não fiquei nem um pouco abalado, mas preferi sair correndo pelo saguão vazio do aeroporto junto com a Marília do que simplesmente congelar, reclamar ou ficar em pânico.

E como corremos... No fim, com a ajudinha de uma policial de fronteira que me orientou como preencher os papéis da complicada burocracia de autorizações, vias e segundas vias, vistos e carimbos, passamos lisos para o check-in e entramos no avião suados e depois de todo mundo. Mas em tempo de sentar, apertar os cintos e... voar.

Que coisa. até parece que a Índia não queria que a gente fosse embora, me disse a Marília na decolagem. É, de fato, algo estranho e especial aconteceu entre a gente e esse país.

Saímos da Índia.

E em menos de duas horas aterrissamos em Kathmandu, a capital do Nepal. Já descendo as escadinhas do avião, deu para sentir o vento frio do Himalaia bem perto de nós. Em um mesmo dia, descemos quase vinte graus na escala Celsius...

Na saída do aeroporto, pegamos um táxi que nos levou até o hotel que havíamos reservado por apenas uma noite por honestos quarenta dólares, a julgar todas as benesses que apareciam no site que achamos pela internet.

Chegamos, tomamos um banho (morno para frio), deixamos as mochilas e saímos para um breve passeio para o famoso reconhecimento do terreno.

Pelas ruas, nenhuma vaca, buzinas ocasionais e a sensação de estar em um misto de aldeia grande e cidadezinha provinciana. As ruas eram sensivelmente mais limpas e menos cheias de gente. Os nepaleses são fisicamente bastante diferentes, com olhos bem puxados e cabelos lisos e negros. Gente muita bonita, que nos deu a sensação ainda mais carregada de estar, enfim, perto do extremo oriente. Caminhamos por uma meia dúzia de quadras até entrarmos em um bairro bem marcado no mapa, o Thamel.

Segundo minha rápida apuração pela internet, as ruas no entorno do Thamel eram um enclave turístico no meio da cidade, com todas as "facilidades" que um turista pode precisar em sua estada por aqui. Lendo isso em algum ponto da Índia, pensei se tratar de um bairro com hotéis caros e fast-foods como o McDonalds nas esquinas das ruas principais, além de lojinhas de lembrancinhas e tal.

À exceção das lojinhas, eu errei completamente na minha previsão. O Thamel era sim um enclave ocidental no meio da cidade, mas cheio de agências de viagem ofertando trekkings pela base do Himalaia, hotéis e pensões baratas e muitos restaurantinhos charmosos por todos os cantos.

As ruas estavam tranquilas de dia, mas, com o cair da tarde, era fácil ver o número de viajantes que se hospedava na região.

Depois de um almoço inesquecível no Helena Café, mais um desses restaurantinhos com ares ocidentais (é incrível o sabor que uma salada de alface, tomate, azeite e vinagre pode ter depois de quase um mês evitando comer vegetais crus na Índia!), resolvemos dar uma olhada para ver se achávamos algum lugar para ficar nos próximos dias em uma das dezenas de guest houses que pipocavam no caminho, já que o tal hotelzão não era lá essas coisas e nem estava exatamente no centro.

Logo de primeira, entramos no Prince Guest House (achamos engraçada a coincidência, já que o nosso hotel três estrelas era o Prince Hotel). Quarto grande, janelas em três das quatro paredes, duas camas que podiam ficar juntas, tevê, banheiro no quarto, muito espaço e muita luminosidade (artigo raro na Índia) por incríveis seis dólares.

Fechado.

Voltamos para o hotel com a promessa de regressarmos ao Prince e ao Thamel logo cedo no dia seguinte.

E assim foi. Depois do segundo check-in em dois dias, partimos para conhecer a cidade e seus antigos templos budistas. Passamos em revista pelas maravilhosas estupas de Swayambhunath e Boudhanath, onde o foco central são as gigantescas pinturas dos olhos serenos e transcendentais do Buda no topo das construções. Só mesmo admirando aqueles olhos profundamente calmos, meio abertos, meio fechados para entender mesmo o que é calma e paz-de-espírito. Se o Buda se iluminou, se alguém viu e se esse mesmo alguém fosse capaz de registrar como estavam seus olhos, hmmm, acho que seria difícil bater a tradução artística.

Fomos ainda até Pashupatinah, um conglomerado de templos hindus antigos onde até hoje ocorrem cremações de mortos. E nos dias restantes aproveitamos para andar bastante a pé pela cidade, conhecer o Durbar, a praça central onde ainda hoje residem os mais antigos templos e palácios da cidade e, por fim, esticamos nossa visita para outras cidades próximas, como Patan e Batahkpur (hoje em dia todas fazem parte da “Grande Kathmandu” ou, como é mas conhecido por aqui, o Vale do Kathmandu. Mas antigamente cada uma das cidades era um pequeno reino, com diferentes dinastias a governar cada um desses lugares).

Acabando de reler o que acabei de escrever, me lembrei de um amigo ter me soprado, ainda em São Paulo, que eu iria adorar sair da Índia e chegar no Nepal. Mesmo descobrindo depois que o milagre da pensão de seis dólares se revelou em banheiro sem descarga, sem papel higiênico, sem água quente e sem calefação.

Assim é. De todo modo, meu amigo tinha razão. Por mais que o país seja uma filial agro-econômica do subcontinente indiano, a tranqüillidade proporcionada ao turista aqui é mágica, com efeitos terapêuticos comprovados - e espero - de longo prazo.

## Himalaia - 18/01

### Nepal

Marília Barrichello Naigeborin



Da janela do teco-teco, o topo do mundo é assim...



Mas sabe como é, a câmera não capta certas coisas...

Hoje o dia foi de grande aventura e emoções lá em cima, nas alturas. Passeando pelas ruas de Kathmandu ouvimos falar de um programa chamado Mountain Flight, um vôo que circunda o Himalaia bem de perto cruzando a fronteira com o Tibete e regressando pelo outro lado de volta a Kathmandu. Segundo locais e turistas, algo bem legal. Apesar de não ser muito barato, resolvemos fazer o passeio na expectativa de ver de perto a Cordilheira com as montanhas mais altas do mundo e o mítico Monte Everest.

Imaginávamos certamente que o vôo seria bonito, mas não pensamos que este passeio seria lembrado como um dos pontos mais altos de toda a viagem (em todos os sentidos).

O dia começou cedo, pois como a passagem é disputada a tapa, a recomendação foi de pegarmos logo o primeiro vôo das 7 da manhã. Assim, no caso de mau tempo e atraso, as chances de realocação para os vôos seguintes eram seguras.

Acordamos as cinco e meia da manhã, cheios de preguiça, depois de uma noite gelada e mal dormida. A temperatura por aqui tem sido de uns cinco graus a noite e nossa pousada não tem calefação. Assim, o jeito foi remediar com duas blusas de frio, luvas, pachmina e cobertores. Como a essas horas a cidade está dormindo, chegamos no aeroporto rapidinho, as seis da manhã.

Fomos um dos primeiros a entrar no aeroporto que acabava de abrir. Aeroporto pequeno, muito simples, do tipo rodoviária do interior. Apenas umas lojinhas de comeres e bebidas, lembrancinhas e uma mulher vendendo chá no chão. A temperatura na sala de embarque estava de ranger os dentes. Sem calefação, com uma acomodação precária e banheiros de sair correndo, nosso grande consolo estava amparado no fato de que esta seria uma espera curta: apenas uma hora. Ledo engano. Passaram as sete horas e nada... Oito e nada... Nove... Dez...

Além do nosso, muitos outros vôos maiores também estavam atrasados. Começamos a ficar preocupados se o Mountain Flight iria mesmo acontecer, pois dava para ver dos vidros da sala de embarque a forte neblina e havíamos sido informados que em caso de mau tempo o vôo seria cancelado. Acontece que ninguém da companhia aérea, a Buddha Air, se manifestava. As pessoas incomodadas com o frio faziam tudo para driblar o gelo: chineses fazendo ginástica, ingleses andando de um lado para o outro, americanos tirando das mochilas luvas e gorros. E a gente também entrou nessa: desde chá de gengibre, até voltas pelo saguão, pulinhos e alongamentos.

Por volta das dez e meia, finalmente, aconteceu o chamado do nosso vôo. Saímos da sala de embarque e pegamos um ônibus em direção ao avião. Poucos minutos e estávamos em frente de um aviãozinho minúsculo, que parecia de brinquedo. Ai, ai, pensei. Será que isso é seguro? Será que não teria sido melhor o cancelamento devido ao mau tempo? E essa neblina que não vai embora? Olhei para a cara das pessoas e era um misto de riso e preocupação.

Ficamos uns 20 minutos na frente do avião até que a entrada foi liberada. Do nosso lado um grupo de senhores japoneses super delicados e amistosos, talvez percebendo a tensão no ar, começou a puxar conversa com a gente. Foi aí que comecei a me distrair e a relaxar com os papos sobre viagem (eles haviam ido para Santos, o Fê para o Japão) e sobre a vida em São Paulo, a viagem de Volta ao Mundo. E o papo rendeu até que era hora de entrar.

Subi as escadinhas para o avião e quando entrei, irrompeu uma certa dose de pânico. Por dentro o avião era ainda menor. Duas fileiras cada uma com um assento, totalizando catorze cadeiras. O corredor muito estreito dava passagem a uma pessoa por vez... E magra. Os mais gordinhos tinham que passar de lado. Antes de decolar, me certifiquei que o sal estava por perto (no caso daquela básica queda de pressão), fiz aquela oração das horas de aperto e... Vamos lá!

O avião começou a subir e com muito barulho, me senti como uma pluma no céu: vulnerável e a mercê dos ventos. Porém, essa sensação durou poucos minutos, pois quando a cordilheira do Himalaia começou a se pronunciar, tudo e todos se calaram à magnitude da criação.

O vôo durou uma hora. Uma hora linda e sem tempo: puro êxtase coletivo. Depois da decolagem a aeromoça veio falar comigo, que estava na primeira cadeira da direita: Agora você já pode se levantar. Não tinha entendido direito, mas aí ela indicou a cabine dos pilotos e tudo ficou claro. Fui a primeira a ir para a frente do avião e junto com o piloto e co-piloto localizar as montanhas da Cordilheira e o próprio Everest. Imagem belíssima: o céu azul degradê e embaixo os picos nevados da montanhas cobertos com nuvens bem fininhas. Nada de neblina. Depois foi a vez do Fê e de todos os passageiros. Cada um foi na cabine pelo menos duas vezes. Demais!

Tiramos várias fotos, fizemos filminhos e procuramos captar da melhor forma que podíamos aquela emoção toda. Olhei para o Fê e vi o rosto dele iluminado, um sorriso raro. Quando ele tirou uma foto minha e eu sorri, senti os lábios tremerem, como em poucos momentos da minha vida. O último: meu casamento. Senti o coração apertado, uma vontade de chorar, mas de feliz. Pensei muito em minha família em como queria que todos estivessem vendo aquilo com a gente e também na grandiosidade da vida, muito maior do que tudo e todos. Divaguei se talvez mais pessoas fizessem esse vôo, o mundo seria mais pacífico e amoroso...

Tão indescritível como a visão que tivemos foi o clima que tomou conta de nosso pequeno grupo. A felicidade entrou no ar e todos ali se uniram como a reforçar a singularidade daquele momento e a consciência de que ali, naquela hora, algo muito especial estava sendo compartilhado. Troca de lugares para ver melhor, o simpático inglês emprestando o binóculo, o falante italiano me dizendo para ficar tranqüila que o avião faria a volta e os dois lados das poltronas (direito e esquerdo) poderia ter a mesma vista.

Nossa uma hora de vôo passou sem turbulências e sem medo. O avião tremelicou um pouco, fez barulho, mas depois de tanto encantamento e grandiosidade, nada mais era capaz de tirar

aquela sensação de paz e preenchimento. As quatro horas no aeroporto e o frio, então, pareciam estar completamente esquecidos.

Na hora do pouso, palmas. Para o piloto, o co-piloto, a comissária de bordo, para nós mesmos, para a cordilheira, para o Everest, para o momento, para o mundo, para a criação, por tudo aquilo que torna a vida tão inexplicável quanto bela.

## Bangkok - 22/01

### Tailândia

Fernando Naigeborin



Desta vez o tuk-tuk só serviu mesmo para tirar fotos



Saindo um paad thai para viagem em Damnoem

Bangkok é gigante, super agitada, com um trânsito maluco e lotada de lojas, mercados de rua e inúmeros shoppings centers. E quer saber? Eu e a Marília bem que curtimos. Depois de tanto tempo, voltar para um terreno mais facilmente reconhecível, onde é possível usar o transporte público (essa coisa de pegar riquixá, *tuktuk* e táxi é legal, mas às vezes parece nos isolar um pouco...), ir ao correio, à farmácia, ao supermercado e outras coisas tão pouco glamurosas quanto indispensáveis dá uma sensação de liberdade e até mais, de pertencimento.

Não que a cidade não seja um destino turístico, pelo contrário... O centro histórico da capital tailandesa está recheado de "wats", monastérios budistas antigos e há ainda o sensacional complexo arquitetônico do palácio real que abrigou a antiga residência oficial da família real.



Aliás, a realeza e a religião estão intrinsecamente ligadas aqui na Tailândia. Segundo a crença local, a família real descende de uma linhagem que remonta diretamente ao Buda. Assim sendo, todo e qualquer templo tem uma imagem do rei Rama IX, um senhor magrinho, de óculos, boa-praça, que este ano completa exatos oitenta anos no poder.

Na verdade, a foto do rei está virtualmente em todos lugares, em todas as esquinas, na porta do cinema, no altarcinho do restaurante, na entrada do açougue, no outdoor da rodoviária, no saguão do hotel... Onipresente.

É bem interessante, o rei é sim apenas uma figura nominal no âmbito da política mas é venerado por absolutamente toda a sociedade tailandesa. E mesmo já estando com idade avançada, sua aprovação é vital para qualquer coisa que se queira estabelecer no país. Quer um exemplo? Li no jornal esses dias que um jantar de gala estava sendo promovido em hotel cinco estrelas de Bangkok, com banquete feito por chefs franceses, harmonizado com vinhos premiados mundo afora a um preço exorbitante. Quando a notícia chegou ao rei, a sentença extra-oficial foi: "tanta comida e tanto dinheiro não parecem combinar com o ideal budista de humildade que uma família deve prezar". Resultado: grande parte do lucro do evento acabou sendo revertida para ONGs de assistência a famílias carentes no próprio país. E mesmo assim, dúvidas sobre a "legalidade" de tal jantar.

Quer seja por seu jeito de ser, seu olhar contemplativo, sua legitimidade sangüínea ou até por seu inusitado apreço por jazz (sim, o rei é fanático por jazz e até compôs algumas peças que ocasionalmente são tocadas nas rádios e em eventos oficiais) é ordem aqui em Bangkok que todos literalmente adorem o rei. É muito comum ver nas ruas centenas de pessoas andando com uma camisa pólo amarela com o brasão real, em comemoração aos oitenta anos de seu mandato.

Mas, voltando a falar da história do banquete, ela também gerou outras polêmicas... Segundo o mesmo jornal, mas em outro dia, o banquete não faria sentido já que é "notório que a melhor comida de Bangkok custa 30 bahts (um pouco menos de um dólar!) e que é servida em qualquer esquina da cidade".

Como assim? É fato que a culinária tai é famosa no mundo todo por ter uma rara combinação de sabores e temperos. Quem já experimentou sabe que em qualquer receita explodem na boca as sensações de picante, doce, azedo, salgado e perfumado, tudo ao mesmo tempo. Fora isso, tudo é cozido no ponto certo e o excesso de temperos - sei lá como - não estraga a magia de um peixe fresco (que só com um limãozinho já é ótimo) ou mesmo esconde a nuance e a textura de um legume qualquer.

Legal, mas dizer que em qualquer esquina tem comida boa é exagero? Imagina... Olha, posso dizer tranqüilamente que uma das maiores diversões da nossa estada por aqui foi provar coisas (às vezes bem esquisitas) nas barraquinhas no meio da rua. E devo dizer que o jornal tem razão...

Comemos incrivelmente – mais: magistralmente - quiçá divinamente bem esses dias todos. Sabe como é, camarão, lulas branquinhas grelhadas, peixes de carne branca e suculenta, mexilhões e até vieiras, sempre misturados ao tradicional paad thai (o macarrão que é o arroz-feijão daqui). Comemos também muitos espetinhos de frango com molho satay (a base de pimenta e amendoim), bolinhos de peixe, omeletes recheadas, friturinhas de todos os tipos e muitas outras pequenas e baratíssimas iguarias. Fora isso, sempre acompanhavam nossas refeições frutas frescas como abacaxi e morango e sucos feitos na hora.

Sentar em um banquinho de plástico em uma mesa dessas tipo de boteco com marca de cerveja, no meio de uma rua super movimentada com um carinha cozinhando em um carrinho acoplado em uma motoquinha é realmente a experiência mais marcante de Bangkok para mim. Ah, e nada demora mais do que cinco minutos para ficar pronto e tudo é feito na sua frente.

Fast food real é isso aí. E, para encerrar o assunto e atestar a verdade, essas biboquinhas ambulantes estão em absolutamente todo o lugar! É uma tentação...

Mas chega de falar de comida. Tá parecendo que só fiz comer nesse período que ficamos por aqui.

Voltando aos destinos turísticos, fomos à Jim Thompson's House, uma casa construída por um americano no século passado utilizando o estilo, a planta e a funcionalidade das tradicionais casas de madeira tailandesas (cada vez mais escassas na Bangkok do século XXI) e decorada com preciosidades de uma coleção de arte e antigüidade de profundo bom gosto.

Passeamos ainda pelo mercado de fim de semana de Chatuchak, um complexo enorme do tamanho de um bairro, que em suas milhares de barracas e estandes vende de pilhas coloridas a antigos budas de madeira de dois metros de altura, tudo muito barato e "muito" necessário.

Outro mercado interessante que fomos conferir é o das flores: verdadeiro colírio para os olhos. Caminhões cheios de orquídeas pela rua, muitas, muitas, muitas mesmo, vendidas como arranjos (só as flores cortadas e amarradas). Imagina a fatura para se vender orquídeas dessa forma e ainda a menos de um dólar o arranjo...

Para complementar a sessão mercados, no último dia pegamos um ônibus cedinho e fomos conhecer in loco um dos cartões postais mais famosos da Tailândia: o mercado flutuante de Damnoem, a uma hora de distância da capital. Em uma rede de antigos "klongs" (um klong é canal artificial, construído pelo homem) dezenas de barquinhos navegam quase sossegados vendendo frutas, verduras, legumes e comidas. Abstraindo as hordas de turistas que vêm a vida passar pelas águas desta vilinha perto de Bangkok, o mercado é colorido e bonito de ver. E ainda retrata muito bem como deve ter sido a vida por aqui nos últimos séculos... E tem a comida... Mas não vou entrar de novo nesse assunto, não. Vai parecer que sou um maníaco...

## Phuket, Phi-phi e outras praias - 01/02

### Tailândia

Marília Barrichello Naigeborin



O mar aqui em em Maya Beach é assim mesmo: dispensa Photoshop.



Eu e o Bond, no paraíso de Pha-ngan

Chegar em Phuket foi para mim a concretização da imagem paradisíaca da Tailândia. Quando desenhamos a viagem tínhamos uma certa idéia de quais seriam os destaques de cada país e a Tailândia, para mim, sempre esteve ligada ao quesito praias. A estada em Bangkok, cidade extremamente interessante, porém, ampliou essa perspectiva: descobri que a Tailândia nos ofereceria muito mais do que belas praias.

Mesmo tendo passado por praias oníricas em Hammamet (Tunísia) e Olimpos (Turquia) foi no sul da Tailândia que vi as praias mais bonitas de toda a minha vida. Ficamos baseados em Phuket, no final da praia de Patong, a mais famosa e tradicional da Tailândia e onde o turismo

começou. A infra-estrutura é bem completa: restaurantes, lojas, bares, feiras, supermercados, mas por outro lado, é também a praia mais lotada.

Tivemos a sorte do nosso hotel ficar em uma área extremamente privilegiada: sossegada e ainda próxima do centro e do agito da noite. Nosso plano inicial era dividir nossa estadia entre Phuket e Phi-phi, mas chegando ao hotel nos apaixonamos pelo lugar e também descobrimos que Phi-phi estava impossível, todos os hotéis lotados e a ilha ainda sofrendo um pouco das conseqüências do tsunami: regiões ainda com entulhos, obras...

Da beleza e da perfeição de Patong, é difícil de acreditar que a tragédia do tsunami também se abateu por ali. As pessoas comentam dos vários hotéis que foram reconstruídos e não dá mesmo para esquecer do ocorrido, pois existem várias placas indicando rotas de evacuação no caso de um outro tsunami. O fato é que os tailandeses são extremamente trabalhadores, disciplinados e corretos. Já em Bangkok percebemos isso, mas na praia ficou ainda mais evidente. Só mesmo a dedicação de um povo para reerguer uma cidade.

Topamos investir no belo hotel Avantika e nele batemos o recorde de tempo em um mesmo lugar: 10 noites! Foi uma delícia a gente chamar de casa esse paraíso a beira mar. Quarto grande e clean e com sacada de frente. Um luxo. Mas o melhor de tudo era a vista que tínhamos da banheira. A parede tinha uma grande janela, ou melhor, moldura, que dava para ver o mar azul-esverdeado da praia enquanto tomávamos banho.

Tivemos nossos dias de marmota: nada de hora para acordar, revista de fofocas na praia, muitos frutos do mar, massagem tailandesa e pela primeira vez na viagem, DVDs! Assistimos 4 filmes comprados na feira e pudemos nos inteirar um pouco dos novos sucessos de público e de crítica. Também pude descansar bastante até meio a contra-gosto, pois estou com uma forte inflamação de garganta e dias atrás estava até sem voz. A sorte é que as farmácias daqui vendem remédios sem prescrição e que sempre tem um farmacêutico de plantão e que fala o mínimo necessário de inglês.

De Patong fizemos vários passeios de barco para as praias vizinhas: Freedom Beach e Paradise. Essas são praias mais privadas, menores e boas para snorkelling por conta das barreiras de corais com muitos peixes. Também próxima é a praia de Liam Singh que, por conta do acesso por uma trilha, fica longe do barulho dos carros e tem no entorno uma vegetação bastante preservada. Outras praias maiores e também lindas: Kamala e Karon.

Também conhecemos a famosa ilha James Bond, que leva este nome por ter sido usada no filme 'The Man With The Golden Gun'. Um visual extremamente exótico: uma ilha com bastante verde e próxima a uma pedra imensa plantada no meio da água, sem mais e nem porquê.

Agora foi no dia primeiro de fevereiro, dia do aniversário do Fê e da minha mãe (olha que especial!) que fizemos o passeio mais bonito do sul da Tailândia: visita a ilha de Phi-phi, Maya beach (onde foi filmado o filme "A Praia" com Leonardo di Caprio. PS: não vi o filme e nem acho que é bom, mas o cenário vale a pena) praia dos Macacos, Loh Samah Bay e Kai Island.

Olhando do barco o visual era único e inesquecível: água transparente com um fundo verde-azulado e uma consistência meio de gelatina. O snorkelling esse dia também foi fantástico: peixes muito diferentes - o Fê viu até cavalo marinho e eu pela primeira vez levei uma mordida de peixe. Foi engraçado, mas tomei um susto, tentei nadar rápido e acabei caindo em uma área cheia de ouriços. Deu medo!

Depois desse privilégio todo de comemorar o aniversário nas praias da Tailândia, o Fê ainda ganhou outros presentes. Saímos jantar e degustamos uma lagosta gigante - fora de brincadeira, duas mãos dele juntas. Depois ainda fomos passear no outro canto da praia, pela rua mais clubber de Phuket: a Bangla Road. Ou melhor, a rua dos "lady boys". Essa é uma expressão que os tailandeses usam muito para definir as lindas mulheres que na verdade são homens. Essa é uma área cheias de boates, bares, restaurantes, mas tudo com uma cara bem trash e kitsch. Muitos casais de senhores ingleses com seus 60/70 anos com mulheres (ou homens - Às vezes não dava para saber) de 20 e pouco. Muita paquera, muitos programas, muitos neons. Homens, casais, crianças com os pais turistas, homens segurando macacos, iguanas, mulheres rebolando em cima das mesas dos bares, bêbados empolgados e muitas pessoas chegando sozinhas e saindo acompanhadas.

O dia primeiro ainda terminou com um bolo verde e rosa, cartinha de aniversário e também uma mensagem toda simpática do staff do hotel. Como éramos os hóspedes mais "longevos" do Avantika (em geral as pessoas passavam uns 4, 5 dias) todos nos conheciam e tivemos um ótimo atendimento.

No dia 2 de fevereiro nos despedimos de nossa "casa de praia", mas já prometendo voltar. Quem sabe com a família, com filhos? Afinal, a Tailândia é muito mais do que praias!!

## Siem Reap - 07/02

### Camboja

Fernando Naigeborin



Cabeças sorridentes inspecionam a porta de entrada de Angkor.



Monges caminham em direção ao famoso templo de Angkor Wat.

Da praia para o mato. Essa foi a rota que nos trouxe da Tailândia para o Camboja. Neste pequeno país destruído em seu passado recente por Pol Pot, um líder tirânico e lunático, nossa passagem teve destino único e certo.

Estamos em Siem Reap, uma vila até bem pouco tempo atrás sonolenta e agora recheada de hotéis, pousadas, restaurantes e mercadinhos, onde mochileiros do mundo todo passeiam de

manhã cedinho ou depois do pôr-do-sol. Para se ter uma idéia, no meio do dia, debaixo de um sol escorchante (mesmo em pleno inverno), não havia absolutamente ninguém quando nós chegamos. Estranho. Onde estariam todos durante o dia?

Em Angkor, um dos maiores sítios arqueológicos do planeta (são quatrocentos quilômetros quadrados!) e a poucos quilômetros da vizinha e confortável base de Siem Reap.

Conta a história que no meio da densa vegetação floresceu a civilização Khmer, que marcou seu tempo criando uma metrópole com mais de um milhão de habitantes, em uma época em que Londres contava com apenas cinquenta mil moradores.

Os Khmer reinaram absolutos entre os séculos IX e XIII nesta região do Camboja, anexando outros territórios no que hoje são o Vietnã, o Laos e a Tailândia e em uma área mais recentemente conhecida como Indochina.

Das casas, dos palácios e de tudo mais que está relacionado à construção da cidade, nada restou. Ficaram "apenas" as centenas de templos erigidos pelos reis da época, que se autoproclamavam deuses, a maioria de origem hindu (houve um ou outro de orientação budista). Isto porque apenas obras de cunho religioso tinham a primazia de usar materiais nobres como a pedra. Todas as outras construções, feitas de madeira, sucumbiram junto com o declínio dos Khmer ou pouco depois, engolidas pelas forças da natureza.

Mas apenas pedras foram suficientes para esta civilização ser eternizada com um dos legados mais preciosos da história das artes. Templos inteiramente encravados na rocha, portões de acesso pontuados por enormes rostos sorridentes e murais recobertos por baixo-relevos

- contando histórias, mitos e o dia-a-dia deste povo com delicadeza e precisão inimagináveis - tudo isso, imerso em uma floresta tropical que parece querer engolir tudo e apagar a história do lugar fazem de Angkor um destino único e fantástico.

Angkor Wat, o maior, mais bem preservado e mais famoso dos templos foi um grande monastério hindu construído em homenagem ao deus Vishnu, que contém ainda hoje em suas paredes histórias extraídas do Ramayana, um épico tão conhecido no oriente quanto a Bíblia no ocidente.

Outros destaques (ufa, são tantos) desta imensa Disneilândia para arqueólogos são os complexos de Bayon, Angkor Thom, Banteai Srei e Ta Prohm, esse último um exemplo de como a floresta está tomando conta do lugar, com árvores seculares invadindo paredes, contornando estátuas e engolindo as pedras com suas raízes fortes e profundas (os arqueólogos há tempos entregaram os pontos e decretaram que aqui quem manda é a natureza).

E assim foram mais três agradáveis dias na nossa longa jornada. Dias de idas e vindas entre Siem Reap e Angkor, sempre na caçamba ajambrada do moto-remorque (uma espécie de motoca com uma charretinha) do Loh, um cambojano simpático e conhecedor da história de seus distantes ancestrais.

E nas noites, depois do banho quente que sempre dava aquele alento para as pernas cansadas de andar para todo lado e subir e descer escadarias de pedras, a grande diversão era caminhar pelo charmoso centrinho de Siem Reap, coalhado de antigas construções francesas coloniais, em busca de um bom prato de comida.

E nesse quesito, já que no último texto eu parecia um maníaco, o grande destaque ficou mesmo com o prato nacional: o amok, um peixe cozido no leite de coco e regado com dezenas de especiarias, que se desfaz na boca de tão macio.

E assim foi nossa passagem pelo renascente Camboja, semi-destruído nos anos setenta, ainda cheio de seqüelas e cicatrizes dos tempos difíceis (é de perder a conta o número de homens sem pernas nas ruas de Siem Reap) mas consciente do poder que o turismo bem planejado pode ter.

## Luang Prabang - 11/02

### Laos

Marília Barrichello Naigeborin



Em fila, os monges aprendem e ensinam budismo ao mesmo tempo.



Hortas dão ainda mais vida à beira do rio Nan Khan

Luang Prabang. Nome simpático, sonoro e gentil. LU-ANG PRA-BANG. Parece um diálogo, uma bola que vai e volta, um sino que bate de um lado para o outro, o dormir tranqüilo e o acordar sereno. Assim é essa bela cidade com ar campestre e camponês que parece resgatar a parte mais dócil do país mais bombardeado do mundo: o Laos.

Andar pelas ruas de Luang Prabang é esquecer do tempo e se maravilhar com o beira-rio do Mekong, que se junta ao rio Nan Khan em um cenário de muito verde, árvores e hortas das mais diversas verduras. É percorrer vielas e se misturar com a população ribeirinha bastante sorridente e amigável, já que nessa cidade o turismo ainda está bem equilibrado e integrado ao viver local. É provar pratos deliciosos da culinária asiática com toque francês nas antigas casas coloniais, hoje restaurantes, ou mesmo os igualmente saborosos quitutes de rua como o rolinho de vegetais e amendoim, feito no vapor e embrulhado em uma fininha massa transparente.

O ar singelo dessa pequena cidade que mais parece um vilarejo se reflete até mesmo no antigo palácio real. Nada de ouro ou pedras preciosas. O que mais nos chamou a atenção foi a discrição dos quartos reais, de muito bom gosto, e as pinturas em todas as paredes do saguão principal de autoria francesa e que refletem cenas do cotidiano local. O estilo, as cores e a exuberância tropical nos lembrou Gauguin.

Luang Prabang. Também percebi nela um pouco de nostalgia, mas será dela ou minha?

Até parece também o barulho suave do rio Nan Khan quando a criançada pulava na água com suas bóias de câmara de pneu velho. Até monginhos vimos no comecinho das águas molhando os pés, lavando o rosto.

Nossa pousadinha ficava de frente para esse rio e bem próxima da ponte de bambu que dava acesso ao lado mais rural e isolado da cidade. Foi lá que visitamos um templo budista muito bonito. Só a gente e uns 5 monges de seus 10, 12 anos. O Fê começou a conversar com um deles, que falava um pouquinho de inglês. Morava ali, numa casinha de madeira bem simples e conhecia o Brasil, ou melhor, o Ronaldino (assim mesmo, sem o H).

Além desse templo, visitamos outros maiores e mais turísticos. Ricamente decorados com portas douradas entalhadas, pinturas internas e em geral diversas esculturas de Buda no altar principal. A parte externa dos templos também costuma ser bem trabalhada com pinturas, mosaicos e até esculturas. O famoso Wat Xieng Thong construído pelo rei Setthathirat em 1560 tem na sua parede exterior um lindo mosaico chamado a árvore da vida, todo construído com pequenos espelhos coloridos.

O centro, que concentra além de ótima infra-estrutura turística as principais atrações da cidade, é pequeno, muito charmoso e ponto de encontro para o café da tarde com baguete e crepes doces e salgados. É lá que sentávamos para observar os lindos casarios coloniais e o burburinho da cidade. Na rua principal acontece o mercado noturno, onde vários vendedores da região montam de segunda a segunda sua barraquinha no chão com produtos os mais variados possíveis e belas lembranças do Laos.

Luang Prabang é muito luminosa, seja pela cor dourada dos seus inúmeros templos que se misturam com o traje laranja dos monges. No Laos a cultura budista está bastante arraigada e já é um costume antigo que os homens passem um tempo, que pode variar de 1 mês a 3 anos, em um mosteiro para enriquecer sua formação pessoal.

Em nosso último dia na cidade participamos de uma reunião linda e com um clima de muita bondade. Saímos da pousada às 5:45 da manhã. A lua ainda estava no céu, os galos ensaiando o "bom dia" e o cheiro de arroz já invadindo o ambiente. Indícios de um ritual que continua ainda bem vivo na cidade. Por volta de 6 da manhã, os monges deixam seus mosteiros para receber comida da população local. Em fila e em completo silêncio, eles recebem bolinhos de arroz de diferentes pessoas ajoelhadas ou sentadas na rua. Arroz ainda fumegante e inúmeras mãos se esforçando para esquecer da dor e oferecer aos monges o melhor arroz possível.

Os monginhos em sua maioria muito jovens, uns 12, 13 anos, seguiam andando compenetrados como a fazer um retângulo pelas ruas da cidade. A gente foi caminhando ao lado deles e vendo suas carinhas tranquilas e as grandes diferenças entre eles, que refletem as também grandes misturas da Ásia. Até que eles entraram em seus mosteiros para a primeira refeição do dia. Foi tão bonito, uma energia única no ar. Os trajes em seu tom laranja numa linha sem fim e uma paz. Ao olhar para os rostos deles, tranqüilos, tentei captar algum sinal de outra emoção, mas nada. Nada de decepção (arroz de novo!) ou de alegria. Serenos. Numa fração de segundos pensei nas tantas vezes que eu reclamei da comida, de ter que acordar cedo e também nos tantos desejos que nos colocamos e que complicam nossa vida... Nessa situação extrema, pude realmente entender alguns dos principais princípios budistas: o não se apegar tanto aos nossos desejos e a importância da compaixão.

Luang Prabang. Dar receber.



## Chiang Mai - 14/02

### Tailândia

Fernando Naigeborin



Eu e minhas obras-primas: paad thai e frango ao curry verde.



Menina-girafinha em um dos arredores de Chiang Mai

Mais de uma semana se passou desde que saímos da Tailândia para uma breve incursão nos vizinhos Laos e Camboja. De volta a esse país tão acolhedor, é fácil perceber porque tanta gente que vem para cá adora esse lugar.

A combinação de um povo simpático e sossegado, com atividades turísticas das mais diversas, culinária fabulosa e uma moeda que faz parecer que até o real é forte fazem da Tailândia um destino quase imbatível para as férias perfeitas.

Já passamos pela cosmopolita Bangkok, pelas sublimes praias do sul e agora completamos nosso pequeno périplo pelo capital cultural do país, Chiang Mai.

Estrategicamente postada ao norte, entre verdes montanhas, a cidade tem em seu centro histórico murado nada menos que trezentos Wats (templos budistas), muitos deles herança da época de ouro da cidade, entre os séculos XII e XV. Eu poderia ficar aqui várias linhas escrevendo sobre cada um, suas relíquias e as diferentes nuances da sofisticada arquitetura local, à base de entalhes de madeira e pinturas murais. Mas prefiro sintetizar esse assunto com o que foi para mim, e para a Marília, o ponto alto das visitas a esses monastérios.

Em Wat Suan Dok, um dos inúmeros templos listados no nosso guia e o penúltimo que visitamos no extenso dia dedicado ao centro antigo de Chiang Mai, participamos de um negócio denominado 'monk chat'.

O pomposo nome nada mais é que uma conversa entre quem vai visitar o lugar (no caso, gente como nós, turistas) e os monges que lá habitam e praticam a vida monástica de acordo com os rígidos modelos de aprendizado budistas.

O resultado é surpreendente: de um lado, forasteiros normalmente ávidos por entender melhor como funciona na prática viver sob os princípios que determinam o desapego e a renúncia ao desejo, e, de outro, monges jovens enrolados em panos alaranjados, que sim, tem lá seu interesse em propagar as palavras do Buda, mas, antes de tudo, querem e muito, saber como é a vida lá fora, no agitado mundo em que vivemos.

Essa troca de mão dupla é um raro exemplo de círculo virtuoso, onde todo mundo parece sair ganhando. Depois de alguns bons momentos explicando que éramos do Brasil, o país do futebol, descobrimos que monges não podem jogar bola. E entramos delicadamente no assunto do cotidiano monástico, entendendo mais ou menos bem as horas de acordar, orar, comer, meditar... Da mesma forma, para o curioso monginho, foi uma tarefa e tanto entender, afinal de contas, do que se tratava o trabalho da Marília na agência, em São Paulo. Muito interessante.

Para finalizar o bate-papo, até porque já era hora de almoçar, o monge que nos "atendeu" fez uma breve prece de boa viagem, nos espanou um pouco de água e presenteou cada um de nós com um cordão de barbante, colocado em nossos pulsos da mão direita, para carregarmos simbolicamente tudo aquilo que havíamos trocado.

...Mas a nossa estada em Chiang Mai não se restringiu à cidade antiga, tampouco a incursões na vida monástica.

Em um longo dia perambulando pelas cercanias da cidade, longe do trânsito e bem perto da natureza, tivemos a oportunidade de caminhar por morros acarpetados por lindas plantações. Lá pudemos conhecer algumas minorias étnicas como as fotogênicas, melancólicas, propagandeadas e semi-extintas mulheres-girafas (aquelas que desde criança tem o hábito de usar de forma permanente grossos colares dourados no pescoço), fazer rafting no rio Mekhong, andar de elefante no meio da selva e ainda ver o sol se por em um braço de rio esquecido pela humanidade à bordo de uma jangada de bambu. É, foi um dia daqueles inesquecíveis, perfeito.

E, para completar, resolvemos encarar a sério o amor pela culinária thai e nos matriculamos em um intensivão em uma escola de culinária, a Thai Cookery School. Foi outro dia fenomenal, com mãos na massa e barriga cheíssima depois de "ter" que comer tudo aquilo que aprendemos a preparar... Genial.

No curso básico de um dia o chef Sompoon explicou as bases da cozinha nacional, os principais ingredientes, o modo de preparo de curries e outros temperos, métodos de cozimento e fritura, e muitas, mas muitas receitas típicas, consagradas e deliciosas.

Viajando, fiquei a toda hora analisando o que ouvia, tentando traçar paralelos com o pouco que sei de gastronomia. Pelo que intuí, a culinária thai está para a gastronomia francesa assim como o leite de coco está para o creme de leite (e assim como o óleo de gergelim está para a manteiga). Enfim, aforismos só meus que um dia eu faço questão de me aprofundar com a Marília e com quem mais vier experimentar a comida lá de casa, depois de um bom jantar seguindo as receitas que aprendemos e levamos agora na bagagem.

Para encerrar, não fica a pergunta, mas sim muitas respostas do que, parodiando livremente Dorival Caymmi, afinal, o que é que a Tailândia tem...

## Hong Kong e Macau - 20/02 China

Marília Barrichello Naigeborin



O céu ficou vermelho e a China, orgulhosa.



Sampa, direto de Macau.

O vôo lotado para Hong Kong e a imensa fila para imigração confirmaram que não havíamos chegado em uma ocasião qualquer. De novo, por pura coincidência, desembarcamos na China no meio das festividades do ano novo chinês (lembra da Índia?). Havíamos sido alertados da dificuldade que poderíamos encontrar em visitar o país nessa época, feriado nacional e motivo de sobra para a população chinesa viajar pelo país. Porém, como nossa margem de manobra seria muito pequena, resolvemos arcar com os custos de possíveis dificuldades em prol de presenciar e participar da comemoração do ano novo chinês. Ou melhor e mais especificamente, o ano do porco.

O porco estava (e ainda esta) em todo lugar. Nas vitrines das lojas, nos bichinhos de pelúcia, nas ruas em forma de esculturas, dentro de shoppings, metrô e até na televisão: Sabe aquele filme Babe? Ele mesmo. E em horário nobre: depois da parada de ano novo.

A dinâmica da cidade estava completamente mexida em função do feriado de ano novo. As principais festividades se concentraram entre os dias 18 e 20, porém até o dia 24 muitos estabelecimentos comerciais e até mesmo museus continuariam fechados. Durante o dia era aquela sensação típica de feriado: ruas desertas, poucos carros circulando, lojas fechadas. Durante a tarde, a situação começava mudar e a noite, na hora das festas, os restaurantes e as lojas atingiam seu pico.

Estou falando tanto de lojas, pois em Hong Kong elas são uma grande atração. Não imaginava encontrar um centro comercial tão forte e uma sociedade também bastante consumista. Ruas e ruas de lojas, feiras, shopping e ofertas para todo o lado. Encontrar alguém sem sacolas na rua? Impossível. E o melhor, ou o pior, é que tanto a oferta de produtos quanto o preço são muito bons. Além disso tudo, como reza a tradição que no ano novo dá sorte usar roupa nova, as compras estavam a todo vapor..

A comemoração do ano novo é uma ocasião muito importante no calendário da cidade e basicamente um evento familiar. Por isso, é justamente nessa época que ocorre a maior migração dentro da China. Pessoas que se deslocam para sua cidade natal, para a casa dos parentes para juntos celebrar, trocar presentes, fazer as refeições e também ir aos templos para as orações.

Como não poderia deixar de ser, eles também tem suas superstições de ano novo e algumas são bem curiosas: durante o período do feriado não se deve falar de morte ou de fantasmas, pois isso pode trazer ma sorte. Também dá azar limpar a casa, pois a boa sorte iria embora

com a poeira. Por outro lado, comer balas e doces trazem bons fluidos e deixar as janelas sempre abertas também é algo bom, pois ajuda o ano novo a entrar.

Participamos das duas maiores comemorações do ano novo: a parada de rua no dia 18 e a queima de fogos no dia 19. A parada foi super bem organizada e a segurança também, impecável. Porém, faltou um pouco de calor e sobraram bocejos. Ao mesmo tempo que a Marquês de Sapucaí fervia, a parada daqui era tímida, meio americanizada (crianças vestidas de cheerleaders, meninos com skates e a voz ao fundo "Are you ready?").

Bastante embuída em observar detalhadamente essa parada, fui me enfiando na multidão, até que 40 minutos depois do início estava em um lugar com boa visibilidade. Mas nada de nada... O timing das alas estava bem ruim e espaços vazios surgiam o tempo todo. Fiquei ali entalada por uns 20 minutos quando vi que o negócio não ia virar mesmo e resolvi junto o Fê ir embora. As ruas já estavam cheias, as lojas a mil e a gente morrendo de fome. Depois do paraíso da Tailândia vimos que em Hong Kong é bem difícil comer "bem e barato" e que mesmo um cachorro quente ou um sanduíche podem ser raros de encontrar.

No dia seguinte, entretanto, houve a compensação. Noite de queima de fogos na frente do rio e da ilha de Hong Kong, famosa pelo skyline de arranha-céus e logos de grandes empresas multinacionais. Pontualmente às 20h os fogos começaram a tomar conta do horizonte. Dessa vez, como o céu é o limite, não houve muito empurra-empurra e novamente uma disciplina e organização notáveis. Por 20 minutos vimos o céu ficar vermelho, azul, verde. Uma explosão de luzes e também de desenhos como carinhas sorrindo, símbolos da sorte e signos do horóscopo chinês. Cascatas de luzes se degradando no ar, luzes cortando o céu como cometas, rajadas coloridas com luzes na ponta que pareciam fibras óticas. Os mais diferentes fogos e o Ohhh dos chineses. Depois do ano novo tímido em Pushkar na Índia, aqui tivemos realmente a sensação de um começo de ano.

De Hong Kong fizemos um passeio de um dia para Macau matar um pouquinho as saudades do Brasil, ou melhor, de nossa influência portuguesa. Visitamos o largo do senado, que tem o mesmo calçadão de Copacabana e lindas igrejas coloniais como a igreja de Santo Domingo, Santo Agostinho, as ruínas da igreja de São Paulo e a Catedral da Sé. A sensação era termos caído em Minas num tour de chineses. Conversamos com alguns senhores de origem portuguesa na rua e pudemos entender melhor as grandes mudanças que estão se configurando em Macau desde sua anexação a China em 1999. Hoje somente 2% da população é formada por descendentes de portugueses, já que a maioria perdeu seus trabalhos frente a concorrência com os chineses. Os que sobraram são os que tem seus trabalhos basicamente ligados à língua portuguesa, que ainda é a oficial de Macau. O almoço também foi saudoso: bacalhau a Braz. Que delícia!

Mas para a gente o grande destaque mesmo foi sentir de perto as comemorações do ano do porco e entender um pouco mais de como a China costuma passar tal festividade.

Segundo os astrólogos e místicos, o ano novo promete ser auspicioso e próspero. Como já mencionei o fato dos chineses serem bastante supersticiosos, imagina que isso não está influenciando até o planejamento familiar? Os hospitais estão lotados e pedindo reservas com 6 meses de antecedência para o parto, os médicos trabalhando em turnos extras e as filas para os exames pré-natais são longuíssimas. A China está prevendo o maior baby-boom de todos os tempos!

Tomara que eles estejam certos e que este seja um ano muito bom e especial para todos nós!

Que venha o porco!

"Kung hei fat choi" (Feliz ano novo)

## Seul - 23/02

### Coréia

Fernando Naigeborin



Seul é isso, cheia de prédios, carros e gente.



Paz mesmo só nos palácios, como o Changdeokgung.

Nossa passagem pela Coréia do Sul foi assim, como vou dizer, hmmm... Uma passagem. Literalmente.

Estamos agora aqui por conta de uma conexão entre dois vôos. Ainda em São Paulo, no escritório do Walter, o nosso agente de viagem (tem gente que tem médico de confiança, nós temos um agente de viagem), vimos que o único jeito de voar entre Hong Kong e nossa próxima parada, Xangai, era com uma parada em Seul.

Decidimos na ocasião aceitar o imprevisto e encarar conhecer uma cidade que não estava nos planos, não havia sido estudada, discutida, ensaiada.

A notícia boa é que a nossa passagem estava marcada justo no meio do ano novo chinês, quando milhões estão aproveitando as férias coletivas para viajar por uma China

absolutamente envolta no caos. Lá os hotéis todos estão cheios, as passagens aéreas impossíveis de arrumar e trens, então, só no mês que vem...

Aqui, por outro lado, nada de turistas. Silêncio no hotel, apenas o agito convencional nas ruas da pequena Tóquio que é Seul.

Da hora que chegamos para cá foram quase três dias (daqui a pouco já embarcamos para Xangai, no último dia oficial de feriado do ano novo!). Deu tempo de sobra para conhecer os destaques da pouca turística capital coreana, com meia dúzia de maravilhosos palácios todos em um mesmo estilo, feitos apenas de madeira, adornados por telhados coloridos e protegidos da cidade por quietos e bem cuidados campos verdes.

Fomos também ao templo Jongmyo e ao museu do palácio nacional de Gyeongbokung (é mole ou quer mais? tá, então anota aí outros nomes marotos de pronunciar do resto dos palácios: Changdeokgung, Chaggyeongung, Unhyeongung...). Agora imagina tentar pronunciar isso ou mesmo entender de alguém alguma coisa... A língua coreana é difícilíssima e, até onde entendi, tem parentesco direto com o mongol, o húngaro e o finlandês. Firmeza...

O fato é que na rua, ninguém entende nada. O motorista de táxi não nos levou a lugar nenhum. Para achar o hotel, então, foi uma missão. Comer bem, jogo duríssimo. Comida esquisita até para o meu treinado paladar e muita, mas muita pimenta. Para piorar, nossa passagem para Xangai ainda estava com problemas.. Foi complicado (obrigado pela mão, Walter!)

No fim, juntando tudo isso a um tempo feio, horrível e um frio glacial deu aquela baixa. Ficamos cansados, tivemos preguiça de sair cedo do hotel e ficamos com a sensação aflorada que a viagem estava se encaminhando para um fim.

Assim é viajar por mais de seis meses. Tem horas que até esquecemos de casa e outras que bate aquelas saudades...

## Xangai - 26/02

### China

Marília Barrichello Naigeborin



O iluminado cartão-postal de Xangai é o orgulho da nova China.



Mas a paz reside nos seculares jardins de Yuyuan, herança da dinastia Ming.

Depois da parada estratégica em Seul, esperávamos encontrar em Xangai uma China menos inchada. Mas, pela fila na imigração com 38 guichês abertos no aeroporto e pela maciça maioria de chineses, tudo indicava que o feriado de ano novo continuava a movimentar muitas pessoas.

Contudo, na espalhada Xangai e suas inúmeras atrações, a sensação era de estarmos numa baixa temporada. Sentimento ainda reforçado pelo fato de agora começarmos a sentir o frio do inverno e um tempo mais fechado e preguiçoso.

Xangai é uma cidade extremamente moderna, nova e vertical, mas que ainda conserva traços da ocupação européia. Essa convivência do antigo com o novo traz uma beleza bastante peculiar ao cenário urbano da cidade. Andar pelo Bund, a rua que beira o rio Huangpu e ver de um lado o impressionante skyline da ilha de Pudong e de outro as bem preservadas construções européias do início do século XX é sentir um pouco da grande contradição que hoje desafia o país.

E foi nesse cenário paradoxal que uma China mais inocente e ingênua se pronunciou. Voltaram as fotos com famílias e crianças, os olhares curiosos e as metralhadoras de perguntas dos estudantes chineses sedentos para treinar o inglês. E a Índia voltou agora na China. As mesmas perguntas e algumas considerações bem curiosas (para variar, com o Fê): Esse

cabelo é seu mesmo ou você comprou? Descobrimos que na China eles adoram um cabelo com mais volume e que todo mundo faz coisas para se diferenciar: permanente, luzes, tintura de todas as cores possíveis.

Do alto da torre Jinmao, o quarto maior prédio do mundo, é inegável a constatação de como a cidade cresceu e continua a crescer de forma exponencial. O Fê, que esteve aqui há uns 8 anos, ficou surpreso de ver como a cidade mudou, como subiram novos prédios e como os guindastes continuam fazendo parte da vista desta grande metrópole. O fato de a cidade crescer para regiões antes não ocupadas é algo mais previsível, mas o que nos impressionou e de certa forma nos preocupou foi ver que partes históricas (como a antiga concessão francesa) também foram quase inteiramente postas abaixo para dar espaço a imensos e imponentes arranha-céus.

Dos luminosos da rua Nanjing às imensas lojas, shoppings, cadeias e redes internacionais as mais diversas possíveis, as grandes multinacionais vê-se que Xangai realmente mergulhou no capitalismo e esta a altura das principais capitais do mundo. Essa passagem parece estar acontecendo de forma tão rápida que a identidade nacional aparenta estar sufocada por símbolos extremamente americanizados e voláteis...

Para explicar melhor tudo isso, vou contar um pouco do passeio que fizemos pelo túnel que passa por baixo do rio Huangpu e conecta o Bund ao Pudong. Não sabíamos ao certo como seria esse trajeto, mas ao descermos as escadas rolantes e vermos as luzes apagadas com projeção de peixes, luzes coloridas no chão, trepadeiras de plástico e um bondinho, a sensação era de estarmos prestes a entrar em uma réplica kitsch de um brinquedo da Disney. Ah, só para completar, o Mickey aqui é idolatrado e esta nas roupas das crianças, nos moletons dos adultos, no colo dos bebês...

Mas, voltando, a viagem no bondinho foi interessante e as vezes cômica. Foi como se entrássemos dentro de uma árvore de Natal. Túneis de luz, estrelas piscando, raios coloridos e uma voz que falava em inglês e chinês com uma pronúncia difícil de entender: Shining Stars, Heaven or Hell.... Tudo parecia desconexo e sem sentido e no meio do caminho até boneco de posto (aqueles infláveis) tinha. Chegamos do outro lado e depois desse brinquedo naïf e de gosto duvidoso veio a Xangai imponente, urbana com imensos prédios comerciais que apontam para o céu, para o futuro.

No dia seguinte, porém, um passeio deveras China. Fomos conhecer o jardim Yuyuan, local que foi construído no século XVI durante a dinastia Ming. A sensação é de um tempo que não passou. Uma paz, barulho de água, o nadar tranquilo das várias carpas douradas que vivem ali, vários templos junto a jardins de rochas e o mais impressionante de tudo: os bonsais. Um mais lindo que o outro. Pareciam ter saído de livros.

Saindo desse jardim suspenso no meio da cidade demos de cara com o maior mercado de Xangai. E aí de novo entra em cena a China consumista, as sacolas, as ofertas e lembrancinhas mil. E foi nesse cenário que vimos passeando os chineses mais diferentes possível. Foi-se aquela impressão de que todos os chineses são iguais. Diferentes cores, formatos de rosto, olhos mais ou menos puxados, roupas modernas e roupas tradicionais. E a gente voltou a ser estranhos no ninho e alvo de fotos tiradas disfarçadamente na cara dura! Foi lá, também, que experimentamos o xiao long, uma massinha recheada de carne e legumes, tipo guioza ou capelete e cozida no vapor que é tida como o melhor de toda a China. Valeu cada segundo da hora que passamos na fila.

Foi no museu de Xangai que nos aprofundamos um pouco na história da China, das diferentes dinastias e da arte caligráfica. No meio disso tudo, quem é que aparece? O pato origami (que vimos na Eslovênia e que foi descoberto como pato-mandarim pela Lea, na Áustria). Lá estava ele pintado em um dos lindos quadros, que na verdade são rolos (tipo papiros) de seda.

Também visitamos a sede do partido comunista, que paradoxalmente esta localizada num bairro extremamente moderno, rico e novo. Esse bairro é o Xintiang, que ainda conserva edifícios históricos, que hoje funcionam como uma sofisticada opção de lazer e entretenimento.

E para fechar com chave de ouro as impressões de Xangai não poderia deixar de mencionar nosso hotel. O nome já é inspirador: Peace Hotel. Construído no início da década de 30, ele próprio é uma atração da cidade e já hospedou vários famosos, como o Charlie Chaplin. Sua decoração art-deco e sua localização privilegiada, no centro do Bund e que da vista para a ilha de Pudong, certamente ficarão em nossa memória. Resolvemos incluir esse hotel como parte de nossa experiência na China, principalmente depois de descobrirmos que o hotel ficará



fechado nos próximos anos para reforma e que esse seria o último ano para os ilustres hóspedes (ah, é claro que os bons descontos de encerramento das atividades do hotel também influíram na nossa decisão).

E valeu a pena. O Peace Hotel nem sabe como foi simbólico para a gente. Lá estávamos nós vendo as luzes do skyline de Xangai ao mesmo tempo que nos lembrávamos do nosso casamento no Grande Hotel São Pedro, construído na mesma época e com traços similares de arquitetura. Já faz quase 3 anos que trocávamos as alianças com a Meditação de Tais ao fundo. Quem diria, que tal momento seria lembrado agora na China? Isso é Xangai: nostalgia em tempo real.

## Xi'an - 02/03

### China

Fernando Naigeborin



Mesmo sendo milhares, cada um dos guerreiros tem uma expressão facial única.



Só mesmo a caligrafia árabe na porta de entrada para atestar a identidade da mesquita.

Aqui estamos nós, em Xi'an, uma das grandes cidades da antigüidade e marco zero da rota da seda. Sim, depois de mais de seis meses marchando sempre em direção ao oriente finalmente chegamos à parada final da longa jornada das caravanas do passado, as mesmas com as quais topamos tantas vezes nesta nossa viagem.

Há mais de seis mil anos, ainda na era neolítica, nasceu nesta região uma pequena comunidade que deu origem a um vilarejo, depois uma vila, seguida de uma pequena cidade até a formação da primeira capital da civilização chinesa, Chang'an, conhecida hoje em dia como Xi'an.

Foi aqui, há dois mil e duzentos anos, que Qin Shi Huang e seu exército unificaram pela primeira vez uma grande porção do território chinês, que acabou transformando a história do país.

Até hoje o primeiro imperador da China é lembrado nos livros didáticos escolares mandarins por ter sido o patrono desta gigantesca nação. Mas o que realmente eternizou o nome do imperador Qin mundo afora foi a recente descoberta de sua tumba.

Em 1974 camponeses cavavam um buraco no meio da plantação em busca de água. Não tardou muito para pás e picaretas encontrarem os primeiros vestígios do exército de guerreiros de terracota, uma parte do imenso complexo pertencente ao mausoléu do imperador.

Os seis mil guerreiros perfilados como um imenso batalhão protegiam o palácio construído para abrigar a tumba de Qin Shi Huang. Nos últimos trinta anos muitas escavações devolveram à vida milhares deles, além de um sem número de artefatos de guerra, como escudos, adagas, espadas, flechas, cavalos e carruagens de bronze.

O sítio arqueológico mais parece um hangar, de tão grandes que são suas proporções. Ainda assim, os arqueólogos estimam que há muito mais embaixo da terra e que décadas de trabalho ainda estão pela frente. De toda forma, pelo pouco já escavado, é fácil entender por que o mausoléu é comparado às pirâmides do Egito, também estas mausoléus.

Mas conhecer Xi'an não é apenas visitar o famoso exército de terracota. Além de outras tantas coisas para se fazer por aqui (que eu já conto) a cidade é hoje uma das muitas capitais chinesas com milhões de habitantes que cresceram infinitamente nesta última década.

Quando passei por aqui em 1999, conheci uma grande cidade imersa entre casas simples, construções históricas e alguns prédios de concreto maciço, herança da arquitetura comunista criada na antiga União Soviética.

Hoje a cidade está forrada por arranha-céus envidraçados e salpicada de shoppings opulentos e de gosto duvidoso. Uma espessa camada de poluição é visível e perceptível até para nós, acostumados à natureza de São Paulo. Coloridos carros importados circulam apressados pelas principais ruas, aumentando o já caótico trânsito.

Nas ruas, meninas de saias, botas e roupas apertadas convivem com rapazes de cabelos pintados e tosqueados como merengues. Mas na mesma calçada é possível ainda avistar velhinhos apegados aos tradicionais uniformes azuis, a única roupa possível de se adquirir aqui até a bem pouco tempo atrás. E entre tudo e todos, uma nova classe apareceu: a dos mendigos.

É, o preço do capitalismo é alto. Embora o país ainda se considere uma república popular comunista, as mudanças são tantas que fica cada vez mais difícil se sentir entre iguais. Talvez o que mais iguale os chineses do país inteiro hoje em dia não seja mais a roupa, nem a miséria assistida (pelo governo), mas a incrível vontade de falar pelo celular.

Imagina o que um mercado de mais de um bilhão de pessoas que nunca teve acesso à propriedade privada pode oferecer a uma companhia de telecomunicações... Lojas e anúncios de celulares estão em toda parte e todos aqui parecem ter um.

A boa notícia é que, mesmo com toda essa mudança que a sociedade está vivendo, muito da China tradicional ainda persiste.

Basta caminhar a pé pelo centro da cidade e observar que hábitos antigos estão arraigados de tal forma que nem que a China vire uma réplica dos Estados Unidos os mesmos permanecerão. Quer um exemplo? aí vão alguns: chineses adoram ficar agachados, apoiados apenas pelas pernas, por horas a fio. Eu, que estou em forma, mas não sou iogue, não agüento nem cinco minutos desse jeito. A perna começa a formigar e o corpo parece querer perder o equilíbrio.

Que mais... é um hábito tradicional e conhecido por todos que na China a bebida mais popular é o chá. Certo? Talvez. O fato é que as pessoas adoram tomar apenas água fervente, a qualquer hora do dia e da noite. Não sei exatamente bem o porquê, mas quero crer que tenha a ver com a milenar sabedoria chinesa...

Ah, tem mais um hábito chinês que é clássico, mas esse até que podia sumir... Chineses tem uma mania maluca de escarrar. Isso mesmo. É normal que as pessoas escarrem em alto e bom tom em qualquer lugar, na rua, em casa, no restaurante... Uma beleza.

Bom, voltando ao prometido city tour de Xi'an, visitamos os dois marcos mais importantes dentro do centro histórico da cidade ainda hoje guardado pelas antigas muralhas: as torres do sino e do tambor. Tais construções datam originalmente do século XIII e tinham função semelhante aos sinos dos campanários das igrejas européias...

Visitamos também o museu estatal da província e o museu da floresta de estelas. O nome é pomposo e inspira, mas quer dizer que neste antigo museu estão guardadas milhares de estelas, isto é, placas de pedra com textos entalhados. A coleção é tão vasta que ganhou o

nome de floresta. E é tão antiga que muita gente considera o lugar a maior biblioteca da antigüidade.

Caminhando pelas ruas de monólitos decorados com o melhor da caligrafia chinesa é possível (com a ajuda de pequenas traduções em inglês) entender um pouco mais da vida antigamente. É aquela coisa estereotípica: tal rei em tal período proclamou tal lei com tal impacto na sociedade... Nem precisa ir longe para saber que até hoje praticamos essa mesma forma de comunicação. No meu clube, na portaria principal, tem até hoje uma placa em bronze com a data que o governador Mário Covas apareceu lá para marcar oficialmente a abertura do lugar. Na escola, a mesma coisa...

Mas depois de meia hora burocrática, encontrei uma estela completamente em branco, sem uma linha preenchida. Logo imaginei que se tratava de um modelo, ou até de um trabalho inacabado. Quando fui ler a pequena descrição em inglês veio a revelação: tal imperatriz em tal época mandou erigir este imenso monólito dentro de seu palácio para mostrar a todos que seu poder e sua vida tinham sido tão extraordinários que não cabiam em palavras. Eram como a folha branca de um papel ou, no caso, da estela polida e vazia. Na hora me lembrei de uma época em que ficava matutando, meio que por farra, como seria meu epitáfio, acaso eu tivesse a necessidade de escrevê-lo. Nada melhor que o inominável, não?!

Ah, tem mais. Calma que tô acabando. Para mim, o que torna Xi'an realmente um destino impar para o turista ainda é a rota da seda. Através dela vieram para cá missionários budistas da Índia e levas de comerciantes muçulmanos dos países árabes, carregando em seus camelos sua fé e sua cultura... Que influenciaram diretamente na construção das bases da sociedade chinesa.

Hoje a cidade é a sede de uma das maiores comunidades muçulmanas da China. Os 'hui', como são chamados os chineses muçulmanos, estão aqui há mais de mil anos e têm orgulho de sua religião, história e cultura.

De longe, se parecem com outros chineses, mas de perto é evidente a herança árabe, com traços marcados, narizes afilados, sobrancelhas espessas e, de vez em quando, olhos verdes ou cor de mel.

Os homens usam chapéus brancos e ostentam orgulhosos os bem cultivados fiapos de barba. As mulheres ainda usam o véu, sempre de seda. A culinária também tem muito da influência islâmica, com uma miríade de temperos e frutas secas só existentes aqui.

Mas o maior legado é mesmo a grande mesquita de Xian, no coração do bairro muçulmano, no centro da cidade. Construída há mais de mil de anos e reformada muitas vezes, a construção ainda conserva seus traços originais, que mais lembram um templo taoísta do que qualquer outra coisa. Dentro de um enorme jardim com bonsais e pedras, a mesquita é inteira de madeira pintada, com caligrafias chinesas e árabes adornando suas portas. Uma obra de arte fruto da sinergia de duas culturas milenares, protegida por vielas apertadas e mercados lotados de especiarias que nos lembraram e muito das voltas inaugurais da nossa viagem pela Turquia, seis meses atrás.

E das cidades perdidas no interior da Anatólia até aqui muita coisa se passou e muito carregamos em nossas vidas agora. Paisagens maravilhosas, culturas milenares, fés diversas e muitas reflexões sobre o que é a vida, afinal.

## Pequim - 07/03

### China

Fernando Naigeborin



Eu e o vento na cidade proibida



A Muralha da China durante o inverno só para a Marília

Chegamos em Pequim debaixo de uma chuvinha chata, acompanhada de um vento gelado que acabou por conspirar a favor do nosso premeditado plano de fazer o check-in no hotel, tomar aquele merecido banho e, o quanto antes, capotar na cama.

Foi mesmo o melhor que poderíamos ter feito na nossa primeira noite na futura sede das olimpíadas em 2008... Os cinco dias que se seguiram se mostraram tão agitados e intensos que parecia que eu e a Marília éramos participantes de uma verdadeira gincana.

Sabe como é, levantar cedinho mesmo com os termômetros abaixo de zero (o primeiro dia foi todo debaixo de neve), descolar um café da manhã com preços decentes e que lembrasse minimamente o nosso no Brasil... Fazer o cronograma dos passeios, checando os dias de funcionamento e horários de abertura e fechamento de museus, parques, templos, mercados, sem se esquecer de observar ainda a posição de todas essas atrações no mapinha turístico do centro expandido da opulenta capital chinesa.

É, tarefa para quem realmente manja de logística, juro. Ah, e mais importante de tudo, conseguir manejar o tempo para ver tudo aquilo que foi programado para o dia desfrutando dos destaques da cidade sem esquecer de vivenciar os interlúdios. Isto é, passeando pelas ruas no caminho com o vagar necessário para se perder (mas não tanto), procurando restaurantes populares e legítimos (que não fossem guetos turísticos nem aqueles tão tradicionais que servem comidas intraduzíveis no cardápio e indefiníveis aos olhos e ao paladar), checando

ainda as lojinhas de bugigangas (tava na hora de ver aquelas lembrancinhas para quem faltou, né?!). Não foi brincadeira a tal gincana...

Brincadeira mesmo é decifrar o inglês daqui, carinhosamente apelidado de chinglish. Apenas encontrado em alguns hotéis e restaurantes, pontos turísticos e aeroportos esse novo dialeto é difícil de entender, mas é divertidíssimo. A tradução ao pé da letra de frases coloquiais e expressões populares faz do chinglish um jogo de adivinhação fabuloso e, às vezes, transforma enfadonhos cardápios de restaurante em puro besteiro. Dia desses, em um jantar, vi um prato genial, à base de crap. Como? em inglês, crap quer dizer porcaria, por assim dizer. Que nada... O negócio era fino, à base de crab, caranguejo... Em outro, vimos um raped chicken, mas aí nem resolvi perguntar... Coisas de chinglishmen.

Voltando a falar da nossa gincana, olha, valeu muito a pena. Só a cidade proibida já bastaria para fazer de Pequim um destino cinco estrelas. Marco zero da cidade, o bairro inteiramente murado abrigou por cinco séculos a família imperial em mais de oitocentas construções fechadas ao público. Apenas depois da revolução comunista, no século passado, que os portões deste imenso território foram abertos à visitação.

Hoje é possível passar horas a fio entre palácios, jardins e templos de uso exclusivo do imperador e sua família. Um museu guarda preciosidades artísticas, jóias e até o mobiliário original da época, transformando a visita em um passeio pelo túnel do tempo.

Adjacente aos portões de acesso da cidade proibida ficam alguns dos principais pontos turísticos da capital: de um lado, a Praça da Paz Celestial, onde repousa o corpo embalsamado de Mao Tsé Tung em meio a obras corpulentas e sem sal da República Popular da China e de outro, o parque Jingshan, construído em uma encosta rochosa no século XII e ponto de observação privilegiadíssimo de toda a região.

Já que falei de um parque, lembrei de outro que visitamos aqui em Pequim. O Beihai, não muito distante da cidade proibida, é o maior de toda a China e tem mais de mil anos. Entre árvores de todos os tipos, bonsais antiquíssimos e caminhos desenhados por pedriscos brancos esconde-se um lago plácido construído exatamente no mesmo lugar onde Kublai Khan (o sobrinho de Gengis Khan!) fez seu palácio. Mas, mesmo com toda história para contar, o que realmente nos faz lembrar do Beihai são os entusiastas da dança de salão que aparecem todas as manhãs em busca de um par. Mesmo no frio, uma dúzia de casais de todas as idades dançava tranqüilamente debaixo das árvores e das caixas acústicas estrategicamente posicionadas pelo salão a céu aberto mais romântico que já vi. E, nas proximidades, uns outros tantos jogavam peteca com raquetinhas miúdas em movimentos tão sincronizados quantos os estudados passos de dança dos pés-de-valsas chineses.

Na nossa listinha de afazeres entraram também templos taoístas, confucionistas e budistas que permanecem ativos mesmo debaixo da bandeira vermelha comunista. O destaque, para mim, ficou mesmo por conta do templo Lama, de tradição tibetana, que dentro de suas paredes guarda um Buda de quinze metros feito exclusivamente com um único tronco de sândalo, uma madeira muito utilizada para fazer incensos.

Ah, fomos ainda ao zoológico. Em um domingo típico, famílias reunidas estavam ali para dar pipoca aos macacos... Nós, que estávamos em nossa gincana particular, chegamos tarde, mas em tempo de encontrar a área dos pandas. Sonho de consumo da Marília, o passeio só não foi melhor por conta das acomodações antiquadas e um tanto quanto claustrofóbicas designadas aos quatro pandas do zôo. Ver aqueles bichos enormes, gordos e peludos dormindo, zanzando e comendo bateladas de tufo de bambu foi realmente especial. O panda é o protótipo do bicho bonachão e, vá lá, fofinho, que parece de pelúcia, mesmo. Mas na realidade essa aparência toda esconde um animal selvagem e, por vezes, agressivo.

Ainda falando dos pontos altos da nossa estada em Pequim, passamos uma tarde inteira pra-cá-e-pra-lá no palácio de verão anteriormente pertencente à família do imperador. Afastado da cidade proibida e dentro de uma grande fração de terra estão dispostos mais e mais palácios que eram unicamente utilizados no verão, época em que o centro de Pequim fica úmido e tórrido. Para dar conta do recado, um imenso lago foi construído e uma ilha foi deixada propositadamente para encontros românticos e furtivos, que hoje, hospedam casaizinhos chineses simpáticos e felizes.

E, para encerrar mais um capítulo da nossa jornada, deixamos para o último dia, o do embarque para o Canadá, o passeio mais famoso do país: a Muralha da China.

Há oito anos, quando estive aqui, também fui visitar a muralha. Naquela ocasião, fui, junto com um amigo, ao trecho de Simatai, famoso por suas paisagens e esquecido pelo governo chinês em seu programa compulsório de reformas. Desta vez, optamos por conhecer outra seção da muralha, em Huanghuacheng.

Localizado há apenas 60 km da capital, este trecho também foi poupado das restaurações cosméticas e assépticas e por isso se apresenta como uma bela ruína cercada pelo lago Jintang. Mas o melhor mesmo é que ali turistas são raros. Na nossa passagem por lá nada nem ninguém desafiou o silêncio das muralhas. Tudo aquilo era só nosso... Assim, foi fácil respirar a história neste monumento incrível que o homem um dia fez.

De volta à cidade, já em direção ao aeroporto, foi impossível não reparar na transformação pela qual a cidade está passando. Enquanto os hutongs, bairros antigos recortados por casas centenárias, desfalecem inteiros, caixotes de vidro e metal despontam do chão em uma velocidade assustadora.

É aceitável entender que depois de tanto tempo sem excessos e sem um pingão de luxo, o povo e o governo chinês tenham despertado uma vontade em dar um banho de loja em sua capital -- ainda mais agora, às vésperas das olimpíadas. Mas o que transparece nessa "limpeza" toda não é exatamente uma nova cidade em prol da república do povo chinês, mas uma réplica dos conceitos de desenvolvimento da disneilândia "made in China". Aliás, bonecos do Mickey, curiosamente estão por toda a parte.

## Toronto - 16/03

### Canadá

Marília Barrichello Naigeborin



Um dia perfeito a 533 metros de altura



A última imagem da volta ao mundo é a que ficou

Pouco mais de um mês antes de eu e o Fê embarcarmos para a volta ao mundo, dissemos nosso primeiro adeus. Foi para minha irmã gêmea, a Beatriz. Ela e a pequena Chica, uma pug muito fofa e louquinha, foram encontrar com o Guilherme, marido da minha irmã que recebera um convite para trabalhar em Toronto e embarcara primeiro enquanto a Bê se preparava para fechar a casa, sair do emprego e, junto com ele, viver em um novo país.

Ao longo desses sete meses em que estivemos viajando e nos despreendendo do mundo, a busca deles era contrária. Era de fixar raízes, de se adaptar a uma nova cultura, desconstruindo referências para construir uma nova perspectiva de vida.

A despedida foi difícil. Comecei a imaginar como seria a minha no mês seguinte e a dimensionar a gradação da saudades, que já no aeroporto começava a despontar. Sou bastante próxima da minha família como um

todo: dos meus pais, Maria Inês e Antônio Roberto, da Lau, irmã caçula e do Zé, irmão do meio. Mas com a Beatriz tem algo especial que não dá para explicar. Talvez pelo fato de termos dividido muitas coisas.... A começar pela barriga. Também o mesmo quarto, as mesmas canções e até composições que juntas criamos. Vivenciamos juntas grandes emoções e passagens da vida, como o vestibular e a mudança para São Paulo, as festas e cervejadas da faculdade, as brincadeiras de gêmeas no meio da aula da GV onde ela estudou e até nosso casamento foi no mesmo ano. E não foi só essa a coincidência: o Guilherme estudou na mesma faculdade que ela, e o Fê também estudou na mesma que eu. Os dois também estudaram no mesmo colégio (mas sem se conhecer) e são do mesmo signo: aquário. A sorte é que um é loiro e o outro é moreno. Se bem que isso uma vez deu uma confusão danada quando uma amiga viu minha irmã com o Gui e ela achou que eu estava de namorado novo e foi correndo contar para o Fê. Ele deu risadas, claro.

Durante e depois da faculdade foi a época em que claramente cada uma de nos começou a trilhar seu caminho de forma mais independente. Beatriz passou quatro meses em Buenos Aires, eu viajei para Moscou, ela morou um tempo no Rio, mas esses oito meses que separavam sua partida de nosso encontro em Toronto no final da volta ao mundo seriam nosso tempo recorde separadas.

Tudo isso para tentar descrever a emoção que foi quando desembarcamos em Toronto, meio baratinados, depois de 12 horas de fusô e quase 20 horas em trânsito ver o Gui e a Bê ali nos esperando. Prometi para o Fê que não iria chorar, mas não consegui... Mesmo que tenhamos mantido contato por e-mail, Skype e às vezes com câmera e tudo, nada se compara ao olho no olho, ao abraço apertado, à presença física e real.

Pela roupa que eles vestiam já deu para sentir o frio que estaria lá fora. Mas nossos anfitriões precavidos já nos haviam trazido um casaco daqueles de fazer inveja até aos ursos polares. Chegamos em Toronto por volta de 22h, depois de dois vôos, sendo o primeiro uma experiência bem estranha. Vôo lotado (deu overbooking e por sorte conseguimos embarcar) de chineses, o que tornou exponencial a percepção de seus hábitos esquisitos como cuspir no tapete, pedir água quente toda hora, comer manteiga de colherinha e uma energia notável para conversas altas em altas horas.

Mas chegando na casa deles, mesmo cansados, a gente ainda ficou conversando um tempão, nos (re)interando dos acontecimentos, das novas, do tempo que passou. Chegamos na hora certa para inaugurar o apê novo deles. Há menos de uma semana eles haviam mudado e tudo estava tão em ordem que nem parecia que na noite anterior eles ainda tinham coisas para fazer.

Nos próximos três dias de nossa chegada, continuávamos nos sentindo um pouco perdidos com o tempo e o corpo ainda se adaptando ao dia que virou noite e à noite que virou dia. Incrível pensar que voltamos 12 horas no tempo e que na manhã do dia que chegamos em Toronto ainda fomos para a Muralha da China. Então, buscamos fazer passeios simples e aproveitar para conversar bastante. No dia seguinte à nossa chegada, nevou. Eu, Beatriz e Fernando fomos passear com a Chica no parque próximo à casa deles e foi lindo ver tudo branco, o gelo nas ruas, o sapato afundando na neve e alegria da Chica, ainda bem brasileira e deslumbrada com a neve.

Mas a emoção não parou por aí. As coincidências e oportunidades da vida nos trouxeram o grande amigo Hugo. Conheci o Hugo há quase 10 anos e de cara nos identificamos e ficamos amigos. Culto, inteligente e divertido, o Hugo hoje é uma pessoa muito querida de toda a minha família e também amigo do Fê e do Gui. Com ele dividi momentos inesquecíveis da minha vida como o início do meu namoro com o Fê e depois nosso casamento, pois foi ele nosso ilustríssimo mestre de cerimônias. De amigo, o Hugo virou amigo-padre e celebrou o casamento da Bê e do Gui na igreja Bom Jesus de Piracicaba com um discurso até hoje lembrado. Hoje ele está morando na Califórnia, atuando na paróquia local, fazendo um trabalho social e também um mestrado em Berkeley.

Depois de Piracicaba, Ribeirão do Pinhal, São Paulo, Londres (onde nos encontramos totalmente por acaso na frente da abadia de Westminster na maior coincidência da minha vida) nos encontraríamos em Toronto na casa da Beatriz. E a turma estava formada.



E foi essa turma que trouxe brasilidade e, mais especificamente, São Paulo para o Canadá. Demos muitas risadas, trocamos muitas idéias, saímos para conhecer a cidade, fomos ver as cataratas do Niagara, na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos - lindas e congeladas. Também fizemos nossos programas prediletos de quando estávamos em Sampa, como sair para jantar, assistir DVDs, cozinhar. Eles nem sabem, mas foram nossas cobaias para testar as receitas tailandesas que aprendemos no curso em Chiang Mai. Como a comunidade asiática é bem forte no Canadá, não tivemos dificuldades para achar ingredientes e temperos, até então inéditos para a gente. E acertamos na mosca e fizemos bonito. A comida realmente ficou uma delícia. De sobremesa a Beatriz fez uma calda fantástica de morangos, framboesas e blueberries que, junto ao sorvete de creme, virou uma sobremesa de primeiro escalão. Depois de tudo isso, ainda fechamos com chave de ouro com os chocolates finos trazidos pelo Hugo e com o vinho de sobremesa, docinho e gelado, comprado pelo Gui. Um banquete delicioso e a sensação de que a culinária é mesmo algo muito especial e que transcende as barreiras de um país. Ficamos felizes em termos conseguido trazer a eles um pouco do paladar tai que tanto gostamos.

Depois foi a vez de matar as saudades de massa, de restaurante japonês e até de padaria no bairro português. Que delícia poder pedir na nossa língua e comer pão de milho, café de verdade, pastel de Santa Clara... Andando pelas ruas centrais de Toronto não é difícil de perceber o multi-culturalismo de um país novo, com imigração recente e que concentra 60 bairros típicos e cerca de 100 línguas.

Rodamos bastante pela cidade, visitamos os principais museus, mas o highlight mesmo foi o almoço na CN Tower, a maior torre do mundo com 553 metros. Estava tudo perfeito: o tempo, a comida e o visual, então, maravilhoso. E o grande barato da torre é que ela gira. Em pouco mais de 1 hora percorremos 360 graus e todo o skyline da cidade. Inesquecível!

Também andamos pelo "mundo paralelo" das galerias subterrâneas que cruzam todo o centro da cidade, oferecem bastante comodidade e de certa forma constituem um espelho da vida e das coisas que acontecem lá em cima. São mais de 20 km que, acima de tudo, abrigam o canadense do frio gélido e tornam o ir e vir muito mais agradável.

Os seis meses de inverno pesado também fazem com que o povo local viva intensamente qualquer restíia de sol e realmente aproveite o dia fora de casa no pier que margeia o lago, na prainha ou nos parques. E qualquer subida de temperatura é brindada com uma bermuda que descobre as pernas branquérrimas, com uma camiseta. E a gente continuava com os casacões achando esquisito, mas bonito, tudo aquilo.

E nos despedimos primeiro do Hugo, prometendo nos encontrar na Califórnia e dias depois da Beatriz, do Guilherme e da Chica. E essa despedida foi ainda mais difícil do que a outra. Era a despedida deles e de certa forma, também, da volta ao mundo. Mas com certeza enchemos nossos corações de muitas lembranças, experiências inesquecíveis e bons sentimentos necessários para seguir em frente.

Não acho que seja por acaso, que nesse último dia saímos com a primeira foto da viagem impressa, depois de quase 10.000 imagens sendo armazenadas em nosso Ipod. E a impressão saiu poucos minutos após a pose, graças à nova impressora de fotos que eles compraram. Coisas de quem mora fora... No papel estão eu, o Fê, a Bê, o Gui e Lógico, a Chiquinha. E todos estão sorrindo, de verdade. E a gente saiu feliz por poder levá-los conosco e congelarmos um momento tão especial e complexo. Mistura de alegria, ansiedade, euforia e já saudades. Primeira foto, último dia. Eternizamos um tempo: o da última foto e de todas as outras fotos e histórias que ficaram atrás e que nos fizeram chegar até o sofá preto da casa da Beatriz.

## São Paulo - 20/03

### Brasil

Marília Barrichello Naigeborin



Aterrissamos. Dissemos bom dia ao oficial da migração e.... Chegamos!

Depois de passados 217 dias e visitados 20 países, a nossa volta ao mundo retorna ao seu ponto de partida.

Foram quase 25 vôos, sem contar as conexões, que nos fizeram passar por dezenas de aeroportos diferentes, além de uma infinidade de ônibus, trens, táxis, barcos, riquixás, motocicletas... E quase 60 hospedagens entre albergues, pousadas e hotéis.

As mudanças ocorreram de forma bastante veloz: em menos de 4 dias, em média, armávamos e desmontávamos nossas tendas. Adquirimos, então, uma incrível agilidade e métodos apurados para arrumar e desarrumar as mochilas, fazer os check-outs e check-ins, utilizar a internet como a grande facilitadora da viagem e principalmente bastante flexibilidade e desprendimento para rapidamente trocarmos de mapas, moedas, comida, cultura, língua.

Logicamente alguns pequenos "tiltes" aconteceram como acordar no meio da noite sem saber onde estávamos, chegar no dia errado na pousada (afinal para nós viajantes a noção de dia de semana caiu por terra), cair em alguns lugares meio precários maquiados pela internet, ou melhor, pelo Photoshop. De saúde, também os problemas foram poucos e pequenos: dores de estômago e diarreia, pequenos acidentes de percurso como um braço machucado e um pé distendido, gripe e dores de garganta. Mas, isso é tudo. Nem precisamos acionar nosso seguro saúde, coisa que fizemos esperando realmente não usar.

As velhas mochilas resistiram bem e cumpriram seu papel de forma exemplar. Depois de serem despachadas por tantos aeroportos e rodoviárias alguns zíperes se foram, pequenos rasgos apareceram na costura, mas elas nos acompanharam do início ao fim. Toda vez que íamos pegá-las ficávamos com aquele medinho delas terem se extraviado ou voltarem abertas e remexidas por dentro. Mas tudo deu certo e não perdemos nenhuma peça de roupa. Nesse quesito, aliás, fomos nota 10. O Fê tem uma experiência notável nisso e me ajudou a selecionar roupas cingidas leves e a não exagerar no número de peças, pois roupas significam peso e a mochila leve era nossa prioridade número 0. Os modismos ficaram de lado para dar espaço ao conforto e à versatilidade. Exceto o casaco que precisei comprar na Itália e que já estava previsto, nada faltou, nada sobrou. Que bom é se desapegar um pouco do armário, viver com pouco e precisar fazer menos escolhas.

Voltando ao nosso diário de bordo... A chegada em São Paulo foi uma grande surpresa e não poderia estar mais de acordo com nossa volta ao mundo. A família nos pregou uma peça e apareceu em peso exibindo uma faixa de boas vindas nos idiomas dos diferentes países que passamos. A hora que vimos todo aquele pessoal ficamos atônitos e a emoção veio forte nos mostrando claramente o que e quem são nossos alicerces no Brasil e em nossas vidas. O atraso no vôo lotado, o mal atendimento da companhia aérea, o cansaço, tudo ficou de lado e cedeu espaço para a felicidade, a euforia de voltar, a vontade de abraçar a todos, de falar, de ouvir ou então, só sorrir, pois essas pessoas nos conhecem melhor do que ninguém. E depois do encontro no aeroporto ainda tivemos um almoço delicioso servido na casa da minha sogra. Que delícia matar as saudades das comidinhas caseiras e de nossas sobremesas preferidas.

A primeira noite em casa foi uma experiência estranha. Achamos a cama imensa, o colchão macio demais depois das camas duras da Ásia... o apartamento pareceu ter crescido e ficado

mais iluminado. Como tudo é questão de referência e como realmente a Dorothy (a do filme "O Mágico de Oz") estava certa com sua frase: "Não há lugar melhor do que a nossa casa".

E passamos os primeiros dias nos readaptando à cidade, à nossa casa, aos novos acontecimentos e principalmente a nós mesmos, pois essa viagem foi sem dúvida uma grande experiência interior. Que prazer pedir suco de laranja e pão na chapa da padaria da esquina e ouvir o bom dia desprezioso do chapeiro, passear nas ruas, ver os jornais na banca e entender a língua e as expressões populares, falar todos os dias com a família e poder ficar tempo no telefone. Essas coisas pequenas realmente fazem toda a diferença e às vezes é preciso ficar longe delas para dar o devido valor.

É estranho pensar que esse vai ser o último relato de nossa viagem. Talvez seja a prova mais concreta de que a viagem concluiu um ciclo. Lembro que no começo via os títulos dos países no blog (o que estava cinzinha e o que estava ainda por vir) e pensava o quanto essa viagem seria longa e o quanto ainda compartilharíamos sobre ela. Incrível pensar que chegamos até Toronto e, agora, até este texto de despedida. Não foram poucas, entretanto, as vezes que pensamos em desistir de escrever. Em muitos lugares a conexão – quando havia – era bastante precária, com dificuldade de baixar as fotos em computadores pré-históricos. Também tinha a questão da disciplina de parar, refletir, escrever e conseguir tempo para isso. Então, confesso, que ao olhar o relato agora em vias de se completar sinto uma grande alegria e satisfação.

Alegria maior que essa só saber dos nossos companheiros de viagem: amigos, familiares e ilustres desconhecidos que estiveram ao nosso lado, acompanhando a jornada através desse blog. Gostaríamos de agradecer pela leitura, pela amizade, pela força, pelas mensagens e colocar à disposição um novo endereço para contato: [fernandoemaria@gmail.com](mailto:fernandoemaria@gmail.com). Assim, quem sabe, possamos conhecer um pouquinho mais quem já nos conhece intimamente há pelo menos sete meses.

Agora é hora de seguir em frente, de maturar tudo o que aprendemos, de contar e recontar histórias, de selecionar as mais de 8.000 fotos que tiramos, de arrumar a casa, as malas, a mente e o coração.

Vida longa à volta ao mundo, aos sonhos, ao amor, à coragem! Vida longa ao questionador, ao empreendedor, ao excêntrico, ao lunático, ao rebelde que habita em nós. E a todos que viajam sem viajar, pois o novo está em todo lugar, perto e longe, é só saber olhar.